



PUC RIO

MARIA DA GRAÇA PIZÁ TEIXEIRA DE MENEZES

O CÍRCULO DO HORROR - A RECLUSÃO HOSPITALAR NA INFÂNCIA:

Uma proposta de intervenção psicanalítica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, Março de 1993

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / M543 / TESE UC
Titulo: O circulo do horror :



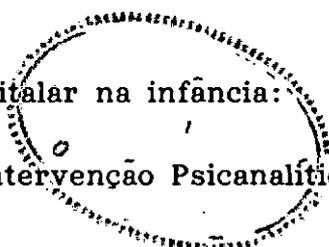
0 0 6 9 4 5 2

Ex 1-CENTRAL 1670

MARIA DA GRAÇA PIZÁ TEIXEIRA DE MENEZES

O CÍRCULO DO HORROR

A Reclusão hospitalar na infância:
Uma proposta de intervenção Psicanalítica



Tese de Mestrado submetida ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Maria Euchares Motta

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1993

UC 46234-5



150
M543
TESE UC

a MD MAGNO
pela arte do analisar, e .

a A.M.
meu,
pelas falas de luz e de fogo.

O Presente trabalho foi realizado no Departamento de Psicologia, do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH) da PUC-Rio, sob a orientação da Dr^a Maria Euchares Motta e na vigência de auxílio pela agência financiadora CNPq.

RESUMO

A reclusão hospitalar na infância é pensada como uma categoria do conceito de perversidade social. A Nova Psicanálise é utilizada para intervir neste quadro social e apresentar propostas eficazes contra a instalação da neurose social.

ABSTRACT

Hospital's children reclusion considered as a specific category of the social perversity concept. The New Psychoanalysis used for an intervention in this close social context, aiming to advance efficient propositions against the general instalation of social neurosis.

TEIXEIRA DE MENEZES, Maria da Graça;

O CÍRCULO DO HORROR - A Reclusão Hospitalar na Infância: uma proposta de intervenção psicanalítica.

Rio de Janeiro, RJ. PUC-Rio. 1993

TESE: Mestre em Psicologia Clínica

1. Infância; 2. Hospitalização;
3. Intervenção Analítica; 4. Perversidade Social.

T R A D U Ç Ã O

Who can Picture
Calvin, Pascal or Nietzsche
as a Pink Chubby Boy ?

W. H. Auden

Quem consegue imaginar
Artaud, Glauber e Qorpo Santo,
num menino de rua ?

A. M.

SUMÁRIO

	P.
APRESENTAÇÃO -----	1
CAPÍTULO I - A RECLUSÃO NA INFÂNCIA	
. A Herança Religiosa e Médico Filantrópica -----	6
. A Herança Jurídica -----	10
. A Herança Psiquiátrica -----	18
. A Herança do Inconsciente - A quem interessa uma criança reclusa ? -----	21
. Notas -----	25
CAPÍTULO II - O CÍRCULO DO HORROR	
. O Estuprador da 1 -----	30
. Os Olhos de Valesca -----	48
. Zê-Morte, Zê-Vida-----	62
. Circe e o Canto da Sereia -----	85
. Janaína Pano Trans-Ferida -----	109
. O Espetáculo da Bala -----	116
. Da Coca à Cola em ghamas -----	140
. A Virgem de Jade -----	152
. Notas -----	231
CAPÍTULO III - ROMPENDO O CÍRCULO DO HORROR	
. O Horror enquanto Perversidade Social -----	234
. O Ato e a Intervenção Psicanalítica -----	246
. Notas -----	251

APRESENTAÇÃO

As doenças, o silêncio imposto, a solidão e as longas noites vazias... o cenário cruel de uma enfermaria de hospital é marcado pela presença de uma criança que ali está por um longo, muito longo período de espera. Isolada, por vezes contida em gases a um leito ou um berço é obrigada a suportar a realidade da sua doença que absorve suas forças com intensa violência e angústia. Ela tenta encontrar uma razão, uma certeza qualquer, uma verdade capaz de fazê-la suportar e atravessar aquele momento, e mais, capaz de manter o "equilíbrio" e a segurança que escapam.

Neste cenário de dor e solidão a criança é "convidada" a experimentar um abandono ainda mais radical... um estar só, um vazio cujos efeitos em seu narcisismo são demolidores.

Vazio preenchido com angústias intensas, depressões profundas, fobias aterrorizantes. Angústias certamente maiores e mais graves que a angústia real frente a sua própria doença.

Cenário de naufrágios onde a angústia do outro, ao seu lado, reflete, atualiza e faz eco a seus medos passados, seus fantasmas presentes que se deslocam em gigantescas noites de insônia... de solidão e de dor... O outro a seu lado também está marcado com os signos da hospitalização... no corpo, no corte, na sonda, no soro... corpo cortado, corpo mutilado, queimado, que grita, que dói, e o choro coberto de solu

soluços e lágrimas...

O silêncio normatizado é silêncio técnico, silêncio que guarda a informação sobre sua doença, seu destino, sua vida... silêncio confabulado que a mantém mais um dia, mais uma semana, mais um mês, mais uma vida. Silêncio que guarda a verdade institucionalizada, silêncio que amplia o isolamento, o medo, a dor...

Silêncio em forma de armadilha que aprisiona, re-clui, exclui seus referenciais amorosos próximos, pai, mãe que se acham distantes, às vezes muito distantes... silêncio que apaga toda e qualquer possível chance de palavra e de troca humanizante...

No lugar vazio de marcações subjetivantes, o silêncio se faz cada vez mais, em série, o silêncio que antecede à sua própria morte. Morte que antecipa o seu perecimento, morte que antecipa o seu apagamento corporal.

Estar reclusa por determinação judicial (acautelada) ou médica é, para a criança, a perda radical de suas possibilidades amorosas. Sem amor, suas forças internas e externas concentram sua atenção e direção no mais forte desejo ali sentido: **o desejo imenso de morrer.**

Aniquilada emocionalmente, a criança reclusa produz um gigantesco desinvestimento pulsional. Um radical desinteresse por si e pelo outro. Ela então se isola, se afasta, se apaga.

Ela precisa ainda suportar a dor física, a dor, o choro, a dor... em prolongado tempo, e o medicamento forçado e o abandono e, a angústia de um tempo que nem se acaba...

E mais... ela precisa ser forte e compreender e suportar a ausência (da mãe), ela deve entender que não pode desafiar as leis da sua natureza biológica. Ela deve ser razoável e suportar, e aguentar, e submeter-se à ordem dos enfermeiros, dos médicos, e principalmente à ordem do juiz, aguentar o medo, a noite... a solidão nas longas, muito longas noites de espera... noites que atualizam mais ausência e morte...

A morte fantasiada de miséria, de pobreza, de carência social, de penúria... miligramas de morte atualizadas em chacinas, rituais macabros, linchamentos sociais, religiosos, amorosos...

A História vem nos mostrar (Capítulo I) como a criança do século XVIII e XIX era reclusa por estar só, abandonada, criando mal-estar social, produzindo-se então, mecanismos de controle da sua saúde nos "hospitais-morredouros", e controle jurídico para a criança "violenta", "perigosa", "vagabunda". A criança passa a ser colocada nos hospitais e cuidada inicialmente pelas instituições médico-filantrópicas e pela polícia e mais tarde pelo aparelho judiciário.

A reclusão, no que guarda o isolamento, o silêncio normatizado, acelera e agrava as experiências traumáticas que condicionaram sua internação.

Nesta clínica teratológica, onde o monstruoso se a apresenta para muito além de uma deformidade orgânica, o monstruoso, o horroroso deste processo vem em forma de disfarces, de ilusões, de falsidades, ódios reativos, indiferença e por fim apagamento radical de toda chance subjetivante, onde o seu nome, a sua assinatura, a sua cara não existe.

A reclusão por ser oficial, normatizada, modalizada, e inserida na sociedade, no Estado não é de modo algum considerada como criminosa.

O Círculo do Horror (Capítulo II) no seu implacável e permanente movimento, gira em torno da criança, numa dança macabra cujo convite explícito é o seu desaparecimento, seu "desacontecer".

As reclusões aqui descritas, foram mantidas por de terminação judicial (crianças e adolescentes acutelados) ou por decisão médica em função da gravidade de seus quadros clínico e/ou social.

Mas, chegar ao fundo e constatar na reclusão, o que ela guarda e esconde em seu lado hermético e obscuro, é constatar a presença dos impressionantes mecanismos familiares, institucionais, sociais, mecanismos de manutenção e preservação de um modo pedagógico normatizante.

O destino da criança reclusa é decidido na trama destes mecanismos, destes discursos, decisão esta onde ela raramente participa... Na reclusão de uma criança... não há

crime, há doença, não há réu, há doente... seu único crime é estar e ser doente, e não ser mais bonita, saudável, sorridente... e não ter mais futuro...

Romper o círculo do horror (Capítulo III) e propor em ato uma intervenção analítica capaz de pontuar esta neurose social, esta perversidade e propor saídas, desde uma escuta cuidadosa a intervenções que mudem o rumo de sua vida ... E porque não ?

* * *

1. A HERANÇA MÉDICO-FILANTRÓPICA

Uma estranha máquina a vapor é exibida numa praça pública, em Paris, no século XVIII, com os seguintes dizeres:

"Avisamos aos pais, tutores, diretores de internatos, e de modo geral a todas as pessoas que tenham crianças preguiçosas, gulosas, indóceis, desobedientes, briguintas, mexeriquentas, faladoras, sem religião, ou que tenham qualquer outro defeito que o Sr. Bicho-papão e a Srª Tralha-velha acabaram de colocar em cada distrito da cidade de Paris uma máquina semelhante a representada nesta gravura e recebem diariamente em seus estabelecimentos, de meio-dia às duas horas, crianças que precisam ser corrigidas (...) O baixo preço da correção dada pela máquina à vapor e seus surpreendentes efeitos, levarão os pais à usá-la tanto quanto o exija o mau comportamento de seus filhos. Aceitam-se como internas, crianças incorrigíveis, que são alimentadas a pão e água" [1].

A criança "vagabunda" e "rebelde" se torna uma realidade ao longo do século XVIII, atraindo os esforços filantrópicos, religiosos, jurídicos, punitivos...

O controle punitivo sobre a criança considerada sem adaptação, desobediente, briguinta, incrédula, bagunceira, que não quer estudar, que fica na rua, busca exercer-se numa proporção cada vez mais intensa.

Esta "Pobre criança" que inspirava os mais contradi

CAPÍTULO I

A RECLUSÃO NA INFÂNCIA

tórios sentimentos desde pena, ódio, rejeição, começou a ser retirada das ruas e colocada em instituições fechadas que eram, encarregadas de acolher tais crianças e cumpriam um papel social bem claro. Eram instituições de assistência como também de separação e exclusão social.

A criança pobre representava riscos não só de violência como também de contágio.

Retiradas da rua, juntamente com os mendigos, prostitutas "tralhas-velhas" eram conduzidas para os "morredouros" ...

Aqueles lugares eram administrados por organizações leigas e religiosas que cuidavam da distribuição dos víveres e do vestiário.

O trabalho inicialmente filantrópico deu origem aos serviços médicos que passaram a ser exercidos nos morredouros.

M. Foucault^[2] descreve o aspecto econômico e político no processo histórico da estruturação das "repartições hospitalares".

Só ia para o hospital o pobre, o mendigo, o vagabundo, o bastardo, a prostituta. O Hospital era na sua origem uma instituição paroquial e caridosa, à qual se outorgava o direito de denunciar o "elemento" que estava sobrando na sociedade. Era também uma estrutura semi-jurídica e uma instância que obedecia à ordem do rei.

O pobre do século XVIII não é um doente que precisa ser curado. Ele é internado porque está só e abandonado, criando com isso um mal-estar social.

Michelle Perrot^[3] descreve os mecanismos de controle social utilizados no final do século XVIII e início do século XIX para a criança violenta, culpada, perigosa, criança "vagabunda", sem casa, sem escola, cuja família igualmente arruinada passa a ser controlada por estas instituições filantrópicas e também pela polícia.

Elas eram recolhidas da rua por comissários de polícia e entregues às irmãs de caridade.

Assim, a representação do mal em forma de miséria e doença, por contágio, promiscuidade ou violência, se conjuga com o ideal religioso da solidão dos mosteiros, para dar sentido à existência desses hospitais-claustro.

Encontramos, então, na história do nascimento do hospital o claustro, o isolamento, a reclusão de pobres, loucos, vagabundos como forma de purificação, pois representava, além da ameaça de contágios e epidemias vistos como o grande mal, a possibilidade da purificação. Isolados, eram atendidos por religiosas caridosas que estavam em busca de garantias de salvação eterna. O isolamento, a reclusão não visam a cura mas a busca da salvação:

"O isolamento é o melhor meio de agir sobre o moral das crianças: é aí principalmente que a voz da religião, mesmo se nun

ca houvesse falado a seu coração, recebe toda a sua força e emoção"[4].

O hospital como "instrumento terapêutico" é uma invenção que surge somente no final do século XVIII. É a partir do século XIX que se desenvolve uma arte de cuidar do corpo humano, através de uma atenção e vigilância constantes. O interno passa a ser controlado numa intensa atividade diária onde uma "pirâmide de olhares" vai estabelecer os mais diversos mecanismos de disciplina no confuso espaço hospitalar.

O hospital passa a ser um lugar onde os médicos vão aprender e exercitar a medicina. A intervenção médica e a disciplina do espaço hospitalar vão estruturar o hospital como "instrumento de cura terapêutica":

"O médico que as comunidades religiosas chamavam para fazer visitas aos hospitais, era, geralmente, o pior dos médicos. O grande médico de hospital, aquele que será mais sábio quanto maior for a sua experiência hospitalar, é uma invenção do final do século XVIII"[5].

O médico passa a ser o principal responsável pela organização hospitalar, banindo assim da sua forma inicial o claustro, o isolamento dos internos, forma inicial que a comunidade religiosa-filantrópica se utilizou para organizá-lo.

2. A HERANÇA JURÍDICA

As crianças bastardas ofereciam a maior das ameaças da rua. Elas eram crianças abandonadas e vadias que representavam os futuros "delinqüentes revoltados" e criminosos.

A idéia da hereditariedade do crime e da delinqüência cresce no final do século XVIII e com ela a idéia do eugenisimo. Era preciso purificar, selecionar e isolar os loucos, os delinqüentes, os perigosos, os doentes e controlá-los nas Instituições.

Em 1840 é criada na França, a penitenciária infantil de Mettray, cujo modelo representava todas as tecnologias coercitivas do comportamento, inaugurando e estabelecendo o princípio do internamento celular para crianças e jovens.

Com esta citação Foucault localiza Mettray na história dos cárceres para crianças na França:

"Tivesse eu que fixar a data em que se completa a formação do sistema carcerário, não escolheria 1810 (...) mas 22 de janeiro de 1840, data da abertura oficial de Mettray (...) aquele dia, de uma glória sem calendário, em que uma criança de Mettray agonizava dizendo: "Que pena ter que deixar tão cedo a colônia". Era a morte do primeiro santo penitenciário. Muitos bem-aventurados o seguiram, sem dúvida, se é verdade que os colonos costumavam dizer, para fazer o elogio da nova política punitiva do corpo: "Preferiríamos as pancadas, mas a cela é melhor para nós". Mettray (...) tem alguma coisa do claustro, da prisão, do colégio, do regimento. [6].

No início do século XIX, o Código Penal Francês admite e encobre uma forma de punir as crianças incorrigíveis. A "correção paterna".

Surge a repressão e a interferência direta do Estado na educação e nos cuidados da criança através das "polícias de família" (Donzelot).

Através de uma "Carta Secreta", a "correção paterna" delegava ao poder público o aprisionamento e a reclusão da criança em estabelecimentos penais.

Os artigos 375 a 382 do Código Civil Francês definia em que condições o pai expressava "os graves descontentamentos" sobre a conduta da criança e assim poderia apelar ao tribunal de sua cidade através da "Carta Secreta".

Até os 16 anos a detenção e a reclusão não podiam exceder um mês. Dos 16 anos até a maioridade, a reclusão poderia se estender até o sexto mês.

As formalidades e as garantias eram muito reduzidas e sigilosas.

Não havia nunca, em nenhum fato, processo, nem qualquer espécie de formalidade judicial, para que os motivos não fossem jamais enunciados. Se por ventura a criança ousasse ainda repetir a conduta que motivou sua detenção e reclusão, ela era novamente detida.

Esse procedimento, que até então era privilégio das famílias abastadas, começou a ser permitido às famílias po-

bres em 1841. O Estado assumia "as rédeas" do caso e decidia pelo pai, muitas vezes ausente. Com a criação de Mettray (1840) surgiram outras prisões para crianças. A prisão de Madelonettes e mais tarde o complexo de Petite Roquette, o estabelecimento modelo construído de forma circular, "o Panóptico" que permitia vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalização, isolamento e transparência". Este sistema permitia o isolamento celular (reclusão) "diurna e noturna". O sistema de reclusão celular para criança estava sendo louvado e aplaudido pelo sistema da Filadélfia, Estados Unidos. O objetivo da reclusão era extirpar o mal da criança ainda pouco corrompida. É com esta descrição espantosa que vemos, num documento de H.A. Frégier, como vivia a criança reclusa:

"Nos 1º e 2º andares de uma das alas circulares da prisão, existem (...) duas fileiras de celas nas quais são aprisionadas as crianças. Estas celas são talvez pouco espaçosas, mas este inconveniente é remediado por uma ventilação constante que renova o ar na medida do necessário (...) a criança que aí é admitida deixa de ser chamada pelo seu nome de família, sendo chamada pelo número da sua cela.

É obrigada a se manter em silêncio e a ter uma ocupação constante que é regulada pela administração (...). Cada dia, se o tempo permite, um certo número de crianças é conduzida ao passeio pelos pátios da penitenciária (...) Esse exercício é feito isoladamente, ou seja, que as crianças chamadas para o passeio vão acompanhadas, a cada meia-hora por um inspetor, de maneira que nunca se encontram" [7].

A reclusão, que a princípio tinha um objetivo corre

tivo, punitivo vai se transformando numa estratégia de eliminação. As crianças reclusas de Petite Roquette vão "engordando" as celas. Com o tempo, e as pressões psicológicas e físicas, vão se tornando crianças doentes, magras, desnutridas. O regime da reclusão vai debilitando-as a ponto da mortalidade alcançar índices alarmantes. Os casos de suicídio começam a ser cada vez mais comuns. E com o volume de mortes começa a surgir nas crianças um forte sentimento de revolta^[8]. Se recusam a trabalhar, a sair para os passeios. Após inúmeros incidentes individuais surge em 1848 a maior revolta existente nos presídios de então.

Mas foi somente em 1865 que a imperatriz francesa, Eugenia, após visitar a Petite Roquette, decide fechá-la.

Foucault vem nos mostrar como a superposição dos modelos de instituições penais e parapenais determinam a função de "adestramento":

"(...) os chefes e subchefes de Mettray não devem ser exatamente nem juizes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", mas um pouco de tudo isso e num modo de intervenção que é específico (...) são os técnicos do comportamento, os engenheiros da conduta, ortopedistas da individualidade".

Para Foucault, Mettray, como modelo punitivo "foi a mais famosa de toda uma série de instituições que bem além das fronteiras do direito penal constituíram o que se poderia chamar o arquipélago carcerário".

A estrutura montada no sistema jurídico-penal dos séculos XVIII e XIX permitiu a reclusão e o encarceramento de crianças e jovens que apresentavam mau comportamento, infração, ou cometiam algum pecado. A penitência, o enclausuramento eram impostos para a correção, o adestramento e a "eliminação". Apesar dos grandes códigos e legislações da época afirmarem que o enclausuramento ilegal não era permitido, sabe-se que a prática de aprisionamento extrapenal na realidade nunca foi abandonada.

Ainda hoje, a reclusão é a pena mais grave, pelo menos no Sistema de Penas do Direito Brasileiro, que desconhece a pena de morte e a prisão perpétua.

O Brasil, que desconhece, na sua história, a existência de prisões oficiais para crianças, assiste hoje a uma explosiva violência contra a criança^[9].

Recentemente o jornalista Gilberto Dimenstein investigou na Amazônia a rota do tráfico de meninas sequestradas, vendidas, e mantidas em cativeiro onde são exploradas no submundo da prostituição infantil.

"Respeitando" a herança européia onde a criança do século XIX era reclusa em hospitais, hospícios, orfanatos, asilos, colônias penais, a criança brasileira do século XX se encontra numa situação talvez não muito distante daquela retratada, há dois séculos.

A criança e ao adolescente de hoje, a lei penal é ininputável. Mas nem por isso deixam de cumprir a sua "pe-

na".

Considerada como a "incapaz jurídica", sua "pena" será cumprida nos reformatórios, hospitais psiquiátricos, sanatórios...

O sistema jurídico com sua "nova economia de poder" criou o sistema carcerário que é o seu instrumento de base. Neste sistema vemos surgir uma nova forma de "lei": uma mistura de "legalidade" e "natureza", de "prescrição" e "constituição".

O sistema jurídico, na medida em que enuncia o que deve ser, estabelece normas. É portanto um sistema normativo.

Foucault critica o imenso "apetite de medicina" dos juristas, desde o seu apelo aos peritos psiquiatras, "até à atenção que dão ao falatório da criminologia" (...) "A rede carcerária em suas formas concentradas ou disseminadas com seus sistemas de inserção, distribuição, vigilância, observação, foi o grande apoio, na sociedade moderna, do poder normalizador".

Foucault denuncia outros "dispositivos carcerários" que se destinam a aliviar, a curar, a socorrer, mas que tendem todos a exercer um poder de normalização..."

O sistema médico-científico seria um desses dispositivos, uma vez que não imputa nenhuma pena legal mas imputa a responsabilidade da doença a uma "Possível" má ação do doen-

te. O dispositivo médico, ao propor uma internação prolonga da não impede que se aprisione, se enclausure o doente se ele for julgado perigoso, como a criança que comete infração, se ja ela portadora de doença infecto-contagiosa por exemplo, AIDS ou mesmo um grão de loucura. Desta vez, não será mais à força que se recorrerá, mas se fará apelo à razão da criança, pois ela deve compreender que não se pode e não se deve discutir as leis, desta vez da natureza. Isto tem um sentido preciso para uma criança: submeter-se à ordem dos pais, à ordem médica, ela deverá ser razoável, "colaborar", ter paciência, e esperar passivamente o tempo que for estabelecido, suportar e aceitar as condições oferecidas a ela, na sua situação de doente.

Aqui, no sistema hospitalar não há necessariamente um crime a ser julgado, não há réu, há o doente. Não há crime, há doença. E em nome desta doença, a criança deverá aguardar o tempo que lhe for prescrito para o cumprimento de sua "internação" (...).

E o que é que substitui no Brasil as prisões para crianças ?

A grande ameaça, o grande terror infantil do século XIX e do século XX no Brasil, foram, sem dúvida, os colégios-internos. A disciplina imposta pela instituição escolar tinha na sua prática educacional a normatização à força do comportamento dos indisciplinados, ou dos delinquentes perigosos.

A técnica disciplinar fez escola e cumpriu com o objetivo estabelecido — o controle da normalidade. A criança no internato deve ser capaz de compartilhar sua vida na rotina rígida da organização institucional. Ela deve saber que sua palavra não vale nada para o adulto, que não pode questionar a disciplina.

A criança que ousar romper com a norma, não quer se submeter à autoridade, se ela aprender a força do dizer "NÃO" às regras, esta criança será punida como desviante [10].

Mas, em outubro de 1992 a FEBEM de São Paulo, localizada em Tatuapé exibiu talvez a maior rebelião da história destes internatos-prisão. Crianças e adolescentes revoltados com as péssimas condições de suas reclusões decidiram "estourar as casas". A TV exibia labaredas imensas, ambulâncias cruzando imagens de horror, policiais de choque paralisados diante das motoserras exibidas com tesouras... narizes e bocas tapados em sacos plásticos cheios de cola. Frases gritantes anunciavam da boca destes internos: "Vamos lá para vocês verem o que é a FEBEM". Entrincheirados nos pátios, armados com paus, facas, ferramentas, os meninos dominavam as instalações... faziam reféns, jogavam alimentos para as favelas vizinhas.

Parlamentares e representantes da sociedade civil se apressavam a fazer denúncias de maus-tratos e violências...

Após a rebelião os meninos são reconduzidos, à imagem e semelhança das prisões infantis, do século XIX, para

suas celas. A Secretária Interina justifica a ordem: tratar-se-ia de uma recondução enérgica aos hábitos de convivência...

Do lado de fora dos muros e das normas burocráticas a população vai erguendo suas grades-portarias:

"Rebeliões como a da FEBEM, são fruto da violência de meninos sem lei, uma violência que deve ser tratada no mínimo com reclusão", opinam os mais secretariáveis.

Afinal, é preciso ser enérgico para vigorar a lei, a ordem e a disciplina, demanda explícita dos cidadãos demanda dos órgãos públicos para mostrar pulso firme"[11].

3. A HERANÇA DOS LOUCOS

Outras Instituições voltadas para o atendimento da criança se enquadraram nesta prática. As práticas médico-psiquiátricas criaram os hospitais psiquiátricos infantis conectados ao aparelho judiciário, garantiram a existência destas Instituições.

A reclusão induz à confissão, assim como as práticas religiosas e depois judiciárias da Idade Média. O interrogatório — confissão desta época era feito segundo as regras e as normas legais:

"A prática de internamento, no começo do século XIX coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momentos em que aparece não mais como julgamento perturbado mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre (...)"

Antes do século XVIII, o louco não era sistematicamente internado. A loucura era uma forma de erro ou ilusão.

A internação e o isolamento vinham quando o caso tomava formas extremas ou perigosas. Esquirol recomendava que as celas dos loucos fossem abertas para a vista de um jardim, pois era mais "terapêutico" o contato com a natureza.

"Assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do século XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. Mas também espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão" [12].

Os loucos da Idade Média encontram o seu lugar nos hospitais-claustro, junto aos "vagabundos", às crianças "in corrigíveis" e aos "insensatos". É lá que Pinel (e a psiquiatria) vai encontrá-los: durante o século XIX a loucura esteve reclusa nas fortalezas dos hospícios onde estava relacionada à razão, às regras da moral e às noites monótonas.

Excluído em nome da razão, o louco ainda é alienado

pela psiquiatria que o separa e o codifica.

Encarcerados de um lado, internados de outro, o louco "perigoso", "agitado", "violento" é recluso por "serviços" de segurança ou de força em celas escuras, em camisas de força físicas ou "químicas", recluso ao trágico silêncio de seu tempo... [13].

Nosso século presenciou com o final da Grande Guerra a eliminação em massa de pessoas reclusas em asilos psiquiátricos. Como testemunha essencial daquela guerra, daquele a bismo encontramos Artaud. Testemunha capital que foi lançado em péssimas condições de sobrevivência num asilo de loucos. Nesta época quarenta mil mortos de fome morreram só nos asilos franceses, entre 1940 e 1944, eliminação física sem alarg de, apenas como um pequeno detalhe da população alienada. É naquele inferno (da reclusão) que Artaud sofre, resiste, sub siste, escreve [14].

O enclausuramento, a reclusão do louco se tornou nor ma e apoiado pelo poder da igreja, pelo poder médico e poder jurídico, separou o "ruim", o "resto", da sociedade. O louco, assim como a criança abandonada, a prostituta, o vagabundo, o pobre, todos encontraram o muro que a sociedade impôs a eles.

No conceito das fortalezas, dos muros das celas úmi das e escuras, dos alojamentos, depósitos-morredouros encon tramos a herança da reclusão. Herança brutal que a socieda de da "era clássica" nos legou.

4. A HERANÇA DO INCONSCIENTE

. A quem interessa manter uma criança reclusa ?

A criança doente, deformada, marcada, impotente, imobilizada no silêncio normatizado e confinada no seu próprio silêncio e na sua dor parece revelar na transparência do horror o mais puro real de todos os nossos desejos.

A criança reclusa está ali, sem véu, sem disfarces.

Não é ela a parte amaldiçoada, odiada, excluída da família e da sociedade, condenada a desaparecer ?

Não será ela, ainda, por que não ? herança de cada um de nós ?

A todos interessa a sua reclusão, a todos convém o seu "desacontecer", a sua morte. Ela se transforma no objeto de morte necessária, ao mesmo tempo que impossível^[16].

A verdade que recusamos ver não está escamoteada na realidade da sua condição, na medida em que nos recusamos a pensar saídas eficazes para suspender e alterar a situação criada pela reclusão ?

A criança reclusa, abandonada em seu leito de morte (simbólica), aguardando seu perecimento não estaria evidenciando o imenso espetáculo da fantasia trazida por Freud em "Bate-se numa criança" ?

Neste círculo do horror (ver capítulo II) não se evidencia uma pequena prova do desejo escamoteado, protegido a quatro paredes ?

A reclusão de uma criança doente, abandonada, não seria a metáfora da renúncia do gozo ...?

Finge-se que está todo mundo muito sensibilizado. As leis da Sociedade e do Estado parecem protegê-la, mas perdem toda sua força e poder legiferante quando algo se evidencia.

Ao se retirar, esconder-se, aprisionar e "proteger" em nome da lei, fica evidenciada a tentativa de se desfazer de algo que tem estatuto de representante inconsciente. O desejo mais puro segue o seu louco destino. Se destrói, através da imagem e semelhança de lugar que a criança reclusa ocupa, aquela representação narcísica primeira, que está em cada um de nós. Esta criança que desejamos "matar" e que denuncia com requinte admirável este movimento recalcante, é a criança em nós mesmos. A criança que precisa ser morta não é a outra ?

Mas o que é visível é a criança que traz como condição da reclusão, a sua pobreza, a sua miséria, o seu abandono em forma de representante da morte, da perda, da falta...

O invisível é o que não se vê neste desejo em tudo o que se faz em função desse desejo que hoje é espetacular. O desejo de sacrificar, de matar uma criança em nome de deslocamentos morais, éticos-religiosos ou científicos, mas nunca admitidos como sendo de cada um de nós, esse movimento que é

pulsional, em nós. O modo como operamos com a criança diz so bre como lidamos com o desejo.

A psicanálise enquanto psicanálise precisa nomear tal desejo, torná-lo consciente. A chance pode ser dada. A chance de perceber que a criança que suspende a fascinante a posta do destino, a criança a matar, a criança a celebrar, a criança onipotente, a criança aterrorizante, nada mais é que a representação do representante narcísico primário. Parte amaldiçoada e universalmente repartida, a herança de cada um de nós.

O invisível deste desejo, o desejo de matar fica pro tegido na trama de deslocamentos e movimentos recalcentes que encobrem num teatro espetacular este "crime organizado"^[14] , onde a família, a sociedade e o Estado participam de um mesmo ritual:

— A família, depositária dos processos repressivos inaugura em nome da moral, a violência em forma de abandonos, privações, violência e por fim isolamentos expressos em gigantescos e grotescos movimentos recalcentes...

— A sociedade por sua vez reduplica os mecanismos familiares só que agora num contexto maior e mais bem representado, administrado, produzindo assim com requinte mais e mais violência, mais e mais abandonos, exclusões e prisões em série...

Neste quadro de gigantesca "neurose social", assistimos à criação de poderosos regimes de sustentação do fetiche.

A criança reclusa assume o lugar do objeto da morte, o lugar fetichizado e promovida ao "status" da "perversidade social"[17].

— O Estado, ao estabelecer e legiferar as leis e normas a todo tratamento dos direitos da criança cria também mecanismos de escamoteamento. Em nome da lei, científica ou jurídica, uma criança pode ficar anos de sua vida reclusa num hospital.

Afinal, a quem interessa uma criança reclusa ?

CAPÍTULO I

NOTAS

- [1] FOUCAULT, M. "Vigiar e punir" (1974) ilustração nº 29. Máquina a vapor para a rápida correção das meninas e dos meninos" - A foto publicada por Foucault é de dezembro de 1842 e traz esta citação como explicação do funcionamento da máquina.
- [2] —. no artigo "A Política da Saúde no século XVIII".
- [3] PERROT, Michelle - texto inédito - "Sur la Segregation de L'enfance au XIX^{eme} Siècle - "L'enfance corrigé - De l'enfance coupable à l'enfance en danger".
- [4] FOUCAULT, M. "Vigiar e Punir" (1977), p. 258.
- [5] —. Microfísica do poder (1982) p. 110.
- [6] —. Vigiar e punir (1977) p. 257.
- [7] PERROT, M. texto inédito "Sur la segregation...".
- [8] A nova lei 8069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente) garante o direito à liberdade ao respeito e a dignidade da criança proibindo toda e qualquer forma de violação destes direitos. No entanto, o aprisionamento, a prisão ilegal, a detenção ilegal temporária, o sequestro, o tráfico e a reclusão de crianças existe em grande escala no Brasil.

- [9] Mesmo as crianças doentes e as crianças reclusas não es-
tão imunes à revolta. O Poder estatuído pensa a revol-
ta somente como algo a ser banido, mas a revolta é uma
das formas de dizer a verdade.
- [10] ALTOÊ, Sonia. Infâncias perdidas, p. 38. "O desvio
aí significa a individualidade da criança que, se não
for submetida à ordem Institucional contribui para a
desarticulação do "grupo" - o que está em jogo é a har-
monia disciplinar vigente".
- [11] GUIRADO, M. Artigo "Mãos armadas" publicado no Jornal
da Federal CFP. Nov/Dez/92.
- [12] FOUCAULT, M. "Microfísica do Poder", p. 122.
- [13] ALTUSSER, Louis, "L'avenir dure long temps" - Nos dois
primeiros capítulos deste livro, Altusser descreve com
impressionante horror a sua experiência no interior da
sua reclusão hospitalar psiquiátrica. É curioso obser-
var como um homem como ele, que soube bem dizer o seu
sintoma, descreve esta experiência (ver p. 14, 15 e 16)
- [14] SOLLERS, P. "Artaud contra o espetáculo". Artigo publi-
cado no Art Press e traduzido para o Boletim DOIS, nº
6 do CFRJ.
- [15] Ibid. - "A sociedade vista, concebida e desvelada como
crime organizado e se maquiando, por vezes, em suicídio"
A expressão "crime organizado" é citada por Sollers lem-
brando uma interpretação em tres tempos dada por Artaud

quando pensava a experiência da sua internação. No 1º tempo da interpretação, se refere ao "mistério" ao "escândalo" a "experiência delirante", a "maldição". No 2º tempo, o "obscurantismo" filosófico (a experiência de Artaud vivida como uma "descida às profundezas do íntimo. No 3º tempo, depois do "obscurantismo", chega-se a "sacralização e ao investimento de valor do continente. O sentido não é mais considerado, A sociedade passa a ser concebida toda ela como um grande "Crime organizado".

- [16] A transformação da criança em "objeto" será desenvolvida no Capítulo III (item 1) - "O Horror enquanto Perversidade Social".
- [17] O conceito de perversidade social de MDMagno será desenvolvido no Capítulo III (item 1) - "O Horror enquanto Perversidade Social".

CAPÍTULO II

O CÍRCULO DO HORROR

As intervenções que aqui comparecem para constituir a matéria central deste trabalho, foram realizadas no período de 1984 à 1992 em diferentes hospitais da rede pública federal.

As reclusões, aqui descritas, foram mantidas por decisão judicial (acauteladas) ou por decisão médica em função de seus quadros clínico e social. Seus nomes foram trocados para preservar suas imagens, embora algumas já tenham morrido. Foram escolhidos por terem sobrevivido a situações de risco; linchamentos, chacinas organizadas, rituais macabros de seitas, acidentes graves (incêndio, atropelamento) de que milhares de crianças perecem no Brasil.

Suas histórias foram mantidas após a transcrição de cada atendimento realizado, com o objetivo de apresentar e analisar a dimensão do horror ao qual estiveram submetidas horror enquanto aniquilamento, horror enquanto apagamento corporal e subjetivo, horror enquanto perversidade.

A reclusão, no que guarda as características do isolamento, do afastamento familiar, do silêncio normatizado e tempo prolongado, contribui para o aparecimento e o agravamento de novos sintomas que atualizam em série as experiências traumáticas que condicionaram suas internações.

Romper este círculo^[1] e propor uma intervenção analítica capaz de não se inibir com o cálculo e as consequências do horror que comparece nesta clínica teratológica, é um exercício possível da psicanálise. Nesta clínica, onde o monstruoso se apresenta para além da doença orgânica, o monstruoso vem em forma de disfarces, escamoteamentos, ilusões, falsidades, ódios reativos, indiferença e apagamento radical de chances humanizantes, nesta clínica onde as crianças são uma grave denúncia da condição humana horrorosa a qual foram lançadas, nesta clínica a psicanálise pode e deve intervir. E para abrir este capítulo gostaria apenas de lembrar duas frases: a primeira, é de Freud, escrita em 1937:

"Não nos esqueçamos que a situação analítica está fundada sobre o amor da verdade, ou seja, sobre o reconhecimento daquilo que deve excluir toda ilusão e toda mentira"[1].

E a segunda é de Lacan, quando ele buscava a essência da transferência no "Banquete" de Platão. Lá, ele encontra a definição daquilo que se tentou preservar neste trabalho:

"O amor é signo quando se troca de discurso, e é discurso analítico na passagem de um discurso para o outro" [2].

O ESTUPRADOR DA 1

"... Pero las leyes nos protegen. Y quando no hay leyes, entonces el amor nos protege. Mi amor te protege de mí, para que yo no te haga daño. Nadie es más vulnerable a mí que tú mismo, pero el amor te ampara. Yo no te temo porque el amor amortigua todas tus irritaciones, tus instintos poco naturales, tus odios y tus boberias. Pero no passa lo mismo con el bebé. Es demasiado pequeño para conocer el amor, o una ley del amor, o cualquier otra cosa, hasta que se lo enseñemos.

Y mientras tanto somos nosotros los vulnerables".

Ray Bradbury.

Você já viu o estuprador da 1 ? O garoto tem só quinze anos e pegaram ele comendo não sei quem, acho que uma menininha... não, foi um garotinho de quatro anos... é o primo dele, pode ?

Assim a assistente social me passou o caso do menino da enfermaria 1 que chegara naquela semana. Fui vê-lo. O "acusado" estava lá, sentado num canto, de cabeça baixa, apoiado nos joelhos. Coçava a cabeça e franzia a testa como se estivesse sentindo muita dor. Me aproximei dele, me abaixei e perguntei se ele não estava se sentindo bem...

— Não, é que ontem, lá na "Depê"* me pegaram e amassaram minha cabeça contra as grade ...

* Delegacia de Polícia.

Olhar assustado, coçava o ferimento com a ponta dos dedos. Um sangue seco, coagulado do dia anterior, era visível.

— Ainda dói muito ?

Edu balançou a cabeça positivamente...

— Vou pedir para o enfermeiro te fazer um curativo, ainda não viram que estás machucado ?

— Acho que não...

— Eu sou a psicóloga da tua enfermaria, tu queres conversar um pouco comigo ?

— Acho que sim, mas não aqui...

Levei Edu para a sala de atendimento. Olhar parado, muito silencioso. Parecia estar muito sedado e em profundo estado de choque. Esperei um pouco. Mas como E. continuasse em silêncio, falei algumas coisas sobre o hospital em que se encontrava:

— É isso aí, Edu, eu estarei aqui amanhã. Se desejas falar comigo me procura para conversarmos, tá ?

Edu saiu de cabeça tão baixa, parecia muito envergonhado.

No dia seguinte quando passei pelo corredor da sua enfermaria, Edu me olhou e sorriu:

— Tia posso falar com a senhora agora ?

Enquanto andávamos, ele ia tentando se ajeitar dentro de uma camiseta apertada...

— E aí Edu ? Como estão as coisas aqui contigo ?

— Mais ou menos... os garoto lá da enfermaria tão dizendo que vão me pegá... o guarda que me trouxe aqui espalhou prá todo mundo que eu sou aquilo...

— Aquilo o quê ?

— Tão dizendo aí que eu sou "estrupador"... é que eu tava brincando com meu primo, daí me deu uma coisa na minha mente e aconteceu... depois fiquei arrependido. Meu tio, o pai dele batendo na minha cara prá eu dizer se tinha feito a aquilo, aí ele me levou prá delegacia e foi dizer que eu era um estru... aquilo. Aí os caras que tavam lá me pegaram e me empurraram numa grade, numa sala com grade... me deram tan ta porrada, na cabeça, nas perna e ficaram me apertando con tra as grade... achei, sei lá... foi o dia mais horrível da minha vida.

— E aqui, como está a "barra" pra ti ?

— Os interno daqui já tão tudo sabendo... agora tão tudo me ameaçando que vão me pegá lá no banheiro, eu é que não tomo banho aqui, não !

Comecei a ficar preocupada com o que estava acontecendo. Eu sabia que na enfermaria dele havia uns três garotos com AIDS. Se pegassem E. seria certamente contaminado.

— Tu me disseste que estavas brincando com teu primo, e aí ?

— De garagem... ele ganhou um posto de gasolina... a gente tava brincando de meter o carro na bomba, aí meu primo foi e sentou bem aqui no meu colo... aí deu uma coisa em mim, eu não sei, aí meu avô saiu do banheiro e chamou meu tio.

— E aí ?

Edu ficou parado, pensando...

— Eu também gosto de video-game... gosto muito da Mônica (revistinha em quadrinhos), Cebolinha... Pateta, eu gosto do Pateta.

— Tu estás me dizendo que estavas lá de brincadeira com teu primo, mas tu já tens quinze anos, como é que fica ?

— Eu até que queria uma namorada pra mim, não sei, acho que elas não vão gostar de mim, olha só pra mim, sô feio tenho muita espinha na cara, e depois... só fico brincando com os garoto menor que eu... eu me acho meio bobo, o meu tio diz que eu sou é retardado isso e aquilo...

— Mais esse teu tio eh ! me fala dele um pouco...

— É o irmão da minha mãe, o pai do garoto, meu primo... ele é mau pra caramba comigo. Um dia tava chovendo pra caramba e ele me fez sair pra comprá cigarro pra ele na chuva e nem deixou eu levá nada nem um casaco... ele me bate muito todo dia, me dá uns cascudos que dói... ele me bate sempre na cara, só na cara... nunca noutra lugar... a minha mãe não suporta ele, eles não se dão direito, nem se fala...

Neste mesmo dia Edu foi me procurar novamente.

— Olha Drª, essa daqui é minha mãe, conversa com ela.

Fomos os três, até a minha sala:

— Ah ! drª, a senhora nem sabe, ele me puxou até aqui porque disse que a senhora foi a única pessoa legal com ele aqui dentro, disse que a senhora ouviu ele... Ah! drª, eu estou apavorada com o que pode acontecer aqui com meu filho... eu vou lhe contar uma coisa: eu era igualzinho meu filho ... fui porra louca mesmo, eu era hippy... eu já transei droga pesada, heroína, coca, tudo... Mas essa barra eu não aguento não... — a senhora sabe — Pelo amor de Deus, Drª tira meu filho daqui... Eu fiquei sabendo que na enfermaria dele tem um cara que disse que vai pegar ele, esse garoto tá com AIDS que eu soube... Eles estão chamando meu filho de estrupador e a senhora sabe, estrupador não vive, eles matam quando pegam... Eles estão dizendo que vão currar o meu filho, não deixa mata rem meu filho Drª pelo amor de Deus...

Edu ouvia sua mãe falar. Neste instante se levantou e pediu para sair.

— Vou ao banheiro e já volto.

— Me fale um pouco de seu filho...

— O Edu, eu tive ele com 17 anos... eu era hippy e meus pais diziam que eu era muito boba pra criar ele... eles então ficaram com o garoto... o clima lá em casa sempre foi uma barra, muita porrada mesmo, meu pai costumava bater muito na gente.

— A gente quem ?

— Eu e o meu irmão... ele é um doido...

— Como assim ?

— Quando eu tinha oito anos, meu irmão me agarrou à força para fazer sexo comigo. Até hoje eu fujo dele, não posso nem me lembrar do que eu passei pra não contar pra ninguém. Eu não sei nem como eu estou falando disso agora aqui com a senhora.

— Mas não é exatamente esta a situação que está te aproximando de teu filho ?

— E ele pegou agora o meu filho. A senhora sabe que ele faz as maiores safadezas com o garoto ? Eu é que deveria entregar ele na delegacia...

— Tu estás me dizendo que ele te estuprou aos oito anos ?

— Eu tenho até medo de lhe contar isso, mas ele é um perverso esse meu irmão.

— E o filho dele ?

— Pois foi com ele que o meu filho estava brincando... Eu juro pra senhora, não aconteceu nada com o garoto dele. Domingo o garoto dele tava pra cima e pra baixo, brincando numa boa... Não deve ter acontecido nada com o garoto ... Meu filho não deve ter penetrado nele, sabe por quê ? Porque às vezes eu dou banho no E., e ele já tem o membro bem grande... Se entrasse naquele garoto, ele tava era no hospital, a senhora não acha ? Eu era bem assim, como ele bobinha, não tinha maldade em nada... Ele está até pensando que é esturpador mesmo, só porque botou o garoto no colo e ficaram se bolinando... deve ter ficado de pau duro e achou que isso já é um esturpo... o meu sobrinho também é danado aquele garoto... vai vê tavam numa boa de safadeza de criança... Quando meu pai pegou eles, e chamou meu irmão, ele é um tremendo sacana, esse meu irmão... fazer isso com o garoto ? Desde pequeno ele não gosta do meu filho. Um dia, chovia tanto, ele se virou pro garoto e disse: "Vai buscá cigarro pra mim, vai logo que eu tô mandando se tu não for te mato...". Ele sofre de bronquite, sabe. No dia seguinte, ele tava ardendo em febre. Meu irmão é assim, metido a violento... Quando meu filho ia nos aniversários do filho dele, ele passava a bandeja de doces bem na cara do Edu e não deixava ele pegar nada... Eu começava a brigar: O filho é meu, quem diz o que ele pode ou não pode comer sou eu". Ele agora tá um pouco melhor de vida, mo

torista de ônibus, ganha um pouco mais, mas ele já teve numa bem barra que eu sei, morava com um viado, desde pequeno implica comigo, me provoca ... estrupador é ele, não meu filho! Ele vai me pagar, ele ficou sabendo que meu filho apanhou tanto na DP e ele tá mais é gozando, sabe como ???

— E agora ?

— E agora, drª eu estou apavorada, me ajude a tirar meu filho daqui. Ele não é aquilo que tão dizendo dele não... e o Edu aqui preso neste hospital com esse monte de bandido, tudo com AIDS. A senhora sabe que até pros bandidos estrupador não vive ? Drª não deixem matá meu filho...

— Ele está aguardando a audiência com a juíza, não é ? Quando é o dia ?

— Ah Drª ! Hoje é quarta, ele vai ter que ficar aqui até a última sexta do outro mês (faltavam portanto 28 dias para a primeira audiência).

Eu estava perplexa. Me despedi da mãe de Edu mas disse que ainda naquele dia voltássemos a nos falar. Pedi que me aguardasse.

Fui até a enfermaria de E. ler sua papeleta. A médica psiquiatra havia escrito naquele mesmo dia:

"Fato anti-social, estupro, desenvolvimento anormal da personalidade (imaturidade), oligofrenia. DIAZEPAN 10mg. de 8/8 horas".

Eu estava cada vez mais perplexa. Aquele menino que eu havia entrevistado estava na verdade em estado de choque e fortemente sedado.

Uma cena de "brincanagem" sexual infantil passou a ser significada como estupro, pelo tio, depois pelo delegado, depois pela juíza, depois pela psiquiatra, depois pela assistente social, etc..

Eu ouvi um garoto falar e viver sua adolescência invadido emocionalmente pela mãe, desrespeitado no seu movimento sexual (a mãe dá banho nele aos 15 anos), mergulhado numa família onde ódios reativos e brigas constantes ocupam o lugar da dignidade humana. Suas brincadeiras sexuais com o primo de quatro anos não estariam mais próximas de uma curiosidade, de um "tesão" normal na sua idade? Quem na sua infância nunca esteve de brincanagem com primo, irmã, colega da escola? E ele tem no imaginário familiar um exemplo bem próximo: sua mãe e seu tio.

Uma "brincanagem" tomada como um crime é uma falta imperdoável aos olhos da instituição da família e do próprio Estado. Seu prazer assume uma intenção criminosa, acaba se tornando infração (anti-social aos olhos da lei).

Olhei para aquela enfermaria escura e triste. Vi E. encolhido próximo à sua cama. Sedado, cabeça agora raspada, sujo, apavorado e só.

Fui até a minha sala e redigi um "Parecer Psicológi-

co" baseado na escuta de Edu e de sua mãe. A síntese: "Edu vive uma adolescência muito tensa (...) Sem a presença constante da mãe, sem uma figura paterna para referenciá-lo enquanto Lei (sic), sem referenciais amorosos seguros, sente-se feio com espinhas no rosto, com atraso escolar, preso a heróis infantis, se sente o próprio 'pateta' (diagnóstico: dentro da normalidade/brincadeiras sexuais infantis). (...)".

Fui informada pela assistente social sobre a data da audiência. Faltavam na verdade 32 dias para a primeira audiência. Muito tempo. Tempo necessário para este garoto ser "jantado" numa enfermaria, onde era visto como estuprador por todos à sua volta. A sua sentença de morte parecia já ter chegado e E. aguardava com terror o pior.

Voltei a procurar a mãe de Edu minha orientação foi a de que ela deveria ficar com seu filho o maior tempo possível. Deveria vir diariamente e ficar com ele. A orientação da psiquiatra havia sido totalmente oposta: "a genitora do paciente deverá manter o mínimo contato para não reforçar seu comportamento anti-social", conforme prontuário.

Neste mesmo dia Edu tentou procurar sua mãe no hospital, mas desmaiou no corredor. "É IMPREGNAÇÃO", berrava o enfermeiro. "Muito psicotrópico num garoto como esse... ele não aguentou. Ele não tomava nem uma aspirina antes!"

No dia seguinte atendi Edu e sua mãe juntos. Estavam apavorados com o "clima" da enfermaria.

— Vocês vão ter que começar ganhando um pouco a confiança destes meninos. Falar mais com eles, ficar mais com E. na enfermaria 1. É preciso passar para eles que houve um grande engano nisso tudo.

Pude observar mais tarde a mãe de E. conversando com os pacientes da enfermaria 1.

— A senhora sabe Dr^a, depois do que aconteceu comigo aqui ontem, eu desmaiei, eu tô escondendo os remédio embaixo da língua... e já tô me sentindo como eu sou, como eu falo...

Decidi procurar a Juíza de Edu. Comuniquei à direção minha ida ao (JM) Juizado de Menores e o que se passou lá foi também impressionante. Precisei aguardar um tempo enorme até ser recebida pela meritíssima. Com o meu parecer na mão ela lia primeiro muito rápido, passando as folhas e lentamente seu olhar foi se detendo e lendo em voz alta... "brincadeiras sexuais infantis..." etc.

— Mas afinal, este menino não tem patologia nenhuma ??

— Não meritíssima...

— Este caso é muito difícil de julgarmos, pois se trata de dois menores, ainda não decidimos como vamos julgá-lo...

— Meritíssima, este menino estava brincando eroticamente com o primo, ao mesmo tempo que estava surpreendido com

a própria sexualidade. E isso não é de modo algum patológico.

— Sim, e aí...

— Eu vim aqui pedir-lhe para antecipar a audiência de E. e se possível autorizar o seu desligamento condicionado à alta hospitalar.

— Veja bem, estamos com milhares de casos para serem julgados, os nossos corredores sempre lotados, não temos horários disponíveis etc, ... etc.

— Meritíssima, este menino está correndo risco de vida. Lá, como a senhora sabe, têm muitos que estão com Aids... prometeram pegá-lo porque pensam que Edu é um bandido perigoso, um estuprador.

— Bem, sendo assim vamos transferir a audiência dele para a semana que vem...

— Não é possível para amanhã, sexta-feira ?

— Bem, se der tempo! ...

No dia seguinte procurei um assessor da direção:

— Eu acho que o garoto deve aguardar hospitalizado uma vez que está sendo bem atendido aqui...

Procurei o diretor e expliquei a ele tudo que estava acontecendo com E. desde a sua hospitalização. Ele concordou com a alta hospitalar. Redigi o documento e pedi para datilografarem:

"Meritíssima Juíza:

Pelo presente, solicitamos autorização para o desligamento de E. F. L., com entrega à guarda da genitora sendo condicionada à obtenção de alta hospitalar".

Decidi redigir o documento que a juíza deveria assinar. A secretária copiou de "Modelos" anteriores: "Nobre diretor: Pelo presente, autorizamos o desligamento de E.F.L. , com entrega à guarda da genitora, sendo que o mesmo está condicionado a alta hospitalar".

Documentos escritos, datilografados por uma gentil funcionária (que se sensibilizou com a história de E.) assinados pelo diretor, foram levados em mãos pela mesma funcionária ao J.M..

Comuniquei a mãe de E. que ele poderia ter alta naquele dia, sexta-feira (cinco dias após sua internação, portanto). Só precisávamos aguardar o documento que retornaria do JM.

E. estava ansiosíssimo. De braços com sua avó andava pelos corredores na maior expectativa. Veio bem contente em minha direção:

— Essa aqui é minha vó.

— Ah ! A senhora não pode imaginar o que a senhora está fazendo pelo meu menino...

— Posso sim ! Cuidem bem dele. Eu quero que vocês

tragam E. aqui na semana que vem. Vou acompanhá-lo ambulatorialmente.

Como eram quatro horas da tarde me despedi deles e pedi para que me ligassem na segunda-feira.

— Drª estamos em casa (ela chorava muito ao telefone). Eu queria agradecer a senhora ter salvo o meu filho... Ele tá aqui jogando vídeo-game e manda um enorme beijo... Ah! o documento da juíza só chegou às sete horas da noite, na sexta-feira... quase morremos esperando mas Deus é grande, e o meu filho está aqui comigo... Um grande abraço prá senhora. Obrigada por tudo que fez pelo Edu.

Edu ficou ainda seis meses sob a vigilância do Juizado de Menores. Lá, comparecia para entrevistas com psicólogas que me procuravam para saber o que realmente havia acontecido com ele pois "esse caso causou perplexidade no judiciário..."

Durante estes meses ele vinha ao hospital, semanalmente, para conversarmos.

O tempo ia passando e ele reestruturava sua vida com sua mãe. Trocou de escola, arrumou um emprego de balconista na padaria do seu bairro. De vez em quando liga prá dizer que está bem, mas com saudades... diz que um dia quer voltar "a fazer essas conversas"... que "isso foi muito maneiro"^[4].

É PROIBIDO MATAR A DIFERENÇA

O espetáculo da reclusão de Edu não seria a repetição de uma cena de violência, de uma agressão dissimulada, es camoteada e protegida pela lei, em forma de tratamento ?

Edu é retirado do centro de uma cena de brincanagem infantil com seu primo e é denunciado como estuprador na De legacia.

O delegado em posse da ocorrência, aplica o tratamento adequado: coloca Edu numa cela junto com outros "adolescentes" de rua: "aí os caras que tavam lá me pegaram e me empurraram numa sala grande... me deram tanta porrada na cabeça, nas perna, e ficaram me apertando com força nas grade... foi o dia mais horrível da minha vida".

Após o "tratamento" policial, Edu é encaminhado ao Juizado de Menores.

Ele não foi sequer ouvido pela juíza que, do seu lugar, se justifica: "... este caso é muito difícil de julgarmos pois se trata de dois menores... ainda não decidimos como vamos julgá-lo". Na dúvida, a juíza decide pela reclusão hospitalar de Edu, onde seria submetido a uma avaliação psiquiátrica e psicológica.

Recluso, assustado, envergonhado, Edu pouco pode falar com sua médica, a qual compra a embalagem do "estuprador da 1" e sentencia: "Fato anti-social, estupro, desenvolvimento

anormal da personalidade - OLIGOFRENIA - Diazepan 10mg de 8/8 horas".

Espancado, sedado, encolhido na sua dor e sob efeito do violento impacto traumático, Edu, "o estuprador da 1" é lançado na arena, onde é primeiro devorado por uma "pirâmide de olhares, depois por ameaças, e depois... o "tratamento" na enfermaria.

Ali, "acocorado" no chão o círculo do horror começa a se fechar numa cena tão dramática que torna o "Massacre dos Inocentes" (1526) de Poussin^[5] uma pintura singela, que se romanticamente idealizada.

Ele foi dado como estuprador, e todos nós sabemos que, quando isso acontece num grupo social, cujas regras de comportamento sexual são absolutamente rígidas, quando essas regras são quebradas, violadas, o "infrator" fica sujeito de pesadas punições até à "vingança" paga com a vida.

Edu estava agora sendo julgado pela lei do outro "Crime Organizado". Ele seria estuprado por drogados, contaminados pelo vírus da morte (HIV), iniciando seu novo tratamento, agora o de "desacontecer".

O "estuprador", o "delinquente", o "anti-social", o "oligofrênico" estava sendo eliminado, primeiro no centro da família, pelo tio (seria ele o estuprador ?) depois pelo delegado e os "coleguinhas de cela", depois pelo poder magistral de uma juíza que com a lei no bolso não sabe como julgá-lo e determina sua reclusão, "ignorando" (?) que ele seria elimina

do pela "Lei do preso"* (onde estuprador nenhum sobrevive). E para dar cientificidade ao seu ato, determina uma avaliação, estudo e ... "tratamento psiquiátrico". Como se ainda não bastasse, Edu é julgado e recebe o tratamento: "anti-social", "oligofrênico"... transformado num monstro, onde sua sexualidade é vista como uma aberração, uma anomalia, expressa em "comportamento-anti-social", digna de um oligofrênico, de um débil mental.

Escamotear a realidade sexual de um adolescente é transformá-la num crime hediondo, apagar toda a possibilidade, toda e qualquer chance de falar, de dizer o que havia realmente acontecido com ele. Poder falar e dizer NÃO, ali, era uma infração, um desvio da norma, uma outra aberração.

A singularidade de portar um determinado "tesão", seja ele qual for, até o mais conhecido de nós, a brincadeira sexual entre irmãos, primos, amigos, esta singularidade deve ser reprimida em nome da moral-sexual social de nossas Instituições [6].

Deve ser muito difícil julgar um caso desses. Ou não? A juíza atônita não sabe o que exatamente estariam fazendo dois primos no meio de uma sala de jantar, num domingo à tarde, numa brincadeira de ficar empurrando carrinhos de plástico para abastecer numa bomba de gasolina, de plástico. Ela não sabe o que exatamente pintou na mente do mais velho, esta coisa que em psicanálise recebe o nome de pulsão, também numa boa tradução, de tesão.

* "Lei do preso". A pena de morte é aplicada nos crimes de estupro por presos que não desejam a legalização da pena de morte no Brasil.

Ela viu apenas números: "Quinze, quatro prá cinco". Números não são suficientes para julgar a extensão do tesão de ninguém, muito menos de crianças, muito menos de primos excitados com brincadeiras de garagens, carrinhos, caminhões, sem levar em conta qualquer metáfora aí presente.

O que se tentou escamotear foi o lugar desta verdade, o lugar desta diferença, desta singularidade... a de portar um sexo, um tesão, um desejo...

Mas, talvez ainda exista uma lei mais forte que a "lei da rua", "a lei do silêncio" e outras tantas estatuídas. Talvez ainda se possa fazer uma sustentação da lei que diz: "É proibido matar a diferença"*.

É esta a lei que salvou Edu. Ele foi realmente salvo, mas pela "lei da diferença", pela "lei do amor"... Não é esta a lei que rege o campo do outro ?

O que esta praticagem social, esta "sacanagem" em nome de uma lei promove, não é exatamente a morte desta diferença ? A reclusão de Edu é a denúncia da dimensão deste processo, dimensão perversista que esconde o mais secreto dos interesses: a morte do outro.

Talvez, em nome da intervenção, do ato analítico que aí compareceu, possa se sustentar a promoção desta diferença e garantir o direito a singularidade.

* Expressão de MDMagno em A Transferência e o Social, p. 7 originais.

OS OLHOS DE VALESCA...

"Há pesadelos em que a mãe aparece, o rosto marcado por um ar severo e frio. O fading do objeto amado é o retorno aterrador da mãe mã, a retirada inexplicável do amor, o abandono tão conhecido dos místicos: Deus existe, a mãe está presente, mas eles não amam mais. Não sou destruída mas sou largada como um detrito".

PROUST

Ela foi encontrada pelos policiais vagando na praça da Bandeira, mas ela não era da rua. Tinha sangue na sua cabeça. No olho esquerdo circulava um hematoma.

Ela foi internada no hospital e atendida pelo "Comitê de Maus Tratos" que observou:

"Pati, 9 anos, filha de fulano e fulana, rua tal Cidade Nova - Centro. O primeiro relato da criança foi o de ter sido espancada por uma tia. Para um médico contou que caiu da bicicleta, para outro contou que tinha sido a mãe, para uma psicóloga contou que brigou com uma colega...

A médica que a atendeu observou que estava sem calcinha de baixo. Com muitas marcas nos braços e punhos, ela diz ter encostado na panela...

Os pais de Pati relatam que ela tem por hábito comer as fezes, que dorme de fraldas, evacua e não sente. Segundo eles, o médico que a atendeu não quis interná-la, colocando que ficaria pior e recomendou que a

amarrassem na cama à noite, para que não tentasse novamente se jogar da janela".

Ela foi internada novamente pelo Juizado de Menores para avaliação diagnóstica. Ninguém definia o que ela tinha.

Na entrevista do psiquiatra ele observou:

"Paciente à entrevista não apresenta nenhum distúrbio psicopatológico.

Lúcida, orientada, em bom "rapport", responde adequadamente às perguntas, sem alterações qualitativas do humor. Apresenta justificativas casuais para suas lesões corporais e desejo de retornar à sua residência. Em virtude da história bastante contraditória apresentada pelo Hospital. Solicito avaliação da psicologia e contato do Assistente Social com os pais".

Ela foi à sala do serviço social que após atendê-la, anotou em seu prontuário o seguinte relato:

"Pati diz ter saído de casa para ir na casa de uma colega e foi pega por policiais, após sofrer acidente com a bicicleta. Entretanto é contraditória, em suas informações.

Tem dois irmãos de 12 e 6 anos, sendo que o irmão mais velho encontra-se internado no colégio tal há quatro anos, devido fazer muita arte e brigar com ela e com a irmã menor. Qualifica a mãe como "nervosa" e o pai "calmo". Alega que a mãe lhe bate quando briga com a irmã, mas nega ser maltratada pela mesma embora não seja firme em sua negativa. Pareceu-nos ser inteligente e não respondeu à perguntas sem antes raciocinar, tentando ocultar o motivo

que ocasionou seu encaminhamento do J.M. Pati por várias vezes disse-nos querer voltar para o convívio da família..."

Ela foi à sala da psicologia... E agora parecia estar mais a vontade:

— Ai, que saco este hospital! ... a comida daqui é horrível eh ?!!

— E aí P. como estão as coisas aqui contigo ?

— Esse lugar é horrível, horrível mesmo... sinto saudade da geladeira lá de casa... Eu ataco ela de noite, cheia de coisas gostosas... Sabe, eu tenho um cachorro fofinho, fofinho... você sabe quem eu sou ?

— Não, quem é a Pati ?

— Eu sou a outra... eu sou a Nicinha eu sou tarada que nem a Nicinha, sabe, a da novela das oito ? ...agora eu já sei como é que se transa, já sei fazer sexo, vem, vem aqui que eu quero te beijar vem, vem...

Ela me abraça violentamente e seu beijo lembra um estrangulamento.

— Nossa ?! que beijo é esse ? é o beijo do vampiro ?

Ela ria:

— Ah, ha, ha como você é engraçada... é diferente dos outros médicos daqui, que me entrevistaram. Você não me

perguntou aquelas coisas que já não aguento mais falar...

Ficamos um pouco em silêncio. Então, ela me perguntou se poderíamos descer e andar em volta do hospital.

Pati olhou para o longo muro que divide os jardins do estacionamento.

— Olha que muro comprido ? Onde será que este muro vai acabar ?

O muro já tinha acabado e Pati observava atentamente a continuação do muro...

Senti um calafrio... o calafrio que se sente quando se está diante deste mundo onde o outro está completamente absorvido na sua imaginação alucinante. A angústia de talvez estar diante de uma criança psicótica. Mas eu tinha ainda poucos dados. Precisava de muito mais. Marquei entrevistas com os pais de Pati.

A mãe "nervosa" e o pai "calmo" vieram. O pai dormiu enquanto a mãe falava...

— Não repare não Drª é que sou motorista de táxi e trabalhei a noite toda... Ela fala tudo aí prá senhora...

— Eu tive uma gravidez psicológica, sabe Drª, antes do meu primeiro filho... É incrível, comigo nenhum fica na barriga até o 9º mês. Nascem todos prematuros. Lá pelo sétimo, oitavo mês já estão vindo. Não sei porque ?

— E Pati ?

— Ah, a Pati quando tinha já onze meses de vida, qua se completando um ano eu fui ao ginecologista para ver porque a minha menstruação estava atrasada... Naquela época eu não tava gorda que nem tô agora, eu tava bonitinha, com tudo em cima, tinha feito um puta regime alimentar e meu corpo voltou todinho pro lugar...

... Ah, aí a senhora não sabe o que aconteceu... O ginecologista se virou pro meu marido e disse "Sua mulher es tá grávida de quatro meses".

— E aí ?

— E aí ? eu dei um grito de pavor, pensei logo ... droga vou engordar tudo outra vez... Eu queria "morrer", to mei muito, muito remédio prá emagrecer, eu sentia aqui no meu peito uma revolta, sabe drã... eu não queria aquela criança. Aí aconteceu o pior... quando completei pouco mais de sete me ses de gravidez o bebê nasceu... nasceu e morreu no mesmo dia, à noite...

...Eu vi, eu fui a única que vi a Valesca com aqueles olhos bem abertos olhando pra mim. Eu vi, eu juro que vi... Quando eu soube que a garota tinha morrido eu fiquei maluquinha... chorava muito, me culpava pela morte dela... Eu gritava "eu a matei, eu a matei..."

O pai-calmo se acorda, se levanta e pede licença pa ra ir tomar um cafezinho "A mãe-nervosa" continua...

— E depois o que aconteceu ?

— Aquela cachorra da minha mãe, sabe o que ela fez?

Me proibiu de ir ao enterro... eu fiquei completamente louca, eu fui ao cemitério no dia seguinte... eu queria desenterrar minha filha pra ver mesmo se ela tinha morrido. O coveiro e os homens de lá não deixaram...

... Depois desse dia nunca mais procurei minha mãe e proibi meus dois filhos de me chamarem de mãe..., fiquei com paranóia de mãe..."

Durante algumas semanas a mãe de Pati compareceu aos atendimentos marcados. Ela pedia para levar a filha pra casa, tinha muito medo que o juiz "tirasse sua filha". O Serviço Social achava que Pati não deveria mais voltar para casa pois sua mãe iria tentar matá-la "novamente". Foi então iniciado um processo para a adoção de Pati por outra família.

Um dia, a mãe de Pati trouxe os cadernos de aula da filha.

— Olha só Drª ela é ótima aluna, inteligente só tira dez, dez...

Dentro de um caderno estava uma fotografia. Um bebê sentado no sofá da sala.

— Ah... é Pati no dia do seu batizado... eu ia me esquecendo, eu trouxe esta foto pra senhora ver... tá vendo Drª os olhos dela? Esta foto me dá medo toda vez que eu olho... ela é a cara da outra que morreu, a Valesca, os olhos da irmã, os cabelinhos, tudo igual. Valesca não morreu, é como se pra mim ela estivesse viva, ela está em todos os lugares...

res que vou, eu penso sempre nela... é como se ela estivesse no mesmo lugar de Deus... É Deus e Valesca, juntos para mim. Meu marido é frio. Não sente nada disso só diz que ele vive para os que estão vivos e que eu tenho essa idéia fixa na outra. Ele guarda as Certidões dos outros, do Marcio e da Pati e eu a de Valesca.

— E o que acontece quando Pati olha pra senhora ?

— Ah, Drª ! A senhora tocou bem no meu ponto fraco. As vezes, quando eu olho pra Pati e ela está me olhando com aqueles olhos terríveis eu fico louca... eu digo: "o que que foi garota ? não me olha assim que eu não gosto..."

— É como se o olhar de Pati denunciasse a "mãe criminosa" que tu pensas ser ?

— Eu nunca pensei nisso !! Eu não sei o que acontece comigo eu me dedico o tempo todo a pensar na que morreu... vou ao cemitério todo dia, todo mundo lá me conhece e me olham estranho. Pensam que eu tô maluca. Perguntam quem é este ente tão querido que se foi... eu digo: "É a Valesca... e ela e Deus estão no mesmo lugar para mim... ela está em todos os lugares que eu vou...".

— E Pati ? Como a senhora pensa que ela se sente ?

— Eu não sei... não sei. Só sei que todas as nossas brigas começa assim... eu tô olhando a TV e ela me olha, aí eu paro: O que que foi garota ? Olha pra outro lugar !!

— E o que ela diz ?

— Ela revida... ela faz malcriação e daí... daí eu pego ela... mais eu bato tanto, tanto que às vezes eu penso que vou matá-la.

— Matar quem, a Valesca ?

— É.., não ! A Pati...

— Mas a Pati não é a Valesca, não é ?

— É, não é não... eu não sei porque eu faço isso, não sei...

— A Valesca representava pra ti, a tua morte, tu disseste pra mim outro dia que durante a gravidez de Valesca tomaste muitos comprimidos para emagracar.

— É, eu tava com pavor de ficar como fiquei... olha só pra mim Drª que horror... que gorda que eu tô... de lá pra cá nunca mais meu corpo voltou pro lugar... Depois tive a outra, a Juliana... mais esta é diferente... Esta não lembra a outra, a que morreu.

— Mas qual morreu ?

— A... (Ela fica equivocada e não consegue responder a minha pergunta. E eu continuo):

— A Pati pode estar ocupando o lugar simbólico da outra. A que também não foi desejada. A Pati não estaria sendo condenada a morrer porque o olhar dela te lembra sempre o olhar da outra que imaginastes ter visto naquele dia ? A Valesca precisa viver para que tu não tenhas que carregar contigo a culpa de tê-la matado... será isso ?

Ela tenta secar as lágrimas com as costas das mãos, e então alcanço um papel higiênico.

— E agora Drª ? Eu não sei mais o que que eu faço!

— Talvez, o que precisa ser feito é o luto de Valesca... e tentar, se ainda der tempo, salvar Pati... Ela não tem nada a ver com esta morte.

— A Srª sabe o que ela me pediu outro dia ? Pediu pra eu trazer quarenta galinhas e botar as bichas matando e la de picadas... A senhora sabe que as galinha... a gente não pode olhar pra elas porque elas comem os olhos da gente, aquilo brilha e elas vão lá e picam... (Ela falava e quase não me olhava).

— É possível que Pati, por estar identificada com o nada deseje morrer atendendo assim a um desejo seu, que até agora era inconsciente... Ela não se inclui em nenhum lugar porque ela enquanto Pati não existe. Ela existe só enquanto a outra... Ela pensa ser a outra, mas não sabe que outra ela é...

— É, eu nunca falei isso pra ela... eu nunca nem pensei nisso e agora Drª o que eu vou fazer... ?

— Pati precisa nascer como filha, novamente, para ter existência humana, e não como o fantasma da outra...

— A senhora tem medo de fantasma ?

— Ah, se tenho ?! Lógico !

— Mas os fantasmas a gente tem que atravessá-los... e depois, depois a gente vê que eles são só isso... o produto da nossa fantasia.

— Mas eu não consigo esquecer a Valesca...

— A Srª precisa "escolher": para que a Pati viva é preciso enterrar a Valesca. O enterro que a senhora não pôde fazer... O luto que foi suspenso... precisa ser feito... O luto de quem verdadeiramente morreu...

A mãe de Pati se levanta, caminha até a porta. Me despeço dela, marcando um novo encontro, e ela segura minhas mãos:

— Olha Drª, muito obrigada... eu não conseguia ver isso tudo, e eu agora quero levar a Pati pra casa de novo, posso? Eu acho que eu ainda posso me entender com ela. A srª não acha?

— É possível... É preciso ter a chance de falar mais sobre tudo isso... e depois, quem sabe?

— Até breve Drª e mais uma vez muito, muito obrigada.

Pati foi pra casa alguns dias depois e encaminhada para tratamento ambulatorial, onde ficou por um tempo e depois não voltou mais.

A. NO OLHAR DE PATI, A OUTRA

Pati foi encontrada vagando nas ruas. Internada em dois hospitais, avaliada pelo "Comitê de Maus-Tratos" e ninguém sabia o que ela tinha. Sabiam só de uma coisa. Aquela mãe não servia para Pati. Ela precisava de outro lar, outra mãe e estava sendo encaminhado pelo serviço social um processo de adoção.

Em que nível se operou a minha intervenção? Talvez com mais intensidade no nível da localização do sintoma da mãe como a produtora da psicose de Pati.

É Lacan quem nos precisa que a cura não é de ordem imaginária mas de ordem simbólica. Mais tarde ele vai nos dizer que a psicose é uma falha de ordem simbólica - "foraclusão do Nome-do-Pai".

Uma primeira leitura do inconsciente estruturado como uma linguagem, uma leitura do Seminário de 1964 sobre os "Quatro conceitos... onde nos apresenta a questão da "esquize do olho e do olhar..." e uma leitura do Seminário 3 - "As Psicoses" nos remete para a questão da Paranóia infantil:

"Um paranóico era uma pessoa má, um intolerante, um tipo de mau humor, orgulho, desconfiança, suscetibilidade, sobrestimação de si mesmo. Essa característica constituía o fundamento da paranóia"[7].

O comportamento de Pati sugeria a seus familiares e

à equipe médica e social um comportamento de revanchismo aos maus tratos recebidos pela mãe.

É evidente que ela era mal tratada, mas por que ? Esta era a pergunta fundamental que só foi possível ser descoberta com a escuta e a intervenção à mãe de Pati.

Ela revelou como se construiu nela, após um possível quadro de psicose puerperal, e como se instaurou para sua filha uma estruturação paranóica.

Jenny Aubry vem nos dizer que:

"(...) a criança pode ocupar a posição de sintoma ou a posição de objeto. A criança ocupa a posição de sintoma quando ela representa a verdade da dupla familiar. É ocupa a posição de objeto quando ela revela a verdade do objeto da fantasia da mãe" [8].

Poderíamos então pensar o lugar de uma criança nas três estruturas clínicas:

(1º) Criança-Sintoma: quando a criança responde com a neurose;

(2º) Criança-Fetiche: quando a criança responde com a perversão;

(3º) Criança-Objeto: se não estiver na dependência de significação fálica, responderá com a psicose.

Qual a função do olhar de Pati para sua mãe ? Ela mesmo nos traduz seu sintoma em "paranóia de mãe". Mas ela

provavelmente não era psicótica. A mãe, sim, produziu uma psicose na filha justamente no momento em que não pode realizar o luto, o simbólico do luto de Valesca:

"Valesca não morreu, é como se pra mim ela estivesse viva, ela está em todos os lugares" (...). As vezes quando eu olho pra Pati e ela está me olhando com aqueles olhos terríveis eu fico louca".

O olhar "acusatório" que a mãe significa no olhar de Pati. O lugar de objeto que Pati passou a ocupar com 11 meses de vida, o lugar da morta.

Quem pode existir simbolicamente para o Outro estando no lugar do nada ?

B. NO OLHAR DA INSTITUIÇÃO, A OUTRA

Pati precisava ser protegida desta mãe que a espancava quase à morte. Mas para isso a solução encontrada era uma só. Afastá-la da mãe e encontrar uma outra mãe. Mas ela queria voltar "pra casa, pra geladeira, o cachorro, os irmãos" e até "pra mãe..."

A solução era portanto de separação de corpos.

Mas a minha intervenção foi justamente oposta. A de aproximação até de corpos:

— Talvez o que precisa ser feito é o luto de Valesca... e tentar, se ainda der tempo, salvar Pati, ela não tem nada a ver com esta morte (...). O luto que foi suspenso precisa ser feito... o luto de quem verdadeiramente morreu.

Com esta intervenção foi lançada a chance de resgate desta mãe.

Resgate talvez tardio, mas quem sabe ?

ZÉ-MORTE-ZÉ-VIDA

"Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais (...) Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte".

João Guimarães Rosa

ZÉ MORTE...

Zé olhou a estrada. Era uma dessas tardes de verão na Serra. Sua mãe o aguardava do outro lado com o bebê no colo, quando ela de repente escorregou e caiu. Assustado, Zé tentou atravessar para ajudá-la. Num minuto o ônibus parou na estrada de terra mas o carro de trás não quis parar. Naquela tarde ensolarada, Zé foi lançado para bem longe.

Ficou imóvel até que sua mãe o retirasse do meio do capim alto. Desde então Zé nunca mais pôde voltar para casa. Na cama do hospital ele chora baixinho.

Foi preciso esperar muitos meses até ele poder con seguir falar:

— Minha mãe sumiu... faz tempo que não vem me ver.

— Onde ela está agora ?

— Trabalhando, eu acho... lá onde ela mora agora, eu queria tanto ir lá pra conhecer, nunca fui nessa casa aqui no Rio.

— Ela já te contou como é lá ?

— Só um pouco...

— E aqui no hospital ?

— Aqui é ruim, é triste... os garotos bate na gente... chama a gente de "bichinha"... Eu respeito todo mundo, não falo nada...

Um dia conseguimos uma cadeira de rodas da enfermaria e Zé veio até a sala falar:

— Ah ! eu aqui neste lugar, nesta cadeira... A senhora sabe que eu era do time de futebol lá da minha escola, na Serra ?

— É ?

— É... quando lembro do acidente sinto uma coisa aqui dentro de mim.

— E como foi ?

— Ah... agora já consigo falar... mais antes eu só chorava... eu tava do outro lado da estrada e vi minha mãe vindo com o nenê no colo. A gente tava indo pro Rio... aí eu abanei pra ela e de repente ela caiu num buraco... eu queria atravessar para ajudá-la e o motorista da linha me viu...

aí ele parou porque já me conhecia, ele parou pra eu passar... e eu fui...

Zé pára de falar... fica silencioso olhando suas pernas finas e sem movimento ali na cadeira de rodas...

— E aí ?

— Foi aí que veio um carro branco de trás do ônibus bem na hora, ele me pegou e me jogou bem longe... eu desmaiei e quando acordei quis me levantar... aí vi que eu estava naquele outro hospital antes deste...

— E o que tu pensastes ?

— Eu pensei que ia poder andar... eu senti uma dormência nas pernas aí fiquei chorando, chamando minha mãe, mas ela não tava lá... eu já tava sozinho...

— Zé, tu não vais ficar aqui pra sempre... o que tu gostarias de fazer quando sair daqui ?

— Eu... ah...

Ele escondia o rosto com as mãos, escondia as lágrimas e das frestas dos seus dedos me olhava...

— O que foi ? estás com vergonha de dizer ?

— É...

— Mas essa vergonha... não te serve pra muita coisa... Se me disseres o que tu desejas pra ti pode ser mais fácil de te ajudarmos.

— Eu vou falar... Eu queria... eu penso às vezes nesse senhor que me deixou assim... eu queria tanto que ele me ajudasse.

— Tu sabes o nome dele ?

— Sei, sei sim. Depois do acidente minha mãe foi atrás dele. Ele correu com ela de lá... ele tem uma fábrica de molas e tem até fazenda lá na serra.

— Mas e aí ? O que foi que aconteceu ?

— Ele disse pra minha mãe que não ia me ajudar por que eu é que era o culpado do acidente... ele disse que eu me atirei na frente do carro dele...

— E como ele poderia te ajudar, se ele não quer ?
Tu sabes ?

— Eu sei o telefone dele. A minha mãe, ela não sabe ler mas eu sei, e eu sei de cabeça o telefone e o nome dele.

— Como tu sabes ?

— Ele deu pra ela um papel no dia do acidente... era um papel lá da firma dele...

— E a tua mãe porque não fez mais nada ?

— Não sei. Ela disse que lá onde fica o barraco tem um rio e que não dá pra eu ficá lá. Depois do acidente ela veio morar aqui no Rio. Ela trabalhava numa fazenda lá... e eu ajudava a tirar leite da vaca...

— Quantos irmãos tu tens ?

— Tem aquela pequena e mais sete, comigo... Mas os grandes estão num colégio interno...

— Então vamos mandar chamá-la aqui pra conversar com ela. O que tu achas ?

Zé balançou a cabeça... estava com os olhos bem brilhando de alegria.

Depois de atender Zé fui procurar a Assistente Social de sua enfermaria:

— A mãe do Zé nunca vem vê-lo... esse garoto está praticamente abandonado, não sabemos o que fazer.

— Mas o Zé quer que o sr. que o atropelou ajude.

— Mas como ? Só se ligarmos para este telefone que o garoto nos deu, da fábrica...

Depois de várias tentativas a Assistente Social decidiu não telefonar mais para o tal senhor.

Marcamos uma visita à casa do Zé. Ela faria uma nova entrevista e eu explicaria as condições psicológicas do menino, e principalmente o seu desejo. O desejo de ser ajudado. Precisávamos também saber mais sobre o acidente. Ela não estava.

No barraco estava o "padrasto" de Zé que não nos deixou entrar... Nos levou até o emprego da mãe de Zé. Empregada doméstica, trabalhava numa casa, longe da favela.

— Nós somos lá do hospital onde Zé está.

— O que foi que aconteceu com ele ?

— Ele está bem. Nós estamos aqui para conversar com a senhora... Seu filho nos falou do senhor Pires...

— Ah, aquele canalha... ele é um safado isso que ele é...

— Mas a senhora já o procurou ?

— Eu ? já... a última vez fui até falar com a filha dele lá em Laranjeiras... um apê fino, sabe Drã. Ele é advogado... eu pedi ajuda a ele, sabe o que disse ? ... que ia me processar porque o meu filho é que se atirou no carro dele. Me deu o dinheiro de passagem e me mandou embora...

... De lá pra cá...

— A senhora tem algum documento, algum registro policial ?

— Tenho...

— Voltamos ao barraco, que fica ao lado de um rio de esgoto, e a favela é em cima do lixo. Um estreito caminho leva até à porta do barraco. Um cachorro atropelado se arrasta no chão, e aquela imagem era uma metáfora horrorosa de Zé.

Ela guardava ainda o papel dado na delegacia, o papel para exame de corpo delito que ele nunca havia feito.

— Ele não pode morar aqui não, a senhora vê, a gente agora é favelado sabe. Drã não tem lugar pra ele aqui, pa

ralítico daquele jeito ! E aqui nem dá pra ele passar, se pelo menos tivesse uma cadeira de rodas...

Ela apontava para a estreita passagem de terra que separava o rio de esgoto a céu aberto e a porta de seu barracão.

— E o que a srª acha se procurarmos um serviço de Advocacia gratuito ? Um advogado pode saber se há inquérito policial ou não.

— Não tem nada não, Drª. O cara fez eu assinar um papel que nem sei o que foi. Ele e a mãe dele acho, foram lá na outra casa antes dessa...

A mãe de Zé foi encaminhada para o escritório de Advocacia da Faculdade Cândido Mendes. Alguns dias depois soubemos que a advogada de Zé já havia entrado em contato com a Delegacia na Serra. Ela ficou sabendo que não havia nenhum inquérito policial no caso de Zé. Com o número do registro de ocorrências ela verificou que o processo foi arquivado com a informação "Fria". O papel que a mãe de Zé guardou era a solicitação para que Zé fizesse, na época, exame de corpo de lito o que não havia feito ainda.

O delegado se justificou para a advogada:

— A Srª sabe, o delegado que estava aqui antes saiu com 36 processos nas costas ("comia bola"). Mas afinal, o garoto sofreu ferimentos e ainda está hospitalizado, o que ele tem ? ...

— Ele está paraplégico, Sr. delegado.

— Que horror, antes tivesse morrido, a senhora não concorda ?

O delegado então solicitou novo exame de corpo deliti. Este exame seria realizado pelo serviço externo do IML, que iria ao hospital onde Zé estava internado.

Era preciso ser feito absolutamente tudo. O registro da ocorrência foi desarquivado e assim iniciava-se o inquérito policial.

Para que a advogada pudesse fazer uma petição para abertura de um processo civil e processo criminal, era preciso o inquérito policial.

No dia seguinte ao contato da advogada com o delegado, solicitamos à direção do hospital que enviasse uma carta juntamente com o pedido do delegado, para reforçar a necessidade e a urgência de tal exame. A perícia externa foi solicitada pelo delegado, para ir ao hospital fazer o exame de corpo delito em Zé. O próprio delegado também se dispôs a comparecer ao hospital e colher o depoimento de Zé. Mas, no dia seguinte, um enfermeiro decide por "conta própria" não "esperar" a perícia externa do IML (conforme determinação do delegado) e leva Zé ao IML de ambulância, desconsiderando todo o esforço "técnico", jurídico e policial que estava sendo tomado neste caso. E mais, desconsiderando o que significaria para esta criança ficar exposto a mais violência, já que podemos pelo menos imaginar o que significa para uma criança ir

ao IML fazer exames corporais sozinho, sem a presença da mãe ou ninguém conhecido.

A decisão deste enfermeiro provocou uma situação inesperada. O laudo do exame de corpo delito, laudo decisório para a abertura do processo, deveria ser encaminhado para o delegado o quê não aconteceu.

O efeito desta decisão foi o atraso para a abertura do inquérito policial. O tempo foi passando... e se passaram mais quatro longos meses.

Zé esperava, esperava aflito por soluções que não vi_unham. Durante estes quatro meses fizemos contato com o cirur_gião plástico que decidiu operar as escaras que se produziam com o tempo de Zé recluso na cama. Ele foi operado da "fístula" e das escaras na "região glútea".

Após quatro meses, a advogada informou que aquele delegado (o segundo) havia sido também substituído por outro (um terceiro portanto). O inquérito policial, depois de seis meses de contatos intensos com a advogada e os delegados, ain_da não havia sido encaminhado para o Fórum.

Durante esses meses, a mãe de Zé estava mais presen_te. Trazia presentes e parentes para visitar Zé. Estava mais interessada no filho. Interesse que ficava cada dia mais ex_plícito.

Um dia, antes de atendê-lo, um grupo de enfermeiras que estavam sentadas no corredor nos perguntaram se era verda_de

de que Zé iria receber muito dinheiro. Perguntamos porque e uma delas respondeu:

— Por que agora a mãe dele, e primos que ele só viu uma vez na vida, vem aí, a família toda, e fica aí paparicando o garoto".

Naquele mesmo dia, o recreador nos entregou uma folha com dois desenhos de Zé.

— Veja só, Drª. Aqui o garoto desenhou uma casa sem cor e um garoto de pé, na porta... neste outro, uma casa toda bonita, colorida, com antena de TV, dois andares, carros na porta e um garoto sentado numa cadeira de rodas. A senhora não acha impressionante ?

No desenho de Zé havia uma estrada com um ônibus e um carro, e no fundo, a "casa bonita".

Na sala de atendimento Zé nos perguntou:

— Quanto é que o homem que me atropelou vai ter que me pagar ? A minha mãe, sabe tia, não, não é ela, sou eu, eu que queria saber...

— A tua mãe esteve com a advogada ?

— É... ela foi lá ontem. E ela disse que eu vou receber o dinheiro do seguro e mais "pensão".

— Ela disse isso ?

— Disse... disse que eu tenho direito de ganhar a a juda do homem, do Sr. Pires, aquele que me atropelou.

— E como é que tu estás te sentindo agora ?

— Ah... eu tô me sentindo tão feio, me olho nesse espelho... eu tô gordo, não faço nenhuma ginástica aqui, hoje comi dois pratos de comida... como e fico na cama, eu nem saio da cama pra comer, como e engordo, pareço até um porco no cercadinho... quando é que eu vou receber o dinheiro do seguro, minha mãe mandou perguntar para a senhora... Ah, se não fosse a senhora !!

— Se não fosse eu ? Eu não, se não fosse tu teres dito... que gostaria de ser ajudado... quem pediu ajuda foste tu mesmo, eu apenas te ouvi e traduzi este teu desejo para ti e, para as pessoas que devem legalmente te ajudar.

— Sabe, ela (a advogada) disse pra minha mãe que o processo tava parado porque faltava aquele exame que eu fui fazer...

— É ?

— É. E que agora eu vou ter que fazer outro de novo.

— É, mas desta vez tu irás com a tua mãe ao IML. E la deverá trazer os papéis para nós e no mesmo dia enviaremos um xerox ao delegado para que chegue o mais rápido possível combinado ?

— A minha mãe vai comigo ?

— Vai !

— Da outra vez foi tão ruim...

Na semana seguinte Zé estava melhor e "andava" na cadeira de rodas. Veio então até a sala da psicologia:

— E aí Zé, como estás te sentindo ?

— Um pouco melhor fora da cama, mais esse tempo todo que fiquei preso ali...

Ele se olha no espelho... fica parado e com uma expressão de perplexidade e tristeza.

— O que foi Zé ?

— Eu estou com medo...

— Medo de quê ?

— Eu vou contar pra senhora: Internou esta semana, uma bandidinha na nossa enfermaria. Ela robava sabe...

— E aí ?

— Aí que ela ficava me ameaçando com um garfo que queria me matar...

— É ?

— É. De noite ela vinha na minha cama e ficava olhando para minha cara, e dizia: "Vô furá este teu olho de merda..."

... "Você é um merda, garoto, aí todo alejão... ninguém vai vê mesmo... Aí ! Ô seu merda..." eu fiquei quieto, não podia falar nada nem chamar ninguém... O pior foi o coração que dispara numa hora dessas, parecia até que ia sair pela boca. Fiquei apavorado, achei que ela ia furar meu olho,

já pensou ?

— E agora como é que tu estás ?

— Agora eu tô me sentindo bom, a bandidinha foi em bora ontem...

— E esse coração na tua perna, quem foi que desenhou ?

— Eu... eu só fiz porque achei bonito, mas agora ele não quer sair mais, parece até de verdade...

— Quem ?

— Ah... o coração.

— Pois é. O teu coração é forte pra aguentar tanta dor e tu também és forte, porque a dor fortalece a gente sabia ? Isso tudo vai passar e tu vais sair bem mais forte pra vida...

— É. Eu vou pro meu quarto agora eu vou buscar um desenho que eu fiz para a senhora...

Zé voltou meia-hora depois. Trazia um desenho de um menino de pé, loiro, de bermuda bem colorida uma camiseta vermelha e branca com uma gola espacial. No chão, uma guitarra azul. Do lado direito estava escrito: "Porque Zé sou eu pra Maria da Graça".

O tempo ia passando e Zé vivendo mais horrores de uma longa reclusão:

— Eu vou contar uma coisa pra senhora, é bom eu ir

contando logo porque a senhora vai saber mesmo, então eu queria contar primeiro.

— O que foi que te aconteceu? conta pra mim.

— Não fiz nada não, eu respeito todo mundo e a tia lá, escreveu no livro que eu agredi o garoto, é mentira não agredi, não agrido nada...

— O que foi?

— É que eu fui lá na "BBR" com aquele enfermeiro, aí a médica de lá encontrou uma pele quase escara, mas não é escara ainda. Só por causa disso não pude fazer fisioterapia lá.

— E o que é que te incomodou nesta história?

— Só porque dizem que a escara tá aberta que eles estão cheios de fogo, cheios de ódio comigo. O enfermeiro me deu uns cascudos e disse: "Não tenho nem um pingote de pena de você..." E quando voltei da BBR, a enfermeira do plantão da noite queria colocar o colchão d'água da garota que morreu ontem do meu lado, queria colocar em mim... Ficou colocando à força o colchão na minha cama, aí ficou rindo e eu nem liquei... só disse que não, e não deixei...

— E o que isso significa pra ti?

— O colchão?

— Tudo isso...

— Eu não queria dormir no lugar que a outra tinha acabado de morrer. Ela disse que tava limpo, que ia ser bom pra escara, mas não é isso.

... De noite nem dormi direito, aí fui na BBR. Passei o dia fora, e só almocei na escola, e lá quando a médica saiu o enfermeiro ficou falando umas coisas horríveis comigo. Eu chorei e ele disse: "Eu vou me aborrecer com você garoto e você não vai gostar". Ele me deixou lá na ambulância e eu fiquei lá dormindo até às 7 da noite.

— O que estão tentando te dizer é que tu és "culpado" pela tua nova escara, será que é isso Zé ?

— É, mais ou menos, porque ainda nem é escara é só uma pelezinha solta que tem aqui no bum-bum...

— Porque eles pensam que tu és o culpado por isso tudo que está te acontecendo ?

— É por causa da "orina". Eles acham que eu tenho que ficar me cuidando mas eu não sinto quando faço a orina...

— Mas este controle da urina tu não vais aprender na ABBR ?

— É... mas nunca que começa nada lá, sempre tem uma coisa errada...

— Quem sabe tu não precisas começar a te cuidar por ti mesmo aqui. Quem sabe se pedires para a tua mãe um espelhinho, assim podes ficar te cuidando, te olhando para ver se tem escara nova... tu podes aprender a cuidar melhor do teu corpo sem esperar que os outros façam isso, até porque isso vai ser importante para ti mais tarde.

— Eu passo a mão pra ver... mas as vez a mão tá suja e aí eu acho que contamina mais né ?

— Tu vais encontrar uma forma legal de cuidar do teu corpo. Tu não sentes tuas pernas mas tu tens olhos, tu tens sensibilidade nas mãos e com isso tu podes cuidar melhor de ti sem precisar ficar esperando pelo outro... esperando que o outro resolva sentir pena de ti, para te ajudar. O que tu achas ?

— Acho bom. Vou pedir um espelhinho pra minha mãe. Ah, eu gosto tanto da Srª, sabia que quando a senhora não está todo mundo lá na enfermaria fica perguntando se a Srª já chegou ?

— É ? Então, agora eu vou, mas amanhã eu volto, tá !

— Zé saiu. No dia seguinte veio até a sala, entrou e ficou com "sua" cadeira diante da lousa. Escreveu seu nome e quando se virou, falou muito envergonhado:

— Eu queria perguntar uma coisa pra senhora mas eu não tenho coragem.

— O que é ? Pergunta.

— Posso falar ?

— Tu estás com vergonha ?

— Eu não queria que a senhora pensasse que é a minha mãe que está pedindo...

Zé faz silêncio e põe as duas mãos no rosto...

— O que foi Zé ?

— Posso ?

— Pode...

— A Srª não vai ficar braba comigo ?

— Braba ? Não, eu estou aqui pra te ouvir, pra en-
contrar contigo uma "saída" a mais próxima da que tu queres...

— O que eu quero é ir passar o Natal em casa. A Srª
poderia me dar algum dinheiro para eu comprar umas coisas ?

— É ? que coisas são essas ?

Zé tampa o rosto novamente com as duas mãos... Ele
está chorando tão silencioso...

— Fala pra mim, Zé, este é um desejo teu ?

— Eu sabia, a Srª pensou que foi a minha mãe que
mandou pedir...

— É ?

— É.

— E foi ?

— Não.

— E por que tu estás tão envergonhado, parece que
é tão difícil pra ti pedir alguma coisa... isso parece muito
complicado pra ti. É isso ?

— Não sei...

— O que é que está te incomodando, é o dinheiro ou
é a pressão que tu estás sofrendo por conta do dinheiro que
a advogada falou ? Foi tua mãe que mandou tu pedires dinhei-
ro ?

Ele fica em silêncio.

— Zê, eu queria te dizer uma coisa. É uma verdade difícil da gente ouvir mas o meu compromisso aqui contigo é com a verdade. Talvez seja interessante para outras pessoas a situação em que te encontras. Talvez, as pessoas queiram se "aproveitar" da tua deficiência para ganhar dinheiro em cima de ti. Este alguém pode ser tua mãe, teu padrasto, teus primos, não importa. O importante aqui pra nós é que tu saibas te defender disso que pode te incomodar muito, agora e depois, quando cresceres.

O importante é que tu saibas criar uma maneira interessante pra ti, de ganhar dinheiro sem se sentir usado ou culpado por isso. Tu me entendes ?

Ele balançava a cabeça e chorava.

Neste momento precisei interromper o atendimento.

— Zê, eu vou ao banheiro fazer xixi, eu ia ao banheiro quando chegastes, mas não pude... agora eu vou e volto logo, me espera aqui, tá !

Poucos minutos depois encontrei Zê no corredor. Uma psicóloga entrou na sala e tirou Zê, pois precisava atender uma pessoa da comunidade.

— Tu não dissestes para ela que eu já voltava ?

— Eu disse mas ela foi dizendo que eu não podia ficar mais ali e foi puxando minha cadeira pra fora...

Ficamos nos olhando naquele corredor barulhento, como a psicóloga já estava na sala com a pessoa, levei Zé para a sua enfermaria e lá continuamos:

— O que estou tentando te dizer Zé, é que precisas aprender a te cuidar. Cuidar do teu corpo e também do teu coração, dos teus interesses. E mais, cuidar para que não se transforme num objeto de ganhar dinheiro. Tu precisas voltar a estudar, tu vais trabalhar quando crescer e podes ter, quem sabe uma vida melhor.

— É. A Assistente Social me matriculou na turma da manhã, lá na Escola X. Eu estou gostando de voltar a estudar...

— É isso. E o Natal — é bem possível que tu possas ir pra casa e voltar no outro dia. Nós conversamos com o teu Dr. e ele concordou.

Nos despedimos e ele ficou ali no canto da enfermaria me abanando. Você volta na segunda ?

— Volto ! Até segunda.

— Ele me disse baixinho que desta vez não iria passar mais outro Natal naquele lugar, sem ninguém.

Chegou segunda e Zé estava esperando pra ser chamado. Quando entrou, foi logo fazendo um desenho: Um ônibus enorme, cheio de janelas que lembravam as grades de uma prisão. Na frente um pára-choque imenso e dois grandes refletores:

— Esse é o ônibus que naquele dia não deixou que encheriasse o carro na estrada, não é ?

Zé rabiscou noutra folha uma estrada:

— Aqui tava o ônibus e aqui era o ponto. Tava cheio de gente. Eu esqueci que daquele lado era pra subir, eu tinha que atravessar pro outro lado pra pegar o ônibus para o Rio com a minha mãe. Mas ela caiu lá do outro lado e quando eu fui atravessar veio o carro branco e me jogou aqui...

Um traço marron acompanhava o trajeto de seu corpo no ar.

— Eu caí aqui e desmaiei...

Sua caneta fazia em volta do pequenino círculo que representava seu corpo, muitos pontinhos... ele não saía do lugar, na folha...

— É muito difícil pra ti aceitar este acidente que se repete na tua cabeça todo dia, toda hora, não é ?

— Eu queria voltar a andar. Eu queria correr... Eu sonho que estou andando de bicicleta, sonho que estou correndo num lugar cheio de grama, e quando acordo choro e não dá pra dormir mais naquela enfermaria horrível.

— Tu não podes mais correr com as tuas pernas mas tu podes correr com a cadeira, é como se fosse uma bicicleta... A gente corre é com a nossa cabeça, sabia ? Quando a gente quer voar, entramos num avião e voamos, quando queremos

muito fazer uma coisa que o corpo não alcança, inventamos uma extensão do corpo, uma roda postiça - uma asa postiça... e é como se fosse nossa... e a gente corre e pode até voar...

— Eu nem cadeira tenho ! Se eu tivesse minha cadeira... eu poderia fugir daqui...

— Tu te sentes muito preso aqui, não é ?

— Eu queria voltar pra casa pra ficar com meus irmãos, minha mãe...

— Mas esse dia vai chegar, tu vais conseguir sair daqui pra tua casa, até porque aqui é um hospital e ninguém mora pra sempre num hospital.

— A Dália sonhou que aqui era um grande cemitério e que só ela andava viva...

— Pode até parecer um cemitério mas tu estás vivo. Os outros podem estar mortos-vivos mas tu não. Tu choras, tu ris, tu tens sonhos e desejos de gente viva... E tu vais sair daqui vivo, tenho certeza.

Zé me deu um beijo e voltou para sua enfermaria...

Dois dias antes do Natal a advogada de Zé conseguiu para ele, junto à primeira dama do Estado uma cadeira de rodas. E ele foi pra casa, aguardando o final do processo...

ZÉ-VIDA...

Na inocência de seus sete anos Zé menino do campo perdia a eternidade da sua infância, da sua liberdade, do seu prazer... Não foi só o movimento de suas pernas que lhe roubaram, lhe roubaram a luz, o sol, o verde, o ar da Serra, a casa, os irmãos, a mãe, a escola, os amigos...

Deram em troca como condição de vida, o lugar de um "porco no cercadinho" — o lugar de um animal.

No espaço da reclusão Zé foi recebendo mais doses "miligramáticas de morte", doses diárias em forma de horror medo, abandono, solidão. Até que um dia ele pôde encontrar atrás da sua palavra, o seu desejo maior. Não era só o desejo de voltar a andar, o desejo-sonho de ter novamente a alegria perdida da infância.

Zé revelou um desejo secreto de justiça. Nome e telefone na ponta da língua ele lembrava do Sr. Pires. Ele queria que este homem o ajudasse. Mas para quem iria falar isso? Quem poderia ouvi-lo?

Foi um golpe de sorte, uma troca de enfermarias que fez com que o nosso encontro fosse possível. Passei a atender as crianças da enfermaria de Zé. Ali estava ele, tão molhado em suor e lágrimas de horror. Ali, tão no escuro se via uma segunda luz, tão forte e brilhante.

Por dentro da sua palavra foi possível atravessar o silêncio, surpreendido passo a passo...

O ato que se produziu ali, foi além das intervenções analíticas diárias. Um ato que mudou o destino de sua vida. Um ato capaz de romper o "cercadinho", o círculo do horror, no centro do qual Zé se achava como um animal sendo preparado para a engorda, para o grande dia de ser "ceado".

Mas, diferente de um animal, Zé fala, Zé chora, Zé sonha, e esta condição humana lhe foi devolvida como o seu desejo de justiça. Como chegar a um homem que, rico, advogado, fazendeiro, industrial, poderoso, de família-de-bem, decide colocar a culpa de um crime numa criança de sete anos que foi a vítima deste ato ?

Por que os seus direitos de cidadão sustentados numa constituição, numa sociedade, estavam sendo esquecidos ? Foi preciso que Zé pedisse ajuda.

Zé é pobre, é negro, é criança, e agora carrega mais um "título": é doente-deficiente-físico-permanente...

Zé-morte-Zé-vida, não é a vida que vem da morte ?

O lugar de um analista não está para além do enclausuramento de seus consultórios, para além do rascismo, do ódio e da violência desta sociedade sustentada como um "grande crime organizado ?"

CIRCE E O CANTO DA SEREIA

"Voyageur... dans la baleine flotante dans la galaxie de Circé... Circé, la drogueuse... la terrible Circé, douée de voix humaine, comme Homère au Chant X de L'Odyssée... Belle séduisante habile, rapide dans le versement des liquides transformateurs".

Phillipe Sollers

"Ai... eu me sinto uma carcamona..."

Circe está sentada diante do espelho... pijama azul com listinhas brancas, cabelo escorrido na cara e um olhar triste em meio a olheiras profundas...

— Eu era tão bonitinha, e agora, olha só pra mim... gorda, uma baleia, tô feia... os ombros caídos... sem visão do mundo... eu olho pra mim aqui neste hospital... eu não vejo futuro pra mim...

— O que é isso, estás triste, por quê ?

— ... ai o meu mundo, parece que desabou na minha cabeça... era tudo tão colorido, cheio de amor pra dar... esse meu amor que eu não sei dosar... eu agora tô com medo, muito medo de tudo... muito medo...

— Como é esse medo, fala pra mim...

— É medo de perder... não quero perder o Guto, esse meu namoradinho da enfermaria 2, mas também não quero perder o carinho do Dr. O ... eu sei que eu fiz uma coisa horrível com ele, mas ele ficou me chamando de princesa, essas coisas, aí eu não aguentei...

— Como assim ?

— Ah!... é que ele foi tão carinhoso comigo, aí eu... transei com ele... já é velho mas é muito legal comigo. Eu sou assim, acabo me envolvendo com todos eles, eu sou uma desgraça só...

— E o que é isso, tu atraí os homens com teu "canto" e eles ficam desgraçados, arruinados depois, é isso ?

— É... é sempre assim... eu gosto de homem mais velho do que eu, mas a senhora nem vai acreditar... sabe que eu sou virgem ?

— É ?

— É... eu finjo que dou prá eles... eu só dou a bundinha... só a bundinha... é que eu tenho medo... a minha mãe disse que dói muito quando a gente transa pela frente... aí eu me lembro disso na hora... eu fico com medo...

— E isso tem alguma relação com a tua internação aqui ?

— Mais ou menos... eu briguei com a minha mãe ... daí fugi de casa... naquele dia peguei um táxi, eu estava muito louca... e fui até o XXXXXX (casa noturna)... mandei cha

mar o Chico e disse que eu era irmão do L., ele é músico famoso, meu irmão mais velho... A senhora não conhece ele não ? ...essa música que toca na novela das oito é dele... Daí fiquei lá... gastei CR\$ 80.000,00 bebi de tudo, whisky, cerveja, tudo... quando foi na hora de pagar, eu disse que não tinha dinheiro e que o Chico botasse na conta do meu irmão (C. ri muito ao se lembrar destes fatos) ...Quando cheguei na porta, vi o motorista do táxi... o desgraçado ficou me esperando todo aquele tempo... eu tinha mandado ele me esperar... e me esqueci... é que eu não tinha dinheiro pra pagar a corrida... Aí mandei ele ligar pra minha casa, e quando minha mãe soube, ela berrava com ele. Falou pra ele: "Eu não vou pagar mais nada pra essa devassa... se o senhor quiser pode levar essa maluca pra delegacia..."

— E aí ?

— Ele me levou... aí fiquei lá...

Circe se levanta, caminha até a porta e volta... fica em silêncio...

— ... Aí aconteceu aquilo...

— ... Aquilo o quê ?

— A senhora não sabe ?

— Eu quero saber de ti, me conta...

— Eu fui estuprada por dois P.M... eles me pegaram à força rasgaram o botão da minha calça com canivete... O juiz me mandou pra cá por causa disso... a senhora sabia que eles estão respondendo processo por minha causa ? Eles foram

uns animais comigo, mas eles também se deram mal...

— E tu ?

— Ah... eu ? ... Olha, eu já namorei muito... já namorei uns quatro professores lá do meu colégio... eu fui expulsa mas eles também... já namorei o padre da igreja, fui até proibida de entrar lá, acho que ele quase perdeu a batina... ou perdeu ? sei lá ? ...agora tô namorando um médico daqui, eu já lhe contei, é o Dr. XX esse que dá plantão no fim-de-semana sabe ? ... o primo da minha mãe também, ele já é coroa tem 37 anos... ahh!!! tem também o delegado Walter... esse sim, ficou bem apaixonado mesmo... o padre também — agora me lembrei, ele perdeu mesmo a batina por minha causa ... — outro que me enlouquece é esse enfermeiro o T. o sergipano... sempre peço beijo na boca e ele só me dá beijo de boca... viu só ?... como eu sou tarada ? eu sou tão tarada ... não consigo controlar isso... eu só penso em homem...

— Em homem mais velho, com poder, com posição social ?...

— Claro ! tem que ter um bom emprego, se possível um Monza, não pode ser um fudido não... eu fui criada em Copacabana, minha família é judia sabe, tem dinheiro e são todos influentes... eu tinha cheque especial, cartão da Company, essa sua meia é da Company ? ... ah! eu conheço tão bem esse C*...

— Tu me disseste que te falta alguma coisa e que tu não sabes bem nomear o que é...

— Eu acho que a minha carência é de pai... eu gosto só de coroa mas no fundo eu queria mesmo um pai de verdade, mas eu também penso na minha mãe adotiva... ela foi tão má comigo nestes últimos anos... me expulsou de casa só porque eu tava de olho num cara lá do prédio aí eu disse que ia chamar ele lá pro meu quarto... nesta época ela já tinha me botado pra dormir no quarto de empregada... aí ela disse "a qui nesta casa mando eu e só entra aqui quem eu deixar..." foi aquela discussão... aí ela procurou no jornal um lugar para eu ir... fui cuidar de uma srª que estava doente, cuidei dela até ela morrer, eu fui empregada, até isso ela me fez passar, dizia que era para eu dar valor a ela...

— E a outra ?

— Eu pensava que a outra ia me receber de braços abertos... todo dia das mães, minha mãe adotiva obrigava eu e meu irmão gêmeo a acender uma vela pra nossa mãe de verdade... eu sempre pensava nela... quando eu vejo o que aconteceu. Eu me acomodo e não luto mais..."

— E o que foi que aconteceu com ela ?

— Disseram que ela era louca... que eu e o meu irmão nascemos no Hospital (psiquiátrico) YYYYY e que ela não pôde nos criar... aí fomos adotados...

— Tu estás me dizendo que pensas na tua mãe e "num" pai...

— Eu não sei quem é o meu pai...

— ... um pai para existir, ser amada e desejada ...
que tu procuras um homem para teu pai, é isso ?

— E têm também os meus irmãos... eu tenho carinho e ódio deles... quando eu era pequena meu irmão chamava os outros, os adotivos... prá fazer sexo oral comigo".

— E o teu irmão gêmeo ?

— O C., não quer mais saber de mim. Quando a adoção foi desfeita, eu perdi o sobrenome da minha mãe adotiva... fiquei com o sobrenome da minha mãe de verdade... que mora agora em Minas... e dizem que ela é maluca...

— Porque a tua adoção foi desfeita ?

— A minha mãe adotiva não me aguentava mais... ela disse que eu sou ruim, que sou vadia, tudo isso... eu tinha dezesseis anos.

— E aí...

— ... aí eu fui ao Juizado e pedi prá me emancipar.. ela concordou:"a Circe nunca me considerou mãe dela" ela vivia repetindo...

— Mas não era ela que ficava mandando vocês acendem velas todo dia das mães... não era ela que ficava sempre apontando para a outra ?

— Eu sempre ficava achando que a outra era melhor que ela...

— A mãe ideal para ti é então aquela que nunca existiu como mãe assim como o teu pai que nunca existiu para ti

senão como a possibilidade idealizada, fantasiada de um pai...

Circe balançava positivamente a cabeça... (silêncio)

— É isso aí Circe, te vejo outro dia.

— ... me atende na quarta ? eu vou ficar aqui, esperando você...

— Te atendo sim... pode me esperar que eu venho...

Procurei o Serviço Social para saber alguma coisa sobre a ex-mãe adotiva de Circe. Me informaram que o contato era extremamente difícil que ela não podia nem falar no nome da "garota". Combinamos uma visita domiciliar. A mãe de Circe não sabia da nossa ida. Quando batemos na campainha e nos identificamos, não queria nos deixar entrar... passados alguns minutos, decidi nos receber...

— Vocês não podem vir aqui sem o meu consentimento ...e além do mais eu não quero saber notícias daquela vagabunda... pra mim ela está morta. Eu já fiz de tudo pra ajudar essa garota... e ela não entende, ela me deixa louca aque la garota... até os policiais que estão presos por causa dela estão mandando me ameaçar de morte... ligam sem se identificar, uma verdadeira loucura, eu sou cardíaca, e tenho outro filho meu doente, muito mal da cabeça e o meu filho mais velho... ele é músico, é o L....

Neste instante apareceu um vulto espiando atrás da porta da sala...

A assistente social tentava conversar com a ex-mãe

de Circe:

— Ela não pode ter alta porque não temos para onde encaminhá-la, só se for para um hospital psiquiátrico... ou de indigentes... já procuramos em vários lugares, mas como e la já é maior de idade ela não pode ser transferida para as escolas da FEEM... só com autorização do juiz, etc., etc.

— Não adianta vocês tentarem me convencer porque eu não volto atrás... pra mim a Circe está morta... vocês estão perdendo o tempo de vocês...

(Decidi intervir):

— Eu imagino que este momento é muito difícil para a senhora, mas ela está sofrendo muito e nós precisamos en contrar uma solução para o caso de Circe...

— Isso é lá com vocês, vocês não ganham pra isso? pois então resolvam o que bem acharem pra ela, eu estou sem condições...

— Mas a senhora poderia me falar um instante sobre ela ?

— O que eu posso dizer dessa devassa ? Circe prá mim é uma "atriz", mente, finge o tempo todo...

— Eu sou a psicóloga da sua filha, e eu preciso sa ber algumas coisas sobre ela...

— O que a senhora quer saber, ou a senhora ainda não percebeu que ela é louca de pedra, finge ser igual à mãe dela...

— A qual mãe a senhora se refere ?

— Eu não sou mais a mãe dela há muito tempo... desde quando ela mesma pediu para o juiz para ser emancipada e a adoção desfeita !

— E como foi a adoção dela ?

— É uma história muito longa... nem sei pra que eu vou lhe contar... não vai adiantar nada mesmo... (silêncio)...
...ela e o irmão dela, o C., nasceram no hospício... mas ela não tem a loucura da mãe dela, a Circe é ruim de caráter... eu sou espírita e a mim ela não engana...

— A senhora adotou os dois, e daí ?

— Eles estavam lá e eu soube por uma amiga que uma louca ia ter filho... e que não ia poder criar... só que nasceram gêmeos... eu tinha acabado de perder meu marido, como sou professora de canto e adoro criancinhas, adotei os dois... eu queria uma menina só tinha filhos homens... eu sempre dei tudo a eles nunca faltou nada... mas às vezes eu tinha as minhas dificuldades... essa garota desde pequena é tirana... sempre insatisfeita... Ela disse horrores sobre a minha pessoa lá pros curadores... pra mim a doença dela é de caráter... é malandra, vadia, orgulhosa e até muito fria... a senhora sabe que um dia eu ia comprar pra ela uma botinha branca. Tinham duas na vitrine, uma francesa e a outra nacional... ela queria a mais cara... eu só podia comprar a mais barata... essa garota me deixou tão louca que acabei não comprando nenhuma... e até hoje ela me joga isso na cara que eu não dei a botinha branca... ela é uma ingrata essa garota... egoísta, sem

consideração...

No final da visita a assistente social pediu mais u ma vez a ajuda desta senhora:

— Bem, eu só posso me comprometer sem que ela saiba... eu quero que ela vá morar no interior, na mesma cidade da mãe dela e que lá ela descubra quem é a mãe dela... eu até compro uma casa para ela por lá... só lá.

Fomos embora... No caminho a assistente social me contou que um dia, entrevistando a Circe ela teria dito:

— Eu queria ser estuprada... pra depois o cara ter que casar comigo.

A assistente social confirmou que ela foi expulsa do Colégio XX* por ter mau comportamento (sexual)!

Circe chegou para ser atendida... ela está cada vez mais inchada, os psiquiatras diagnosticaram "doença maniaca" (PMD) agitação psicomotora, pensamento acelerado, disparatamento de idéias... terapêutica neuroléptica mais lítio ("com bons resultados").

— Sabe, esta noite transei com o enfermeiro de plantão... eu tava dormindo, ele chegou e me sacudiu, chamou bem baixinho no meu ouvido "Cici"... ele chegou na minha cama, pegou a minha mão e botou dentro da calça dele, peguei o pau dele, aí ele me levou pro banheiro das meninas, de repente chegou uma garota... aí ele me largou correndo, eu acho que ela nos viu transando...

* Colégio de classe média alta da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Circe fica me olhando em silêncio, espera que eu a recrimine pelo seu ato...

— É certo ou errado ? A senhora acha que eu posso transar, eh ?

Espero um pouco antes de dizer qualquer coisa a ela. Nada cabia a mim dizer o que estava certo ou errado, (no sentido que ela demandava) no sentido moral...

— Eh ? o que a senhora acha, me diz que eu tô ficando nervosa com o seu silêncio..

— Podemos pensar na repetição desta sua fantasia (sexual) que está aí: é uma fantasia que parece vir em forma de resgate... já que a tua realidade é tão dura, a tua realidade de abandonos, maus tratos, referencial materno louquíssimo pra ti... me parece que tu buscas um resgate: ter todos os homens do mundo, atraí-los com o teu desejo e teu corpo... não estamos aqui discutindo a tua competência uma vez que ela existe, a questão é: porque seduzir para se sentir amada, desejada ? Esta não é uma forma de se sentir amada mas também "odiada" já que esta sedução é para ti da ordem do proibido ?

— É... o pior que é mesmo... os homens que eu me envolvo acabam sempre na pior... A senhora sabe que aposentaram o velho Dr. XX ? tão bonzinho... me chamava de princesa... isso pra mim era super, mais eu não sou puta... eu não faço isso pra cobrar...

— O que é isso que tu buscas nos homens, será essa "carência de pai", como tu dizes, ou pode ser também outras "carências" ?

— Eu não sei o que é isso. Acho que eu sou má... a minha mãe acha que eu sou má, ela diz que eu fico prejudicando todo mundo... será que é isso ?

— Tu pareces desejar mais que só o amor e o carinho... tu pareces desejar além do amor a vida deles também ?

— Eu nunca tinha pensado nisso mais eu sinto que é mais que isso... eu sinto amor e ódio deles, e dela também...

— Dela quem ?

— Da minha mãe adotiva... eu sinto uma vontade de destruir eles não sei bem falar disso...

— Sabe sim, sabe muito bem.

— Mas por que eu faço isso... eu acho que é esse meu amor que eu não sei dosar bem...

— Tu estás me dizendo que às vezes desejas arruinar o outro enquanto ódio e de devorar enquanto expressão do meu amor que tu achas que não sabes dosar, é isso ?

— E aí? acho que pode ser isso sim... mas e porque eu faço isso ?

— Isso não tem a ver com certo ou errado, sabia ? Isso tem a ver com a expressão do teu desejo, e do teu sintoma...

— E como é que eu vou sair dessa ? será que tem

saída pra mim ?

— Por que não ? Acontece que quem "tiraniza" o outro, foi ou é "tiranizado". A saída ? está em ti e se tuquiseres, nós vamos encontrá-la... mas com calma, viu ?

Circe se levantou e me deu um abraço... ela chorava em silêncio e me deu um beijo, desta vez diferente dos outros que costumava dar. Seu beijo causa uma espécie de repulsa nas pessoas: "o beijo desta garota é grudento, é pegajoso, ela não solta mais..." costumavam se queixar os médicos e enfermeiros pelos corredores... ou então: "... essa garota é maníaca sexual, você já viu como ela beija ?..."

Os meses foram passando... e o diagnóstico de psicose dado pela psiquiatria ficava cada vez mais "gritante". Circe melhorou muito e após longas discussões "teóricas" com a equipe para se mudar o "encaminhamento" mantido pela psiquiatria, o Lítio foi retirado, mas o diagnóstico de PMD (psicose maníaco depressivo) permanecia. A retirada do Litio se deu porque Circe estava apresentando distúrbios na tireóide. Engordou muito. Após meses de espera veio o Diagnóstico de "tireoidopatia". Ela ainda tomava uma forte medicação "neuroléptica" e sentia muito sono. O psiquiatra associava o seu sono ao seu estado depressivo: "... o sono de Circe é devido ao seu estado depressivo, ela está regredida, deseja voltar para o colo da mãe, o seio da mãe que ela alucina para si..." "Ela internou em fase maníaca. Agora está deprimindo..."

Nesta época eu tentava estabelecer com Circe a rela

ção entre o semblante e a verdade do seu sintoma. Ela buscava, apesar de todas as "interferências" da Instituição que a tratava como psicótica, demonstrações em seu discurso e em seus atos, a prova de que desejava crescer e de não era louca... Ela estava fazendo progressos visíveis. Ela parecia buscar na estrutura do seu sintoma, o sentido desta crise:

— Eu sinto que às vezes eu espero um príncipe encantado... é como se ele viesse e me acordasse com seu beijo...".

Circe me falava ao longo dos meses, lembranças de sua infância que consistiam para ela em "tirantias maternas", perversidades que foram significadas para ela como sinônimo de amor:

— ... ela ficava sempre falando na outra, ela dizia que eu era filha da outra... que a outra era uma pessoa maravilhosa, e aí eu ficava sempre sonhando encontrá-la um dia e ajudá-la... sempre tive medo de não ser recebida por ela... e sempre quis vê-la.

— Tu queres resgatar a tua mãe de verdade, a tua mãe biológica mas qual das duas é a tua mãe ?

— ...sabe o que eu acho ? que das duas eu não tenho nenhuma...

Sua mãe adotiva nunca foi visitá-la, durante um ano em que esteve internada. Após aquela visita domiciliar sua ex-mãe ligou para a assistente social umas duas ou três vezes e sumiu... "Não pretendo ligar mais para saber da Circe... não quero nenhum tipo de contato com ela... só diz pra ela

que ela não tem o direito de usar o sobrenome da nossa família e de nos aborrecer com os seus problemas..."

A alta de Circe estava condicionada ao fato dela ser maluca para a Instituição, mesmo com mais de 18 anos^[9] não tendo assim condições de gerir sua própria vida: "...não podemos dar alta para ela, essa garota". No diagnóstico psiquiátrico dizia: "disparatamento de idéias..." "tem idéias deliróides de grandeza" ou então "...essa garota é maníaca, não vai conseguir nunca sair dessa, muito menos viver só, ou trabalhar".

Nesta época o serviço social foi a Minas procurar sua mãe biológica. Solicitaram um diagnóstico psiquiátrico e outro psicológico. Quando li o diagnóstico dado pela psiquiatria fiquei pensando na cena do juiz daquela cidadezinha do interior buscando uma mãe maluca para uma filha igualmente maluca. Sugeri que ela não levasse parecer nenhum para não dificultar mais ainda os acontecimentos. A assistente social encontrou lá uma mulher com o mesmo nome da mãe de Circe. Com pareceram ao JM local e na presença de pessoas da família negaram que esta senhora, doente mental, fosse a mãe daquelas crianças que nasceram no CPPII⁹ (Centro Psiquiátrico Pedro II) na mesma época em que esteve também internada.

Este fato teve um efeito inicialmente de profunda tristeza em Circe. Com o passar dos dias ela deu uma virada. Ela foi apagando (recalcando) a fantasia alimentada durante toda a sua vida, a fantasia de resgatar sua mãe biológica:

— Todo dia das mães nós tínhamos que acender uma vela para a nossa mãe de verdade — ... "ela era muito boa" ... — nos dizia nossa mãe (adotiva), eu e o C., meu irmão, pensávamos que ela já tinha morrido... só mais tarde é que ela nos contou que a nossa mãe era maluca... (e ela dizia que eu era igualzinha a minha mãe!!!)

O tempo foi passando e Circe já elaborava melhor seus fantasmas maternos.

Um dia Circe acordou e pediu para sua colega de enfermaria telefonar para a B. (sua ex-mãe adotiva). Ela prometeu visitá-la no hospital. Mas, ligava, ligava, e nunca ia. Num final de semana, Circe fugiu com outra colega de quarto. Ela já trabalhava na lavanderia do hospital, estava fazendo natação na escola ao lado e o sono "letárgico" havia desaparecido. O psiquiatra concordou em diminuir a medicação a pedido de Circe. Ela procurava nos jornais (classificados) emprego de doméstica, balconista... Buscava o seu caminho e já estava quase curada dos sintomas que desencadearam sua crise.

Neste dia (da fuga), sua mãe ligou dizendo que iria buscá-la... Ficou horrorizada quando soube que Circe havia fugido: "Não ajudo mais esta marginal, e ela agora só anda com os marginais deste hospital..." Na segunda-feira Circe voltou. Quando soube do telefonema da sua mãe (adotiva) ficou arrasada. Sentia-se culpadíssima e achava que desta vez sua mãe não iria ajudá-la. Passaram-se mais quinze dias e voltou a ligar para Circe: "eu quero ter uma conversa com o teu psiquiatra, ouviu garota ? ... só com ele... não quero saber nem

daquela assistente social nem aquela psicóloga..."

Encaminhei o "caso" de Circe para o chefe de saúde mental. Combinamos em equipe, que ele receberia esta senhora e não o psiquiatra ou a assistente social. Tiveram uma longa conversa. Ela ficou de pensar (mais uma vez) se levaria ou não Circe para casa.

Circe já ia se preparando para deixar o hospital e a mim:

— Eu vou sentir muito a sua falta Graça, mas eu não vou poder voltar aqui, nunca mais... a minha mãe não quer que eu continue me tratando com profissionais deste hospital... e la diz que aqui só tem bandido... (ri) Que saída eu tenho ? você sabe... se eu não voltar pra lá (casa da ex-mãe) pra onde eu vou ? Mas eu não vou esquecer você nunca, nunca vou esquecer que você não deixou me tratarem como louca... você foi a única aqui dentro que me ouviu... você me mostrou que eu não sou louca... e que eu queria parecer louca pra ficar como a minha mãe de verdade... é como se assim eu fosse encontrá-la... mas eu estava tão iludida... e você me mostrou a verdade... e é por isso que eu não posso te esquecer nunca, nunca...

Na semana seguinte quando cheguei ao hospital Circe não estava mais. Alguns dias depois de completar um ano de reclusão, ela voltou para a casa da sua ex-mãe e não soubemos mais notícias dela.

A OUTRA CIRCE

DA MITOLOGIA À TEORIA ANALÍTICA

Circé (Κίρξν) é uma mágica sedutora, feiticeira da Odysséia (Canto X de Homero). Ela é filha do Sol e de Perseu, filho do Oceano. Qual é o grande "barato" mitológico de Circé? Ela morava numa ilha (Aea) e tinha um curioso hábito. Atrair os navegadores (que por lá passassem) com o canto das sereias, cuja voz seduzia e encantava todo e qualquer homem que ali se aproximasse. Circé então convidava-os para ir ao seu palácio, e com a ajuda de uma vara mágica ela os transformava em diversos animais: porcos, leões, gatos, cada um de acordo com a sua natureza e suas tendências de caráter. Depois os colocava numa jaula, já cheias de animais... Essa história foi contada a Ulysses que decidiu libertar os navegadores lá presos...

E na versão de I. Joyce a sua narrativa com seu toque de genialidade. É assim que ele nos apresenta Circé dando a "dica" para Ulysses:

"Tu chegarás primeiro ao país das sereias cuja voz encantadora encanta todo e qualquer homem que delas se aproximar. No entanto, se alguém delas se aproxima sem estar preparado e as escuta, jamais sua mulher e seus filhos o terão perto e não festejarão seu retorno. O canto harmonioso das sereias o cativa. Elas residem num prado e, por todo o arredor, está cheio de ossatu

ras, de esqueletos, de corpos que se decompõem... Passe sem parar ! Amasse um pouco de cera macia e tape as orelhas dos teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvir. Tu mesmo podes escutar se quiseres, mas que, no teu barco rápido, te amarrem no mastro com cordas, a fim de que possas ter o prazer de escutar a voz das sereias. E mesmo que tu pedires que te soltem, que te amarrem mais ainda, com nós cada vez mais numerosos. Depois quando tiverem ultrapassado as sereias, não te direi mais com precisão qual das duas rotas tu deverás seguir. Tu és quem deve deliberar em teu coração. Vou apenas te descrever estas duas direções: ...Neste instante Circe ensina para Ulysses uma travessia de um certo estreito cercado por dois monstros, Cila e Caribde: "Faz passar depressa o teu barco mais perto de Cila, porque é bem melhor lamentar pela perda de seis homens que ela possa tomar do que de toda a equipagem" [10].

Poderíamos fazer um paralelo com a Mitologia e pensar o caso de Circe em pelo menos dois momentos decisivos na história da sua estruturação sintomática:

O primeiro momento está relacionado com a história do seu nascimento, sua adoção, sua realidade psíquica (sexual) e sua realidade familiar.

O segundo momento está relacionado com a sua reclusão hospitalar e com os efeitos deste período em sua realidade psíquica (pulsional, sexual) e em sua realidade institucional.

1º momento: Circe nasce num hospício com um irmão gêmeo e lá são separados da mãe biológica (aos três meses de vida), considerada psicótica e portanto sem condições para

criá-los.

São adotados por uma recém-viúva que já tinha quatro filhos homens.

Circe é lançada numa adoção cuja mãe "cantava" um lugar de mãe mas nunca se colocou no lugar simbólico de mãe, criando com os filhos adotivos um curioso hábito: acender uma vela para a outra, a mãe biológica, todo 2º domingo de maio (dia das mães)... e rezar para esta mãe "maravilhosa que nunca existiu a não ser enquanto promessa fantasmática... uma mãe imaginária que foi colocada como pano-de-fundo para sustentar a fantasia de uma mãe que dizia não querer "usurpar o trono" da outra, ... e era para lá que Circe olhava... Na impossibilidade de dialetizar esta falta materna, cria-se uma fantasia de ideal materno e de resgate (desta mãe). Mas tem a outra, a ex-mãe adotiva... que faz com que a atitude de Circe seja ambivalente, oscilante o tempo todo...

Ora deseja ter a mãe idealizada ("maravilhosa e bondosa mas louca"), ora deseja ser a mãe "maluca" de seus sonhos, se culpabilizando por isso e cedendo a uma pressão da mesma ordem, desejando por vezes ser a filha "idealizada da viúva sem filhos", ou ter a mãe idealizada.

Uma "mágica fantasia" vem substituir o lugar da angústia aí produzida: "acho que a minha carência é de pai, é de homem..." Circe atrai todos os homens para transar com eles e depois os transforma em "bestas" e os põe na "jaula", cadeia.

A ausência da figura paterna (tanto biológica quanto simbólica) enquanto interdição, enquanto lei, pode ter contribuído para a estruturação deste sintoma de Circe. E mais, a ausência da figura simbólica materna criou um objeto-mãe, fetichezado em fantasias intensas, ritualizado em orações e velas ("minha mãe é religiosa e espírita").

Portanto, Circe já familiarizada com identificações perversistas e perversidades familiares de toda ordem tenta fugir... tenta sair dessa, usando a lei a seu favor, se emancipando e anulando a adoção simples (portanto, antes do Estatuto da Criança), mas cai... se estatela um ano após sair de casa... A situação de Circe nesta época (antes de sua internação) era tão frágil que um documento em sua papeleta revela com espantosa tristeza o seguinte episódio:

DA: Juíza de Direito

AO: Ilmo. Sr. "responsável pela obra Internacional Católica de promoção do Jovem"

Senhor Responsável,

Pelo presente encaminho a Sr^a Circe S. L.... que compareceu nesta data ao plantão judicial da Comarca da Capital, encarecendo seja a mesma recebida ou encaminhada por essa Instituição, uma vez que alega não possuir nenhum local para pernoite ou moradia. Apresento por oportuno, protestos de consideração..."

Ass.: Juíza de Direito.

Desgastada com as intensas pressões familiares (re-calcantes), a "vagabunda", "vadia", "tirana" Circe estava só

diante de uma terrível realidade: não tinha sequer onde dormir.

Poucos dias depois aconteceu o episódio que provocou a sua internação judicial. Ela foi estuprada por dois policiais militares (PMS).

2º momento: Circe é internada depois de ter sido "vítima de violência sexual".

Chega angustiada, "confusa", sendo seu discurso diagnosticado pela psiquiatria como "mesclado de uma parte lógica e outra delirante". Dizia ser de uma famosa família carioca e sua mãe a "conhecida" professora de canto. Mas a psiquiatria não acreditou nela. Suas palavras tinham a força de um "discurso delirante"^[11].

E mais, os "comportamentos noturnos" de Circe nada mais eram do que produtos de sua mente fantasística, delirante.

O fato de Circe encontrar na sua sedução talvez sua única arma para lutar pela sua existência-sobrevivência enquanto reclusa, não era levado em conta. Ali, existia apenas uma "mente perturbada", "alucinada", "maníaca", que produzia fantasias eróticas de violências sexuais com os próprios funcionários do hospital.

A verdade Institucional, ao se apresentar como perversista, escamoteia, elide a realidade do seu sintoma e cria (talvez até por ignorância clínica !?) um diagnóstico que vem

favorecer a todos.

À todos interessa que a psicótica seja Circe.

O fato dela apresentar um tesão qualquer, que por a caso é gostar de homens velhos e poderosos e viver com eles suas fantasias sexuais, este sintoma é lido como psicótico.

Mas a violência contra Circe continuou.

Ela foi medicada com lítio e começou a apresentar sérios problemas, pois, ela já tinha uma disfunção na tireóide e com o lítio ela foi engordando, engordando até se transformar numa imensa "carcamona". Demorou muitos meses até encaminharem Circe para um exame clínico (da tireóide) porque a alegação do psiquiatra era de que uma vez introduzido o lí-tio, não se deveria retirá-lo mais sob pena de agravar o quadro psicótico.

O que se pode pensar diante de tanta violência ?

A violência de não ser reconhecida na sua expressão sintomática, a violência de impedir de todas as formas o comparecimento do seu sintoma, a violência de ser estuprada, sedada, deformada, a violência do seu abandono, a violência, a violência...

Se por um lado ela encontrou a perda (enquanto castração ?) de seu referencial amoroso (familiar), por outro, encontrou a "morte" no diagnóstico de psicótica, e na reclusão.

Ela ficou como Ulysses, entre Cila e Caribde:

"Faz passar depressa o teu barco mais perto de Cila, porque é bem melhor lamentar pela perda de seus homens que ela possa tomar do que de toda a equipagem".

E para a nossa Circe, o que se colocou não foi dessa ordem? De um lado a castração e de outro a morte, o perecimento: é ela quem fez a sua escolha:

— Que saída eu tenho? você sabe... se eu não voltar pra lá (casa da ex-mãe) pra onde eu vou?

Foi preciso um ano de reclusão para que Circe, e através dela a ex-mãe de Circe e a Instituição chegassem a conclusão que o melhor lugar para ela era ainda voltar pra casa.

JANAÍNA — PANO TRANS-FERIDA

"A morte é sobretudo isso: Tudo que foi visto, terá sido visto para nada. É o luto daquilo que percebemos..." nesses breves instantes em que falo à toa, é como se eu morresse. A pessoa amada se torna um personagem de chumbo, uma figura de sonho que não fala, e o mutismo em sonho, é a morte..."

François Wahl

O trem passou e levou junto aquele ônibus que saía da escola. Anoitecendo, levou Janaína pro céu. Ali, naquelas ferragens ficou a outra, a irmã também loirinha que com seus imensos olhos negros e febris olhava para o horror.

O hospital passou a ser sua casa. Foi ficando, ficando... Saiu do coma cerebral, operou o coágulo, recuperou seu peso, e para seus médicos estava sem mais nada. Só a voz, ela não fala... ela vê, ela se mexe... mas ela está muda ... desde que acordou do acidente. Oito meses se passaram e seus médicos não sabiam porque ela não queria falar.

— Precisa de uma psicóloga... disse o neurologista aflito.

Cabeça ainda metade raspada, cicatrizes à mostra... ela vai entrando. Antes ficava tão muda. Nada queria saber.

Mas diante do espelho e daquela boneca de pano a ce na mudou. O silêncio que estava do outro lado, agora muda de

mão: Ela segura e aperta a boneca que "morre". No teatro-verdade ela entrou e com sua voz tão fina e trêmula falou:

— Ó, ela tá morta ! Ela enrola a boneca-pano na gaze branca. A bruxa loirinha é lentamente colocada na gaveta da enfermeira.

Morreu Janaína, a irmã, na boneca pano e "re-nasceu" a outra, a irmã de Janaína:

— Olha, ela vai ficar dormindo aqui prá sempre, né! Olha, ela tá no hospital, a Janaína... ela morreu e tá no hospital... não nesse... no outro... longe deste aqui.

Um olhar tão triste fecha novamente a gaveta — "Mãe" o que é morrer ? ... não é igual a dormir ? A Janaína volta, não volta ? Hein ? Porque você também fica assim tão muda... a Janaína, ela volta ? eh ?

Ela cospe as palavras no espelho...

Ela vira o rosto, se esconde entre seus braços e chora.

No dia seguinte ela chegou na sua cadeira de rodas. Perna ainda engessada, ela repetiu a mesma cena: sacudiu a Janaína-pano, pôs na caminha "fez" falar, embrulhou na gaze enterrou na gaveta... Silenciosa, não quis falar.

Quando ela saiu da sala, os brinquedos foram todos guardados, mas a boneca-pano que ficou ali, esquecida-"enterrada" na gaveta surpreendeu. A enfermeira grávida deu um grito de horror, dentro da sua gaveta aquela bruxinha toda enro

lada, toda a morte...

— É vudu ! Só pode ser bruxaria que fizeram para o meu bebê ! Meu Deus que serva do Diabo poderia ter feito isso contra mim ?

Na lata de lixo, jaz a Janaína-pano. Molhada, "ferida" e rasgada como a de verdade.

Presente às portas e gavetas da morte, a Janaína-pano desapareceu. Na cena mágica, o segredo do perecer vai esconder ali, no fundo da gaveta "misteriosa" uma outra boneca-pano para ficar no lugar da "Janaína", no lugar da morta.

Na seriedade dos seus quatro anos, ela luta pelo seu desejo e deseja por amor, a mágica volta da Janaína, à imagem de si. E disso ela sofre, e disso ela está presa neste hospital. E disso, é tão difícil falar, desta dor, deste imenso desejo de ser ela a Janaína.

No seu sorriso e no seu olhar sempre febril ela "esconde" o seu segredo. Ali, naquela sala, diante daquele espelho um outro ouvido à escuta vem comparecer. Ela se vê e ela quer finalmente falar, quebrar o silêncio, chorar verdadeiramente a infelicidade e a culpa de não ser ela a Janaína. Desejar estar no lugar da outra para viver a sua morte, para não mais sofrer, mas a sua melancolia se "rompe", e na Outra cena, a Outra-verdade comparece.

No ouvido de escuta, a escuta analítica joga para a ação este ponto de silêncio que consiste o seu lugar trans-fe

rida, criando ali, naquela sala, naquele jogo-marcado com a morte um intervalo para além da trama dos seus representantes.

Da boca de cena da analista sai uma pequenina voz de criança... é a voz teatral da Janaína-pano, a que "brinca" de produzir todas estas emergências... todos estes desaparecimentos.

Para que Janaína-irmã pudesse morrer ela precisou criar naquele pequeno intervalo para o ato, o caminho da travessia, o caminho da sua volta:

— Oi, Janaína, você está no hospital ? Ela pergunta tão aflita pela irmã... a boneca pula e fala na mão e na voz da analista:

— Não... estou aqui em cima, olha !!

O olhar negro acompanha a boneca no ar:

— Aonde ? No céu ? Você está no céu ? não, não é verdade, você está no hospital que nem eu, mamãe falou que você estava noutro hospital..., agora vá dormir e não me aborreça mais...

Lugar do morto, lugar da analista, na sua experiência imperativa, precisa supor que do seu lugar, a palavra quer dizer, quer resgatar das sombras decisivas, o sentido disto que elas representam.

A Janaína-pano fala com sua "Voz de Fogo" e a cena muda totalmente, como se aquela monstruosa-realidade compare-

cesse ali para encenar o andamento daquela "comédia". No meio da representação teatral a figura do analista "aceitou" ficar no lugar do morto-morta, e falar com a "sua" voz, a voz da Janaína.

Do "coma cerebral" do quarto da neuro ela saiu, depois de tanto tempo e vem agora para falar... e só falar aqui, e só viver esta morte, na transferência.

Ela vem para desvelar e velar a irmã Janaína. Desvendar a outra vertente daquele desaparecimento. A esperança de poder encontrar ali, naquele mágico teatro, naquela brecha que surgiu, alguma saída verdadeira, como seu guardado desejo, na esperança de "ouvir" Janaína e poder perguntar como ela morreu, onde ela está, onde ela chora.

Nesta sua marcha ao acaso, rumo ao desconhecido, de onde ninguém jamais voltou, ela cutuca a "morte". Sacode a Janaína-pano, põe na caminha, faz falar, enterra na gaveta e no outro dia faz tudo de novo...

É este o seu momento, é esta a sua angústia e ela repete, repete a sua "façanha", evocando a irmã presente-absente.

Na sua reconstrução ela se lança para a sua grande "aventura", uma aventura que não se faz por procuração. Ela entra com seu desejo e com o seu pavor de encontrar ali a outra face da morte.

Surge então, a boneca-loira-de-pano naquele lugar ter-

ceiro, onde ela pode "falar" e empenhar a sua palavra, a sua angústia. Na contra-cena a "bruxa" de pano emprestou o seu "corpo" para velar a irmã morta.

Do acidente, das horas intermináveis nas ferragens, ao lado da Janaína-morta se produziu o seu impacto, o seu horror, e do seu pensar de estar ela morta como a irmã.

E na sua escuta silenciosa, ela tudo vê, ela tudo ou ve, mas nada pode saber. Sua mãe aflita pergunta ao seu Dr.:

— Ela não pode saber o que aconteceu com a Janaína! Aí Meu Deus elas eram tão parecidas uma quase a idade da ou tra. Será que ela sabe, Dr. ?

Mas ela experimentou o jogo analítico... e com tamanha precisão e coragem encontrou na Janaína-pano, na "bruxa-loira-de-pano o fantasma da irmã: "Você morreu e está nou- tro hospital, que nem eu".

O exorcismo em forma de bruxaria que a enfermeira sem perceber mergulhou de cabeça no seu imaginário VUDU.

Na cena teatral, ela falou seu secreto desejo e com horror exorcizou seus demônios... e pelo amor (por si) retor nou deste inferno convocado.

E ela chega deste inferno "convocado", ela retornou em palavra de amor e dor:

— Pronto ! agora ela tá lá... não volta nunca mais...

Ela cria com seus brinquedos o cenário de seu quar-

to... Coloca duas caminhas iguais, lado-a-lado e se olha no espelho... e no intervalo entre-olhares ela pergunta — E você ?

E da boca da analista ela ouve:

— Quem morreu foi a Janaína... Esta morte é dela, não é ? Não é a minha morte, nem a tua...

Silenciosamente, aquela pequenina mão retira do "cenário-quarto" a caminha de Janaína e a abandona na gaveta. No seu gesto nasceu o luto pela irmã morta, e ficou a Outra-caminha...

Ela pôde finalmente enterrar a irmã.

Ali, na boca-de-cena da analista ela contracenou sua verdadeira trama. No jogo-de-cena repetiu, repetiu a sua "morte" e dali ela retornou à sua Outra-vida..."

O ESPETÁCULO DA BALA

"Vozes, Vozes. Ouve meu coração, como outrora apenas os santos ouviam, quando o imenso chamado os e guia do chão; eles porém permaneciam ajoelhados, os prodigiosos, e nada percebiam, tão absortos ouviam. Não que possas suportar a voz de Deus, longe disso. Mas ouve essa aragem, a incessante mensagem que gera o silêncio. Ergue-se agora, para que ouças, o rumor dos jovens mortos".

Rainer Maria Rilke

Aurora está naquele quarto que chamam isolamento. Ela fica ali cuidada por policiais que se revezam noite e dia. TV ligada, ar condicionado no máximo. Lá fora 45º.

Um boné virado pra trás escondia seu rosto. Quando me viu nada perguntou. Continuava assistindo o enlatado policial:

— Me mandaram aqui para te atender, mas eu não tenho nada para te perguntar, se quiseres conversar, eu estou aqui.

Ela se acomoda melhor na cama. Agora estava mais próxima da beira e estendia a mão apontando para a cadeira.

— Senta aí, assiste este filme comigo...

Na TV, o detetive negro entrava na festa à procura

dos bandidos... em meio a um grande tiroteio uma loira americana é atingida e morre... tudo muito loiro-hollywood, cenas fabricadas de horror que não chegavam nem a incomodá-la. Dias antes, Aurora havia se transformado na única sobrevivente de uma chacina... onde todos os seus amigos morreram.

Eles estavam jantando pão com mortadela no barraco, quando ouviram um barulho na porta.

Olhares paralisados, foram surpreendidos por revólveres nas mãos de homens que se diziam policiais.

Amarrados uns aos outros foram arrastados, espancados, chutados no rosto, ajoelhados e depois virados de bruços...

Aurora ouvia os disparos. Balas na nuca. Todos morreram. Ela foi a terceira a receber os tiros... Ela sentiu um estouro na sua cabeça... e continuo ouvindo tudo... todos os disparos até o 6º amigo.

O que teria acontecido ? prendeu a respiração e fingiu-se de morta. Passou um tempo e ela se viu ali, amarrada aos jovens mortos. Horrorizada começou a correr pelo imenso matagal. Era madrugada, e ela estava toda ensanguentada ... Precisou andar muito até encontrar ajuda... Internada e operada encontraram uma bala no seu crânio. Alojada, jaz a bala perdida, a bala que não foi aproveitada.

O filme da TV acabou. Aurora se espicha de bruços na cama... está com uma expressão cansada e sonolenta.

— Eu volto amanhã para te ver, tá !

Ela balançou a cabeça e voltou a dormir.

No dia seguinte Aurora estava mais falante, mais animada. Me contou então o que havia acontecido com ela dias antes da chacina:

— Sabe, eu tava na moto do C. um amigo meu... Ele tinha tomado bala e tava escondido num barraco comigo quando de repente a gente ouviu um barulho seco... Sabe o que era ?

— O que era ?

— Era uma cobra enorme. Ela veio se arrastando, arrastando, eu fui me encolhendo toda... E ela pulou na perna do C... Deu-lhe uma mordida que ele até chorou...

— O C. é o mesmo que estava no dia da chacina contigo ?

— Não, esse é o outro C. Mas os dois já "dançaram..."

— Tu gostavas dele ?

— É, a gente tava transando...

— Como é essa história pra ti... as histórias amorosas ? Tu tens pai, mãe, essas coisas ?

— Minha mãe ? Ela foi esfaqueada pelo meu pai. Ela tava num hotel e eu também... Eu era bebê quando ela morreu... Meu pai não presta...

— E aí ? Quem foi que te criou ?

— Foi a F. ela era vendedora ambulante... vendia batata frita... A gente não se dá muito bem não... Ela me corre de casa... Eu já tô na rua desde os 11 anos. Eu tenho uma filhinha de 3 anos que eu tive.

— É ? E a rua ?

— É... às vezes é melhor que em casa. Não tem ninguém pra mandar na gente... A gente pode ir aonde quer. Vai pra lá e faz o que tiver a fim.

— E essas marcas no teu corpo ?

— Ah... isso foi há 2 anos. Tentaram me agarrar na marra pra fazer estropo em mim. A senhora não tá sabendo ?

— O quê ?

— Tão querendo me adotar. Deu até na TV que o Sr. XXX e a XX (artista famosa) quer me adotar, sabe, essas brussas e até esse chinelo ele me deu... O Sr. XXX disse que vai dar uma casa pra mim, pra morar, é, já trouxe tudo isso, esses livros de igreja, ele é crente e disse que vai mandar uma professora aqui pra me ensinar a ler...

— Quer dizer que a XX quer te adotar ?

— Ela falou na TV e na Revista XXXX e eu acredito nela, né ?

Quando fui designada para atender Auróra o diretor me disse:

X, XX e XXX - Nomes de destaque no meio Empresarial, Artístico e Revista de Circulação Nacional mantidos em sigilo.

— Essa garota ter sobrevivido... Só pode ser Deus... essa bala não ter entrado no cérebro dela! Deus existe e ela é a prova disso, nós temos em nossas mãos um caso raro !

Fiquei pensando em Aurora. Como ela iria sobreviver a estas novas significações atribuídas a ela...

Passaram-se os dias natalinos e voltei novamente ao hospital. Enquanto estacionava, vi a assistente social de Aurora saindo. Quando me viu, parou o carro dela na frente do meu. Desceu as presas e veio em minha direção. Imaginei logo que havia acontecido uma coisa muito grave:

— Olha Graça eu já tô avisando logo pra você saber. A Aurora aprontou aí. Cheirou éter, cortou um PM que fica na vigília e quase se afogou na banheira. Agora sedaram ela e o clima está uma barra.

Fui até o isolamento e encontro Aurora dormindo profundamente. Na enfermaria, procurei sua papeleta e me informaram que estava na direção. Fui até a sala do diretor:

— Já sabe o que aconteceu com a Aurora ? me perguntava o diretor.

— O que foi que aconteceu ?

— Aurora roubou um vidro de éter, ainda não sabemos de onde...

(... me lembrei naquele instante de um outro caso... o de um funcionário da farmácia que talvez desse éter, escondido, para os meninos da enfermaria 1).

O diretor continuava falando:

— Ela embebeu uma toalha azul, tirou a roupa e com a toalha no rosto, abriu a banheira... antes, trancou a porta e calçou com um pedaço de pau, abriu a torneira e como de ve ter desmaiado com o éter escorregou e quase se afogou... Um dos PMs sentiu o cheiro forte, bateu na porta, e como ela não respondeu, arrombaram e aí... eu sei que ela discutiu an tes com este PM. Agora ela recebeu uma "punição" pelo que fez e deve ficar sedada vinte e quatro horas. Amanhã a juíza vem aqui.

Eu estava perplexa. Eu via um círculo de horror em torno de Aurora. E ela no centro, e o círculo se fechando, cada vez mais, mais uma vez...

— O que você acha ? me perguntou o diretor apreen-sivo.

— Eu preciso saber de Aurora o que aconteceu. Eu tentei atendê-la hoje. Ela está bastante sedada. Amanhã, se ela estiver acordada... vou tentar atendê-la novamente.

No dia seguinte fui ao isolamento. Vi o prato de seu almoço ali, em cima da mesinha: galinha, abóbora, arroz, feijão tudo num pratinho de alumínio torto, gelado. Tentei acordá-la. Ela suava muito, o ar condicionado estava desliga-do e o calor era insuportável naquele pequeno quarto todo de sarrumado. No último dia que nos falamos, Aurora estava encantada com seu espaço e me pediu para "Mudar" a decoração do quarto, ela modificou a posição dos móveis e arrumou tudo,

roupas, presentes, caixas...

Quando me viu, tentou se levantar. Quase caiu. Pe di, então, ajuda ao PM que estava sentado em frente à porta do seu quarto para me alcançar uma cadeira. Eu segurava Au rora, ela estava tão tonta que se a largasse poderia cair. O PM me olhou atravessado, jogou a cadeira no quarto e como era de ferro fez um barulho em eco, um som que reproduzia a violência do seu ato.

Comecei a ficar preocupada e pensei que o "medo" ali explicitado era para atingir quem se aproximasse de Aurora. Ela sentou-se e começou a comer. Mal conseguia segurar a co lher:

- Eu tô com uma dor horrível aqui no braço...
- Por que ?
- Foi onde me deram a injeção...

Seu lábio inferior estava cortado e bastante inchado, com uma bola de sangue.

Seu rosto tinha uma expressão atormentada e esgotada. Ela fazia um esforço enorme para se manter sentada... Em purrou o prato para o canto da mesinha:

- Não consigo... não consigo nem comer...
- Espera mais um pouco até passar o efeito da inje ção. Eu volto outra hora pra te ver, tenta dormir mais um pouquinho, isso tudo vai passar ! Tá ?

Ela se deixou cair de bruços na cama e já não conseguia ficar com os olhos abertos. Neste momento abriram a porta do isolamento. Entra o diretor do hospital:

— E aí, ela falou alguma coisa "significante"?

— Sim, ela está se queixando de fortes dores no braço, está se sentindo ainda muito tonta, não conseguiu almoçar.

Ele não disse mais nada. Olhava para Aurora e parecia esperar ouvir mais sobre ela...

Neste momento me despedi dela, dizendo que iríamos conversar na sexta-feira. Ela movimentou a cabeça positivamente, no travesseiro suado, e me deu tchau.

O diretor tomou um susto:

— Pensei que ela estava dormindo.

Na sexta-feira a imprensa voltou a dar pesadas notícias de Aurora:

"Adolescente que escapou da chacina agride e se droga" — A menina A., de 15 anos, única sobrevivente da chacina da favela XX agridiu um PM, também pastor evangélico que cuida dela. A menina vem tendo acompanhamento psicológico mas isso não a impediu de agredir o PM. A agressão, no entanto, tem sua razão lógica, segundo o comissário. O soldado por ser também crente diagnosticou o mal que a afligia: "diabo no corpo". Aí ele passou a tentar exorcizá-la. Até que a menina se zangou e o atacou... o pior é que o PM registrou queixa na delegacia próxima e o delegado agora quer tomar o depoimento, contou divertido o comissário".

Com esta notícia estampada em meio ao sangue organizado, a foto de Aurora com uma tarja preta era exibida para ilustrar a matéria. Ela estava de pé, bermudas, camiseta, chinélos e o seu inseparável boné.

Antes de atendê-la fui novamente procurar sua papeteira. Lá encontrei uma xerox da Juiza de Menores que acompanhava Aurora. Era carimbado pelo Tribunal de Justiça do Estado, dirigido ao diretor:

"Sr. Diretor,

- Solicitamos a internação de A.B.P., com 15 anos que sobreviveu...

A. vem sido submetida a toda espécie de exploração publicitária, em flagrante desrespeito ao preceituado pelo Art. 17 do ECA - Direito ao respeito, "Preservação da imagem".

- Seja solicitado ao Hospital XXX o Laudo Médico que não consta (para surpresa deste Juízo de Menores) bem como as radiografias de cabeça de A., atingida por PAF (projétil de arma de fogo).

- A internação de A. nesse nosocômio, deverá ser mantida no mais absoluto "Low profile", i.e., à distância da ribalta, preservando-se a sua imagem já debilitada pelos papagaios de pirata".

....

Fui ao isolamento atender Aurora. Na porta encontrei o tal PM, o crente que diagnosticou "diabo no corpo". Aurora estava triste, cabisbaixa. Era muito difícil conversar ali com ela sem sermos ouvidas. Convidei-a então para ir até a sala da psicologia, naquele mesmo andar. Ela sentou-se

no sofá muito irritada.

— E aí Aurora, como vão as coisas por aqui ?

— Sabe, aquele PM filho-da-puta, ele foi me cague-tá pro diretor. Ele é doidinho, disse que eu tava com o demônio no meu lombo... aí eu fiquei com tanto ódio dele que dei uma porrada na cara dele, e só pra ele deixar de ser besta, taquei um vidro na cara dele...

— Que vidro ?

— Ah... era um pedaço de copo quebrado... Ele fica me perseguindo... parece até aquele desgraçado do meu pai que ficava no meu pé. Agora não deixo ninguém mais ficá no meu pé. Me caguetô, eu dô porrada firme... Aqui todo mundo é esquisito, me olham com uma cara parada... eu sinto que não gostam de mim. Todo mundo é falso. O diretor, sabe, ele fin ge que gosta da gente. Outro dia, ele pediu pra eu assinar u ma folha e quando eu devolvi a caneta ele limpô as mão na cal ça dele... ele tem é nojo da gente isso sim... quando ele be ja, então... ele não encosta o rosto na gente, é de longe ... e tem mais, eu tô de saco cheio deste PM... ele me segue em tudo quanto é lugar que eu vō aqui dentro... é um saco. Na rua me sinto muito melhor. Qualquer hora ô... eu vou é me mandar daqui...

— E pra onde tu irias ?

— Não sei pra que eu fui escapar daquela bala... a gora eu já tava lá com meus amigo.

— Tu estás me dizendo que já estás arrependida de ter sobrevivido ?

— Claro ! pra ficá assim, presa aqui no meio dessa gente toda que me odeia, tendo que me escondê de um, de outro, claro ! e também não tô recebendo mais visita de ninguém.

— E de quem tu esperavas visitas ?

— Do Sr. XXX, né ? A XX tá na Oropa, que eu sei, tá fazendo o show dela lá, deu na TV.

— Tu me dissestes que estás se sentindo perseguida, como é isso ?

— Eu sei lá ! acho que é esse PM crente... ele fica toda hora no meu ouvido - Deus pra lá, Deus pra cá... ó... crente não mata ninguém não. Se tivé um tiroteio aqui neste hospital ele é o primeiro a sartá fora, saí correndo, ele é covarde, e vem com essa de diabo no corpo... diabo é ele... eu acho que tão é me deixando louca. Todo mundo me olha com uma cara que Deus me livre...

— Tu disseste que tem medo dos "bandidos virem aqui" atrás de ti, é isso ?

— Eu acho que eles podem vir aqui e matar todo mundo, assim como fizeram lá no barraco que eu tava, né ...? Sa_{be} onde é o coração do bandido ? na sola do pé... bandido não gosta de ninguém, não tem pena de ninguém, não tem medo de ninguém.

— Aurora, quando chegaste aqui muitas pessoas famosas se aproximaram de ti, ficaram impressionados com a tua

história e te prometeram muitas coisas. "proteção de vida", "uma casa", "adoção", "aprender a ler"... Estas pessoas ao mesmo tempo que parecem querer te ajudar também podem estar te usando. Tu ainda estás aparecendo em jornais, TV, imprensa internacional... Tu precisas parar um pouco pra pensar o que tudo isso significa pra ti. Agora, mais do que nunca precisas ter calma e começar a "ver" o que é bom pra ti e o que não te interessa. Tu precisas saber qual o real interesse destas pessoas e qual o teu interesse nelas...

— Eu quero que eles cumpram o que estão dizendo que vão me dá...

Neste momento vi pelo espelho da sala a cabeça do PM que passava no corredor da rua. Ele parecia sair de mansinho ao perceber que já estávamos acabando a sessão. Ele estaria ali, ouvindo certamente nossa conversa.

— Talvez tu precisas aguardar mais um pouco para ver o que vai acontecer. Precisas pensar o que significa pra ti esta internação, a juíza te colocou aqui para te garantir proteção legal... tu não estás presa, mas eu concordo contigo quando dizes que te sentes prisioneira aqui dentro. O teu momento parece inverter os fatos... tu aqui "presa" e os bandidos que mataram teus amigos e tentaram te matar, lá fora...

— Lá fora não ! que eu já entreguei quase todos... eu identifiquei aqueles filha-da-puta tudinho... tão tudo em cana... mais não tem nada não, ó... eu vô saí dessa... vô

meeesmo...

— É isso Aurora... te vejo na segunda...

Passaram-se uns 30 minutos quando fui surpreendida por um chamado na direção:

— Drã Graça, o que é que está acontecendo com a Aurora ? perguntava o assistente do diretor, em um tom "curioso" e "irônico"...

— Como assim ?

— O PM que toma conta dela veio aqui me dizer que ela sai sempre muito estranha da sua sala, disse que a senhora, tá fazendo a cabeça dela para ela ir embora daqui e que ela estava arrumando as coisas dela para fugir... é verdade ?

— Me parece que quem está tentando fazer a cabeça dela é exatamente este PM. Além do mais este PM fica ouvindo atrás das portas e janelas o que Aurora tem a me dizer... com o pretexto de "vigiá-la", "cuidá-la"... É possível que este PM esteja mobilizando em Aurora mais sofrimento. Ela já se sentia perseguida antes, e agora muito mais. É possível que Aurora esteja mobilizando neste senhor sentimentos outros com os quais ele não está conseguindo lidar... Não me parece com estrutura suficiente para "segurar" esta situação. Eu proponho que se pense melhor quem no momento tem melhores condições de acompanhá-la, sem produzir para ela mais e mais angústia...

Enquanto eu falava, chegava o diretor... O assisten

te passa "o caso" para ele que solicita além da minha presença, a presença de Aurora em sua sala.

Nos sentamos ela e eu, em frente a sua mesa. Aguardávamos o diretor que falava ao telefone... o tempo ia passando e ele atendia outra ligação, e mais outra... quando finalmente deixou cair o telefone no chão, que se quebrou todo, cortando o seu dedo...

Aurora me olhava de lado e balançava a cabeça. Um sorriso bem "safado" saía de seu rosto. Se virou pra mim e, botando a mão na boca sem que ele percebesse:

— Não acredito ! esse cara é totalmente doido...

Após 30 minutos de espera o diretor finalmente se dirigiu a "nós".

— E aí Drª ? o que está acontecendo com a Aurora ?

— Bem, a Aurora... eu ia começar a falar quando ela "timidamente" me interrompeu:

— Não, deixa que eu falo. É o seguinte: as pessoa aqui fica tratando a gente que nem bicho... eu não sô bicho não, e tem mais ficam me perturbando o tempo todo, me vigiando como se eu fosse...

— Como, Aurora ? quem fica te perturbando ? me diz o nome que eu mando chamar agora mesmo !...

Neste instante eu interrompo o diretor:

— Um momento, por favor, sr. diretor a nossa difi
culdade, neste momento é... (fui interrompida por ele).

— Mas se tiver alguém aqui te maltratando, eu quero
saber... Quem é ?

Somente após várias interrupções, entrada e saída de
funcionários da sala, outros telefonemas... consegui falar.
repeti tudo o que já havia falado para seu assistente:

— É possível que este PM, o crente, esteja confun-
dindo um pouco as coisas, talvez ele não esteja em condições
psicológicas para "acompanhar" Aurora, ele pode estar muito
mobilizado com o que aconteceu com ela, e atribuir a estes fa
tos, o "diabo no corpo"... Isso faz com que Aurora se sinta
(com razão) mais uma vez "ameaçada"...

— Ah ! mas isto é muito simples...

O Diretor apertou num botão e chamou a secretária:

— Me faz agora uma ligação com a Juíza de Menores e
me põe na linha...

E se virou para nós:

— ... a gente tira esse PM e manda vir outro... ou
tra coisa, eu gostaria de me desculpar, viu Aurora, porque não
pude vir no sábado vê-la...

Aurora baixou a cabeça e não disse nada... o seu si
lêncio parecia incomodar o diretor...

— É que estou cuidando de uma família inteira resfriada ... e ...

— Então o Sr. deu um "bolo" na Aurora Dr. ?

— Foi por isso, e depois...

Enquanto ele falava, eu pensava nas palavras de Aurora — "Ninguém vem mais me visitar...". Era, então, a visita prometida do diretor que ela havia esperado e era dele que ela sentia tanta raiva e tantos outros sentimentos ali misturados, promessas que iam se transformando em um pacto entre os dois...

Os meses foram se passando e todo dia surgia um fato novo envolvendo Aurora. Ela foi transferida para a enfermaria das meninas, perdeu o "quarto" só dela, e a TV só para ela... o PM crente foi substituído, o que provocou uma forte reação de "revolta" em seus colegas da polícia. Quando me viam se afastavam numa mensagem "silenciosa" e "perigosa".

Nas enfermarias Aurora era chamada de "a sujeita" ou "a bandidinha". Havia muitas queixas contra ela:

— Aurora mexe nas coisas da gente aqui, abre as gaveta, ela rouba de noite essa sujeita..." reclamava uma paciente paraplégica que estava reclusa há 8 anos ali.

Durante estes últimos seis meses o diretor mantinha para Aurora a promessa da casa que ganharia do Sr. XXX e o apoio econômico da XX, a artista que declarou na TV que iria adotá-la e agora prometia apoio econômico.

Ela ia à sala do diretor e com ele estabelecia as regras do jogo, deles.

Um dia me procurou muito irritada:

— Eu tô é com raiva dele... ele tá me prendendo a qui, isso sim... o que que ele qué comigo ? ele tá de fingi-mento comigo ? o que que ele pensa que eu sô ?

— Aurora, tu tens ido lá conversar com ele, e vocês de uma certa forma estabeleceram um pacto...

— Cruz credo, eu não faço isso com ele não...

— Estou te dizendo que fizestes um "acordo" com o diretor... enquanto tu estiveres aqui ele diz que vai te garantir (quem sabe ?) a casa tão prometida... Mas isso é um acordo que tu tens com ele... Tu já tentastes fugir várias vezes... e voltastes não foi ?

— Eu fui passear em casa no fim de semana... tava com saudade... Aí voltei. Isso não tem nada demais. Ele nem se importou.

— Pois é, tu voltastes por quê ? O que te faz fi-car aqui esse tempo ??

— Ele quer que eu estude, eu até quero estudar ... eu quero aprender a ler... ah sei lá... Ele quer que eu estude, trabalhe como se eu fosse a filha dele... eu não sou filha dele... eu odeio ele... e você, você também não faz nada pra mim...

— É ?

— É ! é sim. Você resolve a vida de todo mundo dessa porra dessa enfermaria, tem gente aí que tava apodrecendo na cama e você deu jeito, agora comigo...

— Porque tu não jogas "limpo" com o teu diretor e pelo menos diz pra ele o que tu desejas dele. Vocês estabeleceram um acordo juntos. E eu não faço parte deste teu jogo com ele. Ou tu aceitas as regras deste acordo estabelecido (por ele) ou então...

— Você tá me chamando de falsa ? É... eu sô falsa mesmo. Sô... e daí ? ele também é falso comigo eu quero é que ele me dê logo essa porra dessa casa... ele fica aí de conversa com o Sr. XXX que é outro filho-da-puta... ele fica aí me enrolando, pensa o quê ?

— E porque tu não dizes isso pra ele, parece que tu fazes o jogo da menina boazinha que vai atender as expectativas dele e na hora...

— É ele que me faz assim. É ele que diz que eu tenho que fazer as unhas dos pés, arrumar o cabelo, é ele que quer que eu fique "arrumada"... mais não adianta... eu quero é a porra dessa casa e pronto... eu sô assim... sem frescura...

— Pois é... tu tens que ter coragem de dizer isso pra ele... isso precisa fazer parte do acordo de vocês... ou não ?

Meia hora depois Aurora me procurou. Eu estava a tendendo outra criança quando ela abriu a porta e foi entrando...

— Eu decidi uma coisa...

— Tu podes voltar daqui a pouco ? não vou demorar muito, me espera aqui fora tá bom !

Ela me aguardava impaciente. Quando abri a porta e la entrou, sentou-se na mesa e foi logo copiando com sua própria letra um "bilhete" que pediu para alguém escrever pra ela. Num esforço imenso, ela lutava com as letras e as pala-
vras e me fazia entender a vergonha que sentia por não saber ler:

— Eu vou embora. Lê só o que eu vou dar pro dire-
tor:

" Rio, 01.04.92

Dr. R.

Eu estou cansada de ficar aqui. Por favor!
Quero ir para o Santos Dumont* hoje não
quero ficar mais aqui: obrigada por tudo
o que o senhor fez".

Aurora pediu que eu entregasse o bilhete ao diretor pois temia a reação dele:

* Escola de Meninas infratoras

— Pra Santos Dumont ela não vai... lá só tem bandi da... Ela precisa estudar, trabalhar, ter a casa dela...

Aurora ficou ainda mais um tempo... Ela se fechava cada vez mais... só me procurava para falar que estava muito ocupada com as aulas de natação que frequentava, a escola que estava matriculada... e que por isso não tinha mais tempo pra ir lá conversar comigo.

Ela parecia estar conseguindo manter seu pacto com o diretor e eu percebia que não havia possibilidades de nenhuma intervenção, naquele momento, que pudesse mudar esta situa ção.

Decidi aguardar os acontecimentos e não atendê-la a té que ela me procurasse.

Não tardou muito e Aurora começou a mostrar os si- nais evidentes do seu desespero... de sua espera, da sua "as^u fixia" hospitalar.

No seu prontuário encontrei um documento redigido pela chefe da Pediatria para um comunicado ao diretor:

"Queremos comunicar em caráter oficial a esta direção, que no dia ... a auxiliar de enfermagem XXX surpreendeu a paciente Au rora asfixiando com o lençol o paciente Henrique, portador de deficiência mental na enfermaria 5... Ao ser repreendida pe la auxiliar a paciente gritava e dizia que não pararia porque não suportava mais fi car no hospital e se continuasse aqui vai colocar fogo em tudo. É notório que fatos como o acima relatado têm se repetido com bastante frequência (...)"

Como já não suportava mais ficar "presa" na enfermaria Aurora começou a fugir. Num fim-de-semana pulou as grades e os muros para acompanhar uma procissão que passava na rua. Num outro final-de-semana convidou duas pacientes para fugir com ela. Quando voltou na segunda feira me disse:

— Eu fugi mesmo e daí, já disse que aqui não me prendem mais, eu não fiz nada pra ficá presa aqui! E depois o diretor nem se importou, falou pro outro que eu vi que era até sinal de "saúde" eu fugi daqui...

Aurora fugiu mais uma vez deixando perplexo o PM que a escoltava:

— Não vi quando a garota sumiu. Ela é fogo...

Quando voltou foi surpreendida pelo diretor que decidiu não mais "ajudá-la".

Ele veio me dizer que Aurora havia abusado de sua confiança e que ela não merecia mais a sua ajuda, que havia solicitado sua transferência para uma outra Instituição (CRIAM):

— Eu corri com ela daqui, na frente de todo mundo, na portaria do hospital, foi um horror, mais ela foi muito sa cana comigo... Ela não mereceu todo o meu esforço... mas ela levou um esporro na frente de todo mundo, mandei ela juntar suas coisas e disse que aqui ela não ficava nem mais um minu to... "Se manda, aqui não tem mais nada pra você".

O ESPETÁCULO DA RECLUSÃO

"Minha história não é a de uma grande personagem, é a de um homem que suou e cagou durante dez anos além de sua conta, e mesmo além da conta, de toda conta...

É uma história de dor. Há outras histórias de dor além da minha, mas está é turva. Quero dizer que ela provém de uma causa que o mundo e a sociedade atual dariam tudo para manter oculta, e é em virtude disso que quero dela falar" [13].

A. Artaud.

Artaud é citado aqui porque ele é essencial para se compreender a essência do falso. Ele é testemunha da sua própria reclusão de nove anos, e extremamente lúcido aliás, nos aponta para esta "sociedade que come corpos".

Artaud tinha todas as razões para dizer que se não estava morto, é porque resistia.

Aurora resiste também. E não é só a resistência que retira de seu ato. Ela que vive na rua, resistindo a violências e chacinas diárias, sobrevivendo à fome, e ao crime organizado, resiste também a besteira em série do que significou para os outros a sua não-morte, e que tentaram impor para ela tais significações do tipo: "milagre", "exorcismo", "caridade", "predestinação", "demônio no lombo...".

Ela que também foi vítima de um crime social, resiste, quando todo mundo ainda tenta tirar um "tasquinho" dela.

Foi só se fingir de morta pra todos cairem antropologicamente sobre ela. Foram logo para os vídeos, os jornais, as revistas dizendo que a adotariam, dariam casa, educação, saúde... Ela que precisou criar na dimensão do engano e do fingimento saídas equivocantes e fugas espetaculares, quase é pega...

"O terror do espetáculo é de enclausurar cada um entre o nascimento e a morte^[14] ...

E o espaço entre os desaparecimentos a violência e a sua reclusão, não impediu Aurora de sonhar. Por um tempo ela se iludiu, talvez por um breve instante chegou a acreditar que levaria mesmo naqueles pactos todos, o seu apartamento... pode até ter acreditado que seria adotada pela tal famosa artista de TV: — Eu vô ganhá um apê em Copa e vô levá pra lá minha filha, minha mãe que me criou, vô tirá elas daquele buraco nojento que vive (...) eu quero fazê uma prástica no rosto pra ninguém mais me reconhecê, nem bandido (...) quero fazê um imprante de cabelo, umas trancinhas espertas pra ficá diferente...

Mas, logo logo ela já estava arrependida daquela bala não ter entrado, a bala estragada, alojada na sua cabeça. Ela até topou um "pacto de ajuda".

E o que é um pacto? Lacan vem nos dizer que o pacto é sempre antecessor da violência, antes de perpetuá-la e é o que ele chama "O simbólico dominando o imaginário (...) é a pulsão de morte que está atrás do pacto. É ela que insis-

te em tornar-se pacto"[15].

E neste seu pacto se perdeu a dimensão lúdica, a di mensão do jogo, a dimensão de alteridade, necessária e presen te no jogo.

Ela se iludiu, "e a ilusão a meu ver (...) é a sus tentadora da fé... e fora do lúdico não há salvação, porque o lúdico é o manejo de um jogo articulado, compactuado com os outros..."[16].

E neste seu pacto só o outro lado ditava as regras do jogo. E este outro lado não era a sociedade do espetácu lo ?

"A sociedade dizia: Dê-me isso, e depois isso, e depois mais isso, e se manda, não há nada para você.

No plano real cuidamos de você, não estamos ainda no assassinato, mas isso virá. Pois a sociedade é isso, e isso, e não o que você é, você. Pregue ao lado, isto lhe é permitido, mas você não tocará nisso: família, crianças, pátria, igreja, capital, propriedade, polícia, exército, nascimento, morte". [17].

DA COCA À COLA EM CHAMAS

"Tento me soltar do Imaginário amoroso:
Mas o Imaginário queima por baixo, como um
fogo mal apagado; cria brasa novamente;
ressurge aquilo a que se renunciou; um
longo grito irrompe bruscamente do túmulo
mal fechado".

R. Barthes

Aquele menino franzino andava pelos corredores do hospital exibindo um corpo absurdamente queimado... Todo en faixado da cabeça aos pés, mal conseguia andar.

O cabelo caiu e ele ganhou novo apelido. O careca é "aviãozinho" do Jorge, o dono da barraca de doces. Ele foi queimado pelo Nico, um amigo seu da Cinelândia...

A passagem do Careca naquela enfermaria deixou por muito tempo a lembrança de seus gritos angustiantes. A dor que ele sentia ao fazer os curativos paralizava seus colegas de quarto e a equipe que o assistia.

Não demorou muito e Careca descobriu que a sua dor controlava os outros. Fazia chantagens e ameaças diárias de fuga.

Perdido em tanta dor o Careca parecia não saber mais como equacionar o seu corpo mutilado com a sua realidade hospitalar... realidade ora controlável, ora longe do seu contro

le onde as normas, os regulamentos o mantinham imobilizado, aumentando seu sofrimento.

Ele tentou andar naquele triciclo de plástico amarelo e deu umas pedaladas até a porta da sala onde eu estava... perguntei se queria conversar comigo e ele me respondeu:

— Só se for pra me tirar daqui...

— Por quê ? — está muito ruim pra ti aqui, é isso ?

Ele me olhou com uns olhos saltados atrás daquelas gazes que enfaixavam seu rosto... Colocava a mão no lugar da orelha que foi toda queimada, perdida.

— Ó... eu não gosto de nada que é bom, eu só gosto de coisa ruim... eu quando saí daqui vou voltá praquilo que eu não vou contá o que é...

Careca ficou em silêncio. Como não perguntei nada, foi entrando sala adentro, ainda puxando o triciclo pra junto dele:

— Eu transo droga sabe... eu transo umas pretinha (maconha) e umas branquinha (cocaína).

— O que te aconteceu na rua tem a ver com isso ?

— Eu... transo a droga pros outros e de vez em quando me dão um pouco... como pagamento... pintou um lance que eu não vô dizê o que é... e os garoto pra se vingá de mim ta caram cola em mim e mandaram fôsforo... quando consegui me a tirá no lago já tava todo fudido...

Ele se olhou um pouco. Sentou-se melhor agora no so
 da sala. Um olhar parado no espaço, distante, muito dis-
 tante...

— E aí Careca ? O que tu estás pensando falar pra
 mim...

— Eu sinto as vez falta da minha mãe... Ela teve
 sete filho e um bebê que roubaram, aí a polícia achou e quan-
 do perguntaram pra ela se queria o nenê de volta, sabe o que
 ela disse ? "Não, agora não quero mais porque não sabe mais
 que a mãe sou eu, vai pensar que é a outra que ficou criando
 ele"... isso que ela disse.

Careca falava e dava um sentido de firmeza em sua
 voz e em seu gesto:

— É por isso que tu não pensas em voltar pra casa,
 com essa mãe que tu tens ?

— Não quero voltã pra Minas por causa das minhas
 marca... tenho muita cicatriz e vão rir de mim... "Ih! tá ven-
 do, foi pro Rio e se fudeu todo rã-rã-rã..."

— Tu já tinhas outras cicatrizes, é isso ?

— Já tentaram me matã de faca, já me tacaram fogo,
 me tacaram garrafa...

— ?

— Os garoto de rua, se você tá com eles são seus a-
 migo... se não, são seus inimigo...

A enfermeira interrompeu nosso atendimento... O ci
rurgião plástico aguardava Careca para fazer novo curativo.
Ele saiu irritado:

— Só quero ver se ele vai fazer outro corativo a
cru... porra !

Naquele dia sua Drª me perguntou se eu estava aten-
dendo o Careca,:

— Estou completamente perdida sem saber mais o que
fazer prá ver o Careca feliz... trago brinquedos de casa, con
verso com ele e durante todos os meus plantões ele se agarra
no meu jaleco... vai pra todo lugar onde vou... Quando me des
peço dele... é um horror... fico com meu coração partido... e
le é tão pequenininho e já está sofrendo esta barbaridade ...
Em casa fico o tempo todo só pensando nele... Um inferno, es
tou perdidona... O que você acha ? O que eu devo fazer ?

— O Careca é um menino de rua. E para estas crian
ças, onde o abandono, o desamparo total, os maus tratos, a
droga, tudo na rua é imensamente cruel, não tem como eles não
exporem o que está acontecendo à sua volta. E o que estas
crianças expõem é o horror e o desamor do qual ninguém quer
saber... O Careca, como todo menino de rua, fala de amor, pe
de amor... por acaso não percebeste nada... nenhum movimento
dele ? Ele não está um pouco enamorado da Drª dele ?

— Como assim ? Ele querendo me namorar ? Imagina !

— Mas o que ele pode ler nesta tua dedicação toda pra ele ? É preciso imaginar o que ele possa estar sentindo. Estas crianças são tão "frágeis" porque não se sentem amadas, e elas sabem que são inferiores para si e para os outros...

— Eu gosto do Careca... gosto muito dele... sinto tanta tristeza de ver como ele ficou, todo deformado... ele está sofrendo dores atrozes !

— E aí, tu queres mesmo ajudá-lo é isso ?

— Eu não sei o que dizer pra ele... ele fica me pedindo não sei o quê...

— Não é a verdade que ele quer saber ? Ele quer saber se tu que sofres por ele, que diz amá-lo, traz brinquedos, fala com ele é a doutora dele...ele pode querer saber se tu por exemplo levaria ele pra tua casa...

— Não, de maneira nenhuma... eu não quero um garoto como o Careca para ser meu filho... não é isso, mas eu não sei o que é, sinto muita pena dele...

— Se não é isso, pode ser alguma coisa tua que te compromete ao se deparar com o sintoma do Careca. Talvez fosse interessante procurar uma ajuda profissional, uma análise...

A Drª se levantou irritada:

— Ah! não, não acredito nestas coisas, eu não faria análise só pra isso...

Passaram-se uns dias e o Careca fugiu. Foi encontrado perambulando na rua todo enfaixado e já com infecções por todo o corpo.

Quando voltou ficou amarrado na cama por uns tempos. Depois soltaram e ele pode vir conversar comigo.

— E aí Careca, o que foi que aconteceu contigo ?

— Ah... eu sinto muita falta da rua... da pretinha da branquinha, aqui é muito chato, eu não aguento ficá preso aqui não, que nem esses garotos que fica um tempão... Eu não, eu fujo... eu não aguento a dor pra fazê os corativos, sem a nestesia... O Dr. da prástica disse que eu só queria com anestesia e isso todo dia não podia... ele faz corativo a cru e eu não aguento a dor...

— E agora ? Se tu não queres ficar aqui, tu tens alguém que possa te cuidar enquanto estiveres assim tão queimado ?

— Tem um cara aí, o Wanderley, ele é viado sabe, eu fico com ele às vez... o meu pai morreu há um ano... ele diz que fica comigo porque não tenho mais pai. O meu padrasto, a quele filho-da-puta, ele vendia amendoim e sempre chegava em casa bebão mesmo...

— E a tua mãe ?

— A minha mãe também... ela bebe, bebe mais bebe tanto até cair... Sabia que o nome dela é igual ao seu ? Maria das Graças, né ?

— E a tua Drª daqui, já falou contigo ?

— Já, ela me prometeu que se eu ficá bonzinho até o final do tratamento ela me levaria pra casa dela... eu só penso em morá com ela, eu só gosto dela...

— Tu gostas dela ?

— É... só gosto dela, mas é como mãe sabe !

— Por que como mãe, tu não achas ela bonita ?

— Acho, ela é linda... nunca pensei em casá com ela... casá com a mãe é pecado não acha ? isso é coisa ruim... sabe, ela não tem marido não !

— Outro dia tu me disseste aqui que só gosta do que é ruim... não gostas de nada que é bom...

O Careca se levantou:

— Ô sua desgraçada, eu quero te destruir, tomara que a sua casa se exploda...

— Tu estás com raiva de mim ? da Maria da Graça ?

Careca estava me olhando, sério mas em silêncio. Parecia ter ficado surpreso com a pontuação do nome de sua mãe...

— Tua mãe não vai atrás do que é dela... ela não vai atrás dos que ela gosta... ela não sabe cuidar do que é dela... é isso Careca ?

Ele continuava em silêncio...

— É por isso que tu não queres mais saber dela ?

— Ela agora perdeu outro filho.

— Quem ?

— Eu. Eu não volto mais pra lá... nunca mais...
prefiro a rua...

Ele se levantou, jogou o iogurte que estava comendo na parede... riscou o sofá, as mesas, cadeiras, tudo com giz... foi riscando a parede até a porta. Saiu e bateu-a com força. Passou uns segundos e voltou novamente:

— Foi por isso que fugistes Careca ?

— A minha Drª me enganou... disse que gostava de mim... era tudo mentira... ela só queria eu bonzinho pra não chateá ela pra eu ficá aqui nessa prisão... mas eu não quero ficá aqui, eu queria ir pra casa dela e ela diz que não pode me levá... disse isso, disse aquilo e sartô fora... eu vô é fugi de novo... eu não vô ficá aqui não, sabia ? Os médico fica tudo dizendo "Fica carmo, fica carmo e taca tubo em mim, taca remédio e só corativo sem anestesia... tô cheio, tô puto mesmo, amanhã eles vão vê só, fujo daqui outra vez...

No dia seguinte era a minha folga. Quando voltei ao hospital dois dias depois, li no prontuário do Careca que chamaram a psiquiatra de plantão para atendê-lo. Ela escreveu com letra grande:

"Requisitada para assistir o paciente, com cluo:

'Paciente contido, pois, se não estiver, arranca o soro da veia, posição incômoda e sem explicação para uma criança que se sente ferida, machucada, e sem entender tanto sofrimento. Paciente precisa de um acompanhamento para que leia histórias e permita que fique ocupado. Encaminho-o a psicologia assim como orientei à enfermagem para dar assistência e acompanhamento. Solicitei uma televisão para o paciente, mas contudo foi colocado que no momento é difícil".

Fui até a enfermaria do Careca, e vi um signo hospitalar usado quando os pacientes morrem. Sua cama estava vazia e seu colchão dobrado, aparecendo as molas do estrado ... ele havia fugido naquela manhã e não foi mais encontrado. Tempos depois soubemos que um tal Careca queimado da Cinelândia havia morrido.

* * *

MORRO MAS DEIXO A MINHA EXCELÊNCIA...

Como se pode lidar enquanto analista com uma situação dessas ?

Nesta clínica teratológica onde o monstruoso se encontra com a maravilhosa verdade, talvez não haja amor nenhum como resposta a demanda de Careca. O que há é absorção, disfarce, escamoteamento, falsidades...

O Careca com esta sua história de amores fracassados e embriagados ouviu bem alto o que estavam dizendo pra ele: MORRA ! e ele respondeu em ato.

O que ele procurava na sua fragilidade amorosa? Não era amor ?

É a verdade que os meninos de rua falam... E como alguém que ousa frequentar o lugar de analista se recusa a ouvir a verdade ? Não dá. Não dá pra ficar surdo numa situação dessas.

Certa vez MDMagno falou numa entrevista:

"O menino de rua é uma grave denúncia disso. Ele não entra nos aparelhos de família, de escola, de Estado... ele não quer saber disso, ele tem nostalgia; de uma coisa que é dele; a nostalgia de ser amado. Ele é o único que fica na nostalgia de ser amado. Os outros não tem nostalgia de serem amados. Eles ganham som, computador,

joguinhos, roupinhas, festinhas, escolhi-
nha. Ou seja, tudo que é substituição do
amor. Eles não pedem para serem amados.
Eles pedem mais, mais consumo.

"Os meninos de rua ficam a zero. Quando se
toca -de leve assim na corda afetiva o bi-
cho se desmancha. Aí o babaca da psiquia-
tria vem e diz é porque não tem carinho,
não tem família, tadinho".

Ele se desmancha porque é um nervo expo-
sto, só isso!". [18]

O Careca não expressa alguma coisa, ele é a denúncia
em ato:

Ele foi amarrado à sua cama, sedado pela psiquiatria
para não agir, a qual ainda solicitou para acompanhá-lo, uma
TV e uma "babá-psicóloga" para contar histórias... Para impor
uma outra fantasia pronta que não a de Careca.

Mais o que é isso ?

E a sua pediatra ? Ela que parece não entender nada
de nostalgias amorosas nem percebeu que o garoto agarrado na
sua saia-jaleco queria, implorava amor ? Mas ela lhe trazia
de casa brinquedinhos, roupinhas, joguinhos, como se isso fos-
se importante pra ele.

A Instituição replicante imita os mecanismos per-
versistas, familiares... e os reproduz incessantemente... com
caridades e maternagens daqui, tamponamentos de angústia da-
li, e vão levando...

Mas o Careca sacou tudo, tudinho: e ele fala, com voz de ódio e de fogo:

"A Drª me enganou... disse que gostava de mim, era mentira..."

"Ela agora perdeu outro filho (...) Eu... eu não volto mais pra lá... prefiro a rua..."

"Eu não gosto de nada que é bom, só gosto do que é ruim..."

"Tem um cara aí, o W.: ele é viado sabe, eu fico com ele às vezes..."

O Careca passou e virou uma estrelinha no céu. Com ele seus amores fracassados, esperanças perdidas, sonhos não realizados. Da Coca à Cola, um coração em chamas irrompe na madrugada. Não deu tempo para tentar sair do outro círculo de horror, que por fim se fechou sobre ele.

A VIRGEM DE JADE

"Esse mundo fertilizado era a grande cabeça plantada no corpo da virgem (...) Uma grande vaga do mar invadia um dos compartimentos vaga branca, espumosa, onde se escondiam peixinhos, conchas (...) outros compartimentos eram habitados por pelos cheirando a bicho ou sexo, envolvendo dois pequenos espelhos, olhos da virgem, espelhos retrovisores (...) prenha de todas estas riquezas tinha medo da sua potência e prazer (...) era primavera, causa também do sono da virgem, prenha de desejos insatisfeitos que cavaram túneis dentro do seu corpo, moldando a forma de um pênis interior"...

Lygia Clark

Faltavam poucos dias para o Natal de 1990 quando internou na antiga enfermaria 6 uma jovem-menina com um nome tão diferente quanto a sua história que trazia — KÁLIA. Ela estava sendo transferida de maca do hospital Municipal onde ficou uma semana na emergência com um estranho quadro clínico:

"Paciente com tetraparesia e déficit sensitivo de instalação ascendente provavelmente viral com comprometimento de alguns pares cranianos. Diagnóstico Provável - Síndrome de Guillain-Barré-Laudry".

Inspirava cuidados pois apresentava uma paralisia progressiva que se iniciou nos membros inferiores (pernas) e foi subindo até imobilizá-la quase que totalmente, só movimentando um pouco a cabeça.

Fui chamada para vê-la como psicóloga da sua enfermaria juntamente com um psiquiatra e um assistente da direção (também psiquiatra).

Lembro que sentamos ao lado de sua cama. Fazia um calor intenso e ela suave muito. Os médicos estavam muito interessados em colher uma boa anamnese tentando entender e significar na fala de Kália a razão do seu estado clínico. Eles não podiam esconder uma imensa curiosidade sobre a "cultura" de Kália. Queriam saber se ela falava mesmo todos os idiomas que dizia: inglês, francês, chinês, espanhol, etc. Começaram a fazer perguntas para ela em inglês, coisas tipo: "How did you happen to come here ?"

Ela permanecia em silêncio. Só os olhos muito ansiosos se movimentavam. Já os psiquiatras suspeitavam de um quadro psiquiátrico: "esquizofrenia, associada ao quadro neurológico progressivo".

Fiquei observando aquele rosto moreno, cabelo crespo tão despenteado, suas mãos paralisadas sobre o lençol. Foi quando os médicos decidiram descobri-la para ver seu corpo. Ela estava com um jaleco do hospital e sem calcinha. A sua indiferença frente ao ato médico, não se mexeu, não piscou, nem nada, era muito intensa.

Sabíamos que Kália trabalhou na Rede de Hotéis Equador como guia de turismo, pois havia em seus documentos um crachá do hotel com seu nome e função.

Ela dizia que seus pais legítimos eram exilados polí

ticos. O pai Kuaitiano e a mãe Cubana. Os psiquiatras se olhavam.

Estávamos quase em janeiro e dias depois explodiria a Guerra no Golfo. Tudo parecia uma grande loucura. Ela dizia que estava no Rio para trabalhar no Rock in Rio que também ia acontecer em janeiro de 91. No final desta entrevista, os psiquiatras perguntaram se eu queria saber mais alguma coisa. Me limitei a dizer que voltaríamos a nos ver. Que eu trabalhava naquela enfermaria. Ela perguntou o que os outros médicos faziam. Eles responderam que eram psiquiatras. Ela fez uma cara de surpresa e de desdém e disse: "Kália não é maluca, ela só precisa de uma psicóloga". A minha primeira grande mudança foi levar Kália numa cadeira de rodas para a sala da psicologia. Ela quase não conseguia ficar sentada.

Braços e pernas paralisados não tinha apoio nenhum. Eu precisava arrancá-la de um monte de ferros que a fisiotera pia, por ordem do neurologista havia colocado em sua cama. Barras, trapézios, trações, etc. Um verdadeiro arsenal.

Em um destes atendimentos perguntei se ela sabia escrever. Disse que sim, que era pena não poder movimentar as mãos porque senão ela ia escrever tudo que estava acontecendo com ela. Disse que sabia desenhar e pintar também.

Segurei suas mãos. Elas estavam geladas em pleno verão carioca (40º).

Perguntei se ela sentia o calor das minhas mãos. Disse que um pouco sim.

Massageei um pouco seus dedos e coloquei na sua frente uma folha de papel e uma caneta. Ela tentou segurar a caneta com muito esforço... mas não riscou nada.

No encontro seguinte quando nos vimos me disse muito contente: "Já movimento essa mão". Na sala, dei-lhe mais papel e caneta.

Ela começou então a rabiscar em círculos, ocupando toda a folha.

Num destes movimentos veio muito tremida a palavra "PAZ" e depois logo abaixo, "UNIÃO", "AMOR", "CONFIANÇA", "É O QUE EU...", mais um rabisco que não se compreende e depois "... OS DE AMAR ANIMAIS", em baixo as letras "Y K U A K", "AMOR E PAZ".

Perguntei se lembrava de seus pais e ela disse que sim. Escreveu então numa outra folha "MINHA MAMI: MAYRILOUKS PAPI: YOMINSTRONS".

Numa outra folha escreveu "DIGA AO MUNDO QUE SOU JOVEM". E outra frase "MINHA DIFICULDADE PELO SEGUNDO MUNDO".

Rabiscou um quadrado

e uma palavra incompreensível.

Durante o mês de janeiro muitas coisas foram acontecendo com Kália.

Ela estava sendo avaliada por todos os profissio-

nais. Nesta época coloquei em seu prontuário algumas hipóteses diagnósticas: "Kália apresenta uma paralisia por somatização histérica. Está sendo atendida com o objetivo de reverter este quadro provisório (...) quando sair deste quadro deve-se pensar na possibilidade de fazer um tratamento psicológico, ambulatorial, com o objetivo de evitar novas crises (conversivas) e dar melhores condições para que possa se haver com o seu sintoma".

Esta observação na papeleta de Kália teve um "efeito bomba" na equipe. Logo abaixo da minha avaliação o neurologista escreveu:

"Paciente com persistência do quadro motor e mental. Não controla a urina e fezes. O exame de sensibilidade é prejudicado (...) Já apresenta movimentos voluntários nos quatro membros predominantemente no domínio corporal direito. Sem evidência de Babinsky ou sucedâneos. O quadro clínico sugere acometimento orgânico. Impressão Diagnóstico - Encefalo Mielite - Síndrome Motora + Síndrome mental".

Kália estava muito angustiada, ela solicitava um espaço para falar e ser ouvida. Após vários atendimentos pude estabelecer uma correlação entre o que Kália falava, e o que ela me trazia de especificidade dos seus sintomas, que sugeria cada vez mais um diagnóstico de paralisia histérica. O seu "corpo-sintoma" escapava a leitura médica. Ela exibia fragmentos sintomáticos onde seu desejo (sexual) estava certamente aprisionado. Eu fazia a suposição de que ela teria vivido uma experiência sexual traumatizante (estupro) ou visto

um estupro. Mas esta minha suspeita foi "guardada", sendo a penas revelada a minha hipótese diagnóstica.

Eu não poderia imaginar o que se passaria após este diagnóstico e o que aconteceu é que o neurologista, ex-diretor do hospital, embuído de seu saber e poder médico ficou violentamente irritado. Kália foi nesta época submetida a todos os exames neurológicos possíveis para exploração da mencionada síndrome. Ela estava fazendo tomografias computadorizadas, punção lombar, etc.

O psiquiatra por sua vez diagnosticou: "Apresenta Ideação fantástica sobre si mesma e seu passado, com risco suicida".

A Assistente Social "colheu" o diagnóstico da última internação de Kália na Clínica Psiquiátrica "Episódio esquizofrênico agudo". A freira de sua enfermaria dizia que Kália havia tentado se jogar pelo buraco da rouparia.

O psiquiatra sustentava que ela era psicótica e corria risco de suicídio.

Nesta época, Kália escrevia muitas orações, "Oração para realização do Kossin-rufu". "Oração de agradecimento a Nitireu Daishoniv e sucessivos sumo-prelados..." e dedicava no fim da folha: "De Kália para Tia Graça".

Neste mesmo dia, Kália fez um desenho bem estranho que mais tarde me disse ser o símbolo da seita L. um círculo com uma pirâmide no centro, um céu azul com nuvens, um mar e

dois gigantescos braços tentando segurar o círculo. Embaixo escreveu: "Kália, nós te amamos" (Sou Macazeu)". Maria da Graça, nós te amamos" (Sou Macazeu)" África Hanarara, nós te amamos (Sou Macazeu)".

E depois três vezes a palavra DAIMOKU em destaque a palavra MYO HO REN GUE (agradecimentos aos deuses Budistas) e a dedicatória.

"Com toda energia positiva, com as emanações espirituais, equilíbrio, harmonia e com toda luz das forças cósmica e etérea ofereço esta liturgia para Tia Maria da Graça com a certeza do que mais anseia será realizado pelas forças universais".

Atrás desta folha bem dentro do círculo da Seita L., Kália escreveu: "Tia Graça aí irá um cheirinho em forma de carinho para a senhora". Ass.: Kelly/Kália.

Nesta confusão de escrita e palavras misturadas entre as liturgias e orações, Kália começava a falar mais claramente da Seita L.. Ela assinava tudo com dois nomes: Kelly e Kália.

A Kelly era o seu "nome espiritual" e Kália era o "nome da matéria".

Eu perguntei para Kália quem é Kelly, de onde vinha este nome. E só mais tarde, muitos meses depois é que Kália pôde falar disso. Ela me entregou no dia seguinte um papel onde falava da Seita L.. R.L. é uma religião que é considera

velmente mais uma seita do que religião. Esta seita é de propriedade do próprio Sr. L. Quem dirige a filial no Rio de Janeiro é o Sr. XX.:

"Do Sr. R.L. encarnei, desencarnei, fui e sempre sou Kália/Kelly. Sr. R.L. eu a Kália, aquela Kelly, que conhecestes naquele lugar que não era terra, e nem ar, que sabes que lugar é aquele, envia-lhe uma meditação positiva para que não sofra na matéria".

O que parecia inicialmente (aos olhos dos psiquiatras) um discurso delirante ia se definindo como uma experiência vivida durante 11 anos. Kália foi criada pela Seita L. O que ela viveu lá é muito próximo de uma experiência extrema de horror. Kália descreve lavagens cerebrais, cirurgias com ratos, laboratórios, um mundo sinistro onde viveu confinada com centenas de meninas como ela.

— A Seita funciona no sub-solo de uma casa. Ninguém sabe onde é. Foi de lá que eu fugi quando tinha quatorze anos. Logo quando fugimos eu e mais duas, nós não sabíamos o que era o mundo aqui fora...

...Quando fomos atravessar aquela estrada fomos a tropeladas. Eu fui levada para o hospital e as outras duas meninas que estavam comigo morreram no acidente.

Kália rabiscou uma canção no seu caderno e me deu:

"Canção de mim prá mim":

"Borboleta pequenina venha cá para o Cordel, venha ver quantas meninas hoje é noj

te de meditar. Eu sou uma borboleta pequenina e feiticeira ando pelo meio das flores procurando quem me queira ai! ai! ai!"

— E esta canção foi quando recebi uma injustiça da parte do Juiz de Menores, que na época encontrava-se empregada há cinco meses na Rede XXX de Hotéis como guia turismo, e le enviou-me um papel para eu me apresentar em uma audiência com o prazo de doze horas. Tudo bem ! Obedeci pedindo licença de três dias, o qual foi relatado que eu iria ficar no Rio durante esses 3 dias. Mas não foi real, fiquei posta em uma escola da FEEM outra vez durante nove meses. A outra vez foi depois do acidente. Me tiraram do hospital direto para FEEM. Depois resolveram apenas liberar-me sem qualquer alguém retiasse-me daquele recinto. Foi aí que apareceu o casal V. e P.V. e me adotaram. Fui morar com eles em São Paulo aí nesta época então que eu meditei esta cançãozinha para mim, a canção de mim pra mim.

No cenário "familiar" de Kália apareceu o casal Cardoso, da "mãe" V. Kália fala com muito rancor. Dele, o pai P., com saudade e tristeza.

No espaço hospitalar, Kália estava criando um mal-estar e estranheza violentíssimo.

O diretor absolutamente incomodado com a sua presença. As freiras e a enfermagem começavam a "estranhar" Kália dizendo que ela tinha o "demônio no corpo".

No dia 15 de março, quando a vi, Kália estava trans

tornada. Me perguntava muito angustiada:

— Ai, que coisa ! por que tudo é a Kália, que estranho ! logo eu que sou assim. Sabe o que quer dizer Kália ? Kália é quem preocupa-se com as pessoas frágeis, Kália é quem luta para a discriminação acabar, Kália é quem enxerga aqueles que os homens evitam enxergá-los. Kália é quem procura confortar com palavras afetuosas e energéticas os humildes, os enfermos, os jogados, os desequilibrados. Kália é a quem não é egoísta, materialmente e nem mesmo espiritualmente, Kália é a quem não amedontra-se em encarar uma verdade que pode prejudicá-la. Pensando bem, já sei! Ah ! Kália é a enviada por um anjo do antepassado para cumprir missões só de aplicar amor, carinho a todos!

Kália procurava a sua verdade, transmitindo o seu "saber" naquele espaço de enfermaria. Se movimentando bem na cadeira de rodas, foi assim ganhando a liderança da enfermaria.

No dia 20 de março, Kália me entregou durante seu atendimento, uma boneca que ela havia desenhado. A boneca de transas e laço de fita, vestido com rendas na gola e mangas, a mão direita sobre o peito e a esquerda escondida (pra trás), no rosto o seu "sinal da beleza". Do lado direito do desenho a fala da boneca num círculo dizendo:

"Eu sou a Kália. Revelo-lhes que sou sincera, realista e verdadeira. Sou capaz em perder um amigo por essas qualidades. Não consigo me introzar com pessoas falsas, irreal, mentirosas, porém, burras".

Do lado esquerdo do desenho um outro círculo mas com aquelas bolinhas dos desenhos em quadrinhos assinalando o que a boneca pensava. Ela escreveu:

"Não sou uma deusa, mas diante das populações que conheço mim sinto uma deusa. Eu acho que deveria me valorizar mais e também ser exibida, eu posso ??".

Quando virei o desenho havia uma enorme "Carta para mim". Uma espécie de "sacada" do que Kália via e sentia naquele momento: "Minha revelação do meu plantar mentalmente".

Suportar tudo que ela escutava e via naquele estabelecimento. Kália estava denunciando mecanismos institucionais absurdamente velados e cruelmente verdadeiros.

A intensidade com que ela denunciava o movimento da sua enfermagem e da equipe hospitalar, "contestando" verbalmente não só os enfermeiros como os médicos que a atendiam foi gerando uma crescente onda de ódios e ressentimentos rivalitários que se expressavam em todos os sentidos.

Mas eu precisava ouvi-la para além desta pressão institucional. Era preciso ganhar tempo e Kália precisava avançar muito mais até poder descobrir as razões inconscientes que estavam produzindo sua paralisia. O mês de março já estava acabando e os médicos ficavam cada dia mais desesperados com um diagnóstico de paralisia neurológica que não se confirmava. Kália recuperava movimentos corporais incompatíveis com a Síndrome de "Guillain-Barré".

Ela apontava para as falhas da Instituição que negava sua capacidade de percepção e dar sentido ao mecanismo mais cruel ali produzido: a sua anulação subjetiva, e a "anulação do seu sintoma".

Ela lutava desesperadamente para se encontrar. Anos e anos de vida na seita lhe impediram de viver passos importantes do seu crescimento afetivo. A máquina da seita tentou retirar-lhe tudo que pudesse fazer sentido quanto as mais primiordiais experiências narcisistas que uma criança precisa passar.

No dia 5 de abril tivemos uma sessão marcante. Eu havia feito uma foto dela alguns dias antes. Eu lhe dei a sua foto, e ela não quis. Parecia muito transtornada com a imagem que via.

— Aquela que está na foto sou eu mesmo ? Acho que não é não. O que é isso que tem aqui na cara dela ?

É o teu sinal Kália ("o sinal da beleza") estávamos na sala da psicologia e Kália "saiu" da cadeira se apoiando nos braços e sentou-se no sofá. Ao seu lado um enorme espelho. Ela se virou para se acomodar melhor quando se viu surpreendida com a sua imagem refletida. Fez cara de choro e espanto.

— Ih ! me vi... eu não podia me ver no espelho... e agora ?

— Agora já se viu ! O que foi que tu vistes lá ?

Kália ficou em silêncio. Mudou de assunto. Começou então a falar de seus pais.

Fazia muitas perguntas sobre a sua origem. Perguntas plenas de fantasias sexuais típicas de uma criança que quer saber sobre a origem dos bebês.

— Me apavora, não posso nem pensar que eles fizeram aquilo para me conceber.

Ela estava mobilizadíssima com o assunto. Queria continuar falando. Se balançava no sofá e o barulho do vaie vem do seu corpo me chamou atenção no meio do silêncio que ali se produziu.

Perguntei a Kália o que aquele barulho lhe lembrava.

— Me lembra o motor que tem lá na seita... a estufa dos bebês que tem lá... eles fazem experiência com bebês em tubo de ensaio e tudo. Mas eu não quero lembrar daqueles bebês... prefiro falar das minhas bonecas. "Srª Graça, a Srª sabe que eu tenho muitas bonecas ?"

— É ?

— É, são filhas-bonecas... são muitas, tem a Kézia, que tem esse nome igual ao de uma moça de São Paulo que desencarnou. Késia é vida espiritual. Tem a Ketura que é a cor do planeta de tichaia (planeta espiritual) tem a Edelzuite — é o nome de uma das mulheres da seita. Ela foi a escolhida para segurar o sedro. Tem a Shirayama, é uma garota que tam

bém existe... o nome das minhas bonecas é muito significante para mim... essa Shirayma é encarnada e quando desencarnou foi para o planeta espiritual. Shirayma é a que vem para ter ra, trás as pessoas para rever a família e depois retorna para o seu lugar. Tem a Amenaide que significa o mundo sobre revolta de pessoa para pessoa... Tenho 43 bonecas e antes de eu possuir o Africanarara (a garota que eu adotei) eu tinha u ma boneca com o mesmo nome de Kelly também... e é o meu nome espiritual. Tem a Angélica que vem de anjo. Angélica é tambem uma flor que é também do planeta azul. Por isso ela é to da azul. Ela se encontra no lar da Srª XXX, a coordenadora da FEEM... De vez em quando eu levo uma boneca para a Lídia... as bonecas possuem energia, elas têm sentido... outro dia a tia M.C. jogou o Snoopy no chão. Como é que pode ? E las possuem energia. Aqui neste lugar não deixam a gente chora rar...

Fiquei pensando qual o sentido destas bonecas na vi da da Kália.

— Kália, existe para ti alguma coisa a ver, a imobili dade das bonecas e à tua imobilidade física ?

Kália não responde... fica um pouco em silêncio... De pois me diz:

— A Srª sabia que eu tava escrevendo umas coisas lindas para entregar a senhora ? Alguém afanou tudo. A Inhá (sua colega de enfermaria e também sua colega na FEEM se en contraram nesta hospitalização. Inhá teve um bebê no hospi-

tal e está com Aids) foi chamada para me dar banho aí tiraram tudo que eu estava escrevendo. Aqui, se a gente chora pelas coisas da gente, já tá doente e o médico enfia remédio, já dão uma injeção...

Voltei ao assunto das bonecas:

— Nós estávamos falando das tuas bonecas...

— Eu gosto de dialogar com minhas bonecas... a Kelly desencarnou e recebeu a matéria, aí o nenê nasceu... aí recebeu o mentor que disse: "Kelly você vai receber do planeta terra uma missão..." Ela tinha que segurar a missão...

Kália estava me dizendo que Kelly morreu, desencarnou: E por que então ela se chamava também de Kelly ?

Kália me fala um pouco mais dessa Kelly. Mas quem seria a Kelly ?

O mistério que envolvia este nome só foi revelado muitos meses depois. Por enquanto Kália parecia não querer falar neste nome. Perguntei então pela Amenaide.

— Ah! é esta boneca que a srª me escreveu aqui A senhora escreveu o nome no pescoço dela... Ela sofre muito com o desamor do povo... no reencarnar dele, ela pode praticar um mal.

— Então, ela não é uma boneca para estar aqui ?

— É, não é não... mas já aconteceu muita coisa ruim

aqui A Amenaide é de uma religião que fez mal a ele, acham ela maluca sem ela ser maluca... por incrível coincidência a Tia Isabel que me concedeu ela (enfermeira chefe).

Perguntei então qual seria a boneca que ela estaria precisando para ajudá-la:

— Tem uma, a Ketula... ela tá lá em Peruíba mas não é ela que vai me fazer andar.

— Qual é então ?

— Nenhuma... eu sou a cabeça, a Roquita a gente dá corda e ela anda, dança rock, nunca viu não ?

— Quem sabe então tu precisas de uma Roquita aqui ?

— A Roquita não é espiritual. A gente não pode espiritualizá-la ?

— Existem muitas bonecas que andam... a Vânia...

Kália parou novamente. Desta vez uma mudança rápida quando ia falar na "mãe" adotiva a Sr^a V.

— A senhora sabia que tem maca aqui no Centro Cirúrgico ?

Escrevi a palavra maca numa folha. Kália leu. Logo abaixo inverti a palavra (como se estivesse numa simetria especular) CAMA.

— MACA-CAMA, e esta palavra te diz o quê ?

— Não gosto desta palavra, cama, por causa da safa

deza...

— Por quê ? é só na cama que se faz safadeza ?

Ela ficou pensando. Imediatamente me ocorreu que Kália estava produzindo um sintoma que a obrigava a ficar imobilizada justamente na cama a maior parte do seu dia. Perguntei a ela:

— Por que tu me dizes que tem tanto pavor de cama e no entanto tu não consegues sair dela ?

— Eu tentei... eu tentei empurrar a cadeira, eu ia desencarnar, não ia ?

Kália estava se referindo ao episódio que motivou o psiquiatra a pensar em tentativa de suicídio. Ela na verdade estava tentando se "livrar" da cadeira de rodas. Durante muito tempo Kália fez assim. Jogava a cadeira longe e tentava caminhar. Daí caía.

Voltei a perguntar para ela quem encarnou aí ? Ela não "sabia" falar. Não sabia ou me escondia alguma coisa ?

— Sabe sim, Kália ! fala pra mim, eu quero te ouvir!

A "provocação" fez Kália pensar na cena seguinte:

— Eu antes quando era desencarnada pela 3ª vez, eu era muito egoísta.

O que ela estaria me dizendo ?

— Quer dizer que tu pensas que estás assim (paraplégica) por que cometestes um castigo e... agora estás assim sem andar ?

— O meu tio Oton , quando ele desencarnou. Kália interrompeu novamente, para dizer: ... é tão ruim a gente ficar aqui...

— Onde está o teu tio Oton ?

— No planeta azul. Ele morreu pela abordagem dele. Ele era casado com a tia Gina e tinha três filhinhos. Ele via na matéria carne e osso, mas era espiritualista...

...Tio Oton tinha uma casa de sorvetes... Ele fazia teletransporte...

— O que é isso ?

— Na Seita L. aprendi tudo isso. Não sei como não fiquei maluca naquela casa, viu ? Sabe, teletransporte é ensinar eles a dormir sem precisar de cama... Uma vez eles me ligaram: "Kelly o Congresso já vai começar... eu só ouvia a voz do Dr. C. (papi). Lidar com o espírito é muito grave.... você se quebra toda... sabe, tem um tecido, aquele de camisa la, bem fininho que apresenta as nossas calcinhas. Você veste uma delas, e depois ? e depois pra mim voltar ? "Veste aqui e espera no banheiro" (me dizia a voz)... aí eu vesti e fiz o teletransporte, aí eu cheguei... eu quase morri naquele dia... o rapaz estará te esperando no toilette"... tá ocupado dizia... quando eu cheguei ela disse, Kelly você veio mesmo! Esse Dr. A. que é espiritualista tem consultório na Praça da

Bandeira...

Fiquei pensando nesta história de Kália. O que teria acontecido ? Que loucura era essa de teletransporte, de emprestar o corpo dela exatamente para o quê ? Mais tarde ela me explicou que o que ela emprestava era o seu espírito. E o seu corpo estava ali sem o seu espírito. A história do banheiro e do rapaz que estava com ela... fiquei pensando na possibilidade de Kália ter sofrido alguma forma de violência sexual ou ter vivido alguma experiência de horror relacionada à sua sexualidade. Voltei a perguntar sobre a cena do banheiro:

— ... e não aconteceu nada no banheiro ?

— Não ! só me troquei e saí... o Dr. Cardoso não gostava por que ela a Srª V. vivia me pedindo pra fazer isso (o teletransporte)...

— E aí ? ... e o Oton ?

— Ele é um espírito de luz...

... Tem o Dr. Cardoso que também é espírito de luz. A Vânia é muito ansiosa... a srª sabe, ele também é adotado...

Kália estava se referindo ao fato dela não poder ter filhos (pois não menstrua) ao fato de ter "adotado" a Rhanara, e dela mesma ter sido adotada por este casal que foi da Seita mas que ainda possuem ligações com o Sr. L.

Kália estava falando finalmente destas pessoas — a

Srª V. e o Sr. P.. Foi a partir desta sessão que ela começou a falar melhor dos seus fantasmas paternos.

No dia 15 de abril Kália faz um desenho. Enquanto fa lava de seus pais desenhou um tronco de uma árvore com braços e pernas um braço do lado esquerdo, uma perna do lado direito) ambos flexionados. No lugar da cabeça um círculo em forma de nuvem. No lugar do que seria um rosto humano a palavra PAPI. Ao lado desta figura uma flor-planta com folhas, sem nenhum signo humano. Na mesma altura do desenho do PAPI uma nuvem (no lugar do rosto) escrito dentro MAMI. De dentro desta "nuvem-mãe" sai um pé e uma perna que vão sustentar duas pirâmides: a de baixo, invertida, e a de cima com um grande olho no centro. Na ponta da pirâmide superior, dois grandes ouvi dos envoltos numa cabeleira crespa. Nos braços pendurados en tre as duas pirâmides, e no centro da pirâmide invertida a pa lavra Kália. Ao lado da sua representação um outro desenho quase que colado ao seu "corpo" ambos suspensos no ar. Uma roda furada no centro com corações em volta (por dentro) e um pequenino coração no centro da figura. Também colado a es ta uma lua de cabeça para baixo e uma estrela. Na parte supe rior da folha, quatro grandes pontos de interrogação e a pa lavra POR QUÊ ? dentro de um círculo que sai da cabeça da Ká lia.

Este desenho impressionante era a representação grá- fica do "esquema corporal" de Kália. Era espantoso e ao mes mo tempo muito curioso pois lembrava uma pintura surrealista. Era esta a sua "imagem inconsciente do corpo"[19]. . Fiquei pensando

se ela nunca havia se visto no espelho.

— Kália quer sua Mami-Mary, e seu papi Johns. Ela os quer demais, ela nunca sentiu-se solitária de mami e papi.

Kália estava tentando me falar da sua imensa solidão. Ela não lembrava da sua mãe. Do pai só a roupa que ele vestia quando ela o viu pela última vez:

— Eles são exilados... eles não podem vir ao Brasil porque estão presos no Kuwait... A Seita já pagou passagem pa ra Kália ir lá vê-los... mas eles estavam num lugar com umas grades e só deu para abanar de longe para eles... e foi só uns dez minutos...

A solidão e o desamparo absoluto sentidos por Kália apareciam num outro desenho muito expressivo. O ter mãe e o ser mãe se entrelaçam numa carta para sua Rhanarara logo abaixo deste desenho. O rosto de uma boneca-menina de trancinhas fazendos beicinho de choro, um olho aberto e outro fechado, escorrendo lágrimas e a mão limpando a lágrima do outro olho, e escreveu:

"Meu plantar mentalmente: Rhanarara, minha amada, não chores porque sua srt^a Kália não deixou-lhe de amar-te por encontrar-se esse tempo ausente de você. Não sei quando mas um dia irei correndo abraçar-te! Você não sai do meu pensamento" (...).

Comecei a atender Kália, sentada diante do espelho, ao meu lado. Estabelecemos uma espécie de jogo cênico com o

espelho. Era possível nos falarmos mas com a seguinte condi
ção: ela não poderia se olhar no espelho nem olhar para mim
 fora do espelho. E eu também.

Ela só poderia falar olhando para a minha imagem re
fletida no espelho e eu olhando para a sua imagem. A "novida
de" era a palavra não. "NÃO pode se olhar agora". A repeti
ção intensa desta experiência no espelho fez Kália escrever o
 o seu "plantar mentalmente":

— (...) quero que ela diga o NÃO para os al
gos erra
dos, que simboliza o pecado. Quero que diga o sim para os a
mo
res, naturezas propriamente constatada e provada... o SIM
 para tudo que é de agradabilidade ao nosso dono e a nossa pró
xima vida, ou ao lugar que iremos...

Kália precisou repetir muitas vezes até perceber a
 diferença do "NÃO" e do "SIM".

O "NÃO" da Seita era o da proibição, do castigo, da
 repressão. Kália me demonstrava como, ao longo dos seus 11
 anos de seita, ele introjetou um NÃO que trazia a possibilida
 de de um SIM. Este, não era um "NÃO" de repressão e sim um
 desafio desejante. Ela desafiou o Sr. L., ela questionou a
 autoridade deste NÃO. E neste desafio se decidiu o seu sinto
 ma (histérico) seu desejo foi mais uma vez atiçado: e ele con
cluiu sua certa-reflexão dizendo: — É, isso foi a grande es
sência ! A filha que era para possuir, já possuo.

Nesta época Kália ainda continuava fazendo os mais
 diferentes exames clínicos, solicitados pela neurologista. A

Síndrome de Guillain-Barré não se confirmava e ela já não precisava mais de "sondas vesicais" nem dos aparelhos ortopédicos mas não estava afastado pelos médicos o grau de comprometimento orgânico. Ela estava agora sendo atendida por uma neurologista que não duvidava de uma paralisia histérica.

Kália vinha produzindo a irritação na equipe. Desafiava o poder e o discurso médico de diferentes formas. Chamava-os de incompetentes e se recusava a tomar a medicação oral. Escondia os remédios sob a língua.

No seu prontuário encontramos uma observação:

"Paciente apresenta crise de agitação com "tentativa de suicídio" (?), tendo pendurado-se no vão do 2º andar e ameaçado se jogar - Conduta. (1) Contenção no leito; (2) Diazepam 10 mg IM (Intra muscular)".

O médico de plantão duvidou das tentativas colocando uma interrogação. O psiquiatra solicitou da neurologista "informações sobre contra indicação de transferência da paciente para clínica psiquiátrica", a qual respondeu:

"Paciente pode ser transferida para a Clínica Psiquiátrica nesse momento, caso haja necessidade urgente".

No dia seguinte, o psiquiatra voltou a escrever na papeleta de Kália:

"Por não haver contra-indicação da neurologia e pelo fato de ter tentado suicídio por 4 vezes na última semana sugiro encaminhamento para clínica psiquiátrica especializada. Há risco de suicídio".

A psicologia não foi consultada. Mesmo assim escrevi abaixo do parecer psiquiátrico:

"Atendimento psicológico. Em se tratando de paciente com quadro de Paralisia Histérica: 1º é preciso observar que estas "tentativas" de suicídio são na verdade uma demanda de S.O.S.; 2º este quadro "denuncia" todo o tratamento médico à histérica (este sintoma desafia diferentes discursos); 3º Kália está mobilizada com questões importantíssimas de sua história; 4º Solicito da equipe maior atenção e tempo para que se possa (escutá-la) atendê-la. O seu desejo não é de se matar, embora isso possa realmente acontecer (acidente) o que não significa que tenhamos que ficar sem possibilidades de atendimento neste hospital".

No dia seguinte, o psiquiatra, com o apoio da direção do hospital, transferiu Kália para o CPPII - Centro Psiquiátrico Pedro II. Esta decisão não me foi comunicada. Kália foi transferida para o CPPII acompanhada de seu laudo médico-psiquiátrico:

"Paciente apresenta (...) ideação fantástica sobre si mesmo e seu passado. Na última semana fez 4 tentativas de suicídio. Por não contarmos com local protegido solicitamos sua internação em clínica especializada - Risco de Suicídio".

Alguns dias atrás a direção fez muitas reclamações do comportamento de Kália. Fui consultada se havia de minha parte algum interesse maior em atendê-la. Lembro que respondi que o meu interesse não era no caso e sim no espaço de um trabalho ali realizado.

* * *

Ao mesmo tempo em que avançávamos no trabalho de análise, pois ela falava de sua história traumática, Kália era vista pela Instituição como maluca onde tudo que dizia era produto da sua fantasia. Eu sentia que o meu "compromisso" com Kália era o de ouvi-la e dar a chance de que o seu sintoma falasse. Kália fazia um trabalho de reconstituição de sua imagem corporal, imagem apagada pelos mecanismos de repressão da seita.

No dia anterior perguntei ao psiquiatra porque ele estava tão preocupado com as ameaças de Kália. Senti que ele absolutamente não considerava nada do que ela dizia como um relato da sua história de horror vivida durante 14 anos no sub-solo de uma seita. Ele me disse:

— A Kália está num estado depressivo intenso. Como ele é um caso grave, uma psicose importante achei bom não arriscarmos... (...) e depois, eu ando meio apavorada com isso. Semana passada uma amiga minha... se suicidou, e eu me senti muito mal com isso...

Aqui estava provavelmente uma das fortes "razões" que levaria Kália a ser transferida. Ela estava "deslocando" para o sintoma da Kália, o seu sintoma. Parecia não haver mais chances de atendê-la.

No dia da sua transferência fui vê-la. Ela estava revoltada e assustada. Reclamava do hospital, das irmãs, de quase todos...

Foi quando lhe perguntei se o nosso trabalho não tinha importância alguma para ela, pois ela não estava preservando com estas brigas o "nosso espaço", ela não estava priorizando o lugar que tinha para falar e ser ouvida.

Ela chorava e não conseguia soltar minha mão.

— Eu vou voltar, você vai ver, e vou provar para você que eu quero continuar me consultando com você. Kália me entregou, então, uma carta de agradecimento que dizia:

"Agradecimento pelos Atos recebido negativo e positivo:

Agradeço pelas positivities da M.G. (psicóloga) e pelas positivities da I.C. (neurologista), concedendo-me apoios resistentes dentro do meu estado enquadrado ao problema neurológico, psicológico e evidente simpaticamente de mim para elas e delas para mim. É óbvio, elas não consultavam-me só apenas dentro de sua profissão, mas também dentro do "amor" aos pacientes. Aí, como seria tranquilo se todos médicos, psicólogos usassem a técnica profissional, e a do "amor" buscando positivities evidente a recuperação do paciente. (Parabenizem o máximo!!).

Quanto à parte da terapia ocupacional, também

bem agradeço-lhes pelas atenções a preocupar-se em ver-me recomperada daqui, de onde de voces buscavam esforço a ver passos bem dado ao tratamento terapeutico, mas infelizmente por traz de tudo isto, existe mentes vazia dentro das impossibilidades de encherem.

Quanto à enfermagem, agradeço pelo estrovertimento e harmonia, bondade do Luizinho, e agradeço pela eficiência de trabalho do Sr. J.C., do Sr. S. e da Srª M.C..

Quanto à parte da Servência agradeço a tia V. pela sua humanidade em procurar servir seus ouvidos a ouvir-me, dentro da procura a afago satisfatório a quem procurou a dialogar.

Quanto às senhoras que se dizem irmãs de caridade, logicamente a que dar para receber um olá ! como irás ? é a senhora V.

Quanto a intendência desse Centro Brasileiro Hospitalar... agradeço-lhe também, pela agradabilidade, e desagradabilidade. Quanto à agradabilidade, agradeço-o por permitir-me hospedar-me neste hospital (...) é que eu sou só, sem apoios familiares, é por este motivo da minha presença.

Quanto à desagradabilidade é em este Sr. não possuir conhecimento em distinguir uma pessoa normal, com uma psicótica, e em ser frágil a ser levado pela mente dos outros como um adolescente desorientado, se ser capaz de procurar uma realidade de frente à frente, de usar formas de recado, ou silêncio. Mas mesmo assim, como sinto totalmente por cima disto o agradeço pela oportunidade em este sr. conceder-me chance verídica fortificando-me em sentir-me por cima, não importando a diferença da minha idade com a dele, mas a competência não tem idade.

As pessoas a que citei, pode ler. Tia Graça deixo este papel caligrafado com a Srª, se a srª quiser dar fim, não der, guarde-o que um dia virei aqui e pegarei, junto com a foto que fotografaste-me.

Kália".

Com esta carta de despedida, Kália deixava o hospital rumo ao "hospício" Pedro II. Momentos antes de nos despedirmos um enfermeiro interrompeu o atendimento para levá-la empurrando com violência a maca. Pedi que esperasse um pouco. Ele voltou 5 minutos depois, e como Kália se encontrava abraçada em mim chorando, pedi, fazendo um sinal com a mão para esperar. O enfermeiro sumiu. Logo depois fui chamada a comparecer na direção, um assistente do diretor me perguntou porque eu estava "atrasando" a ida de Kália para o Pedro II (o tal enfermeiro tinha ido se queixar na direção).

A minha resposta técnica foi que no momento em que o enfermeiro chegou para levá-la o atendimento à Kália ainda não havia sido concluído. Como eu não havia sido comunicada da sua transferência, quase não tive tempo de "fechar" meu trabalho com ela. O assistente ouviu sem fazer nenhum outro comentário.

No dia seguinte encontro Kália em outra enfermaria.

— Nãooo !!! voltaste ? e aí, o que foi que aconteceu lá ?

— Srª Graça, a srª não pode imaginar que ridículos estes médicos daqui...

... Acharam que eu não ia falar do meu problema e do meu atendimento aqui ?... eu disse que estava sendo muito bem atendida pela senhora e pela tia XX da neurologia e aí eles disseram que lá não tinha vaga pra mim, que o meu lugar era aqui, com a senhora. Que máximo, não ? Eles ainda me manda

ram outra vez para lá, ontem, mesmo, mas o diretor de lá, um Dr. super ótimo me disse que se insistissem, ele ia chamar a imprensa pra falar da minha situação. Que bárbaro, não ?

Fui à papeteleta da Kália. A enfermagem escreveu que por "não terem confirmado a vaga (antes prometida) Kália aguardava nova transferência para outro hospital".

O psiquiatra responsável colocou na papeteleta dela a seguinte nota:

"Após entendimentos com a diretoria deste hospital, ficou decidido ser responsabilidade da neurologia (Drª XX) e da psicologia (Drª G.) o acompanhamento médico-clínico da paciente K. enquanto hospitalizada nesta instituição".

Ele me procurou alguns dias depois para me dizer que se Kália se matasse não era mais responsabilidade dele. Disse para ele não se preocupar, porque Kália sabia o que estava fazendo.

— No teatro do suplício ela se sai muito bem, Dr.. É possível que ela esteja demandando justamente o contrário... é possível que ela esteja procurando a sua "vida".

Naqueles dias, Kália havia se tornado o centro das atenções do hospital. Definitivamente era a "líder" da sua enfermaria ganhando a simpatia das pacientes e a simpatia daqueles funcionários, estavam contra a sua transferência hospitalar. O diretor não teve outra saída senão "suportá-la" de

volta.

O psiquiatra que medicava Kália, após a "última nota", foi transferido para outra unidade, fora do hospital.

O mês de maio estava começando e Kália sentia-se mais acolhida. Estava se alimentando melhor e dizia sentir-se bem.

— Não sei por que surpreendo as pessoas quando pro curo desabafar meu caso social e político. Não costumo dialo gar sobre mim a pessoas principalmente as sociedades inco modadas. Quando é em sociedade pública, ou seja, de funcioná rios querendo ser melhor do que os outros ou melhor competi dores, no meu caso eles procuram passar por cima de mim diag nosticando como psicótica por aceitarem o meu Q.I... Isso só em sociedade louca, enquanto em outras, aqui mesmo no Bra sil, não reagem assim ou seja, valorizam-se o máximo!!"...

Neste momento fiz uma intervenção-pontuação na sua fala. Precisávamos retomar ao nosso trabalho, pois o que a mantinha paralisada não era o sintoma desta instituição e sim o seu, do qual ela estava "dando um tempo", que o sintoma de Instituição poderia incomodá-la com o que ela tem de perversi no, de cruel, mas que a Instituição próxima a esta, a Seita é que havia "apagado" o seu movimento humanizante.

— Muito bem Kália, já "jantastes" os médicos todos, te banqueteastes nestes últimos dias e não sabes exatamente po que tudo isso foi produzido. E agora ? eu quero saber onde queres ir... ou quero saber o que tu queres pra mais além do

teu desejo, "político" (tu és guerrilheira como os teus pais ?...) "institucional". Agora vamos voltar. Precisamos ver onde o teu sintoma tem a ver com esta tua história toda...

Kália ficou em silêncio... Voltamos ao espelho para trabalhar.

* * *

No dia seguinte a neurologista me procurou. Kália havia lhe dado um desenho muito curioso. Era evidente que ela esperava que sua médica me enviasse "tal" desenho. Kália estava no centro do jogo transferencial, "concedendo" um desenho à neurologista, sabendo que ela me entregaria. E foi o que aconteceu.

O desenho foi feito numa folha, no sentido horizontal. Na parte superior cinco "retratos" tipo 3x4 de uma mulher. Nestas molduras, a mulher era vista com o mesmo cabelo chanel e uma blusa decotada. Os braços para baixó até a altura do busto onde o desenho acabava. E no lugar dos rostos das cinco mulheres, não havia rosto algum e sim dentro de cada rosto uma vogal totalizando o a, e, i, o, u. Embaixo da primeira a palavra AMNESIA; da segunda ERROR; da terceira, INDIFFERENCE; da quarta, OMISSION; e da quinta UNCIVIL.

Em destaque a frase: "EASY FOR WHO TO SAY". Enig-

matic polaroids by with winner Lorna Simpson. E abaixo um estranho texto, todo em inglês. E no final uma frase bem importante:

BRAZIL - RECORDEZIONE OFF SAIT L.

J.K.

X

Sr. L.

x

KÁLIA.

As lembranças da seita L. iam comparecendo... enigmáticas e sombrias lembranças escondidas atrás de um importante nome do seu "universo fantasmático" da seita: a Srª XXX.

— Quem era ela ? perguntei a Kália:

— Ah ! A Srª XXX, como a senhora adivinhou ? eu lhe odeio, a srª parece que lê o pensamento da gente... (Ela não me olhava e meio choramingando esperava a minha intervenção).

— E aí, vai ficar fazendo historinha comigo ?... Está mesmo tão braba assim ?

— Ah, a srª sempre diz isso... Eu não tô fazendo historinhas, eu tô falando a verdade.

— Qual verdade ?

— A Srª XXX... era ela que me cuidava na Seita. Ela me cuidava junto com outra menina de lá (A Kelly). Ela era inglesa e me ensinou tudo o que eu sei, até escrever e ler em inglês. Ela me alfabetizou em inglês.

O desenho significava para ela uma polaroid. Ela estava "fotografando" o campo da sua outra memória inconsciente. A Srª Simpson era um importante fragmento da sua história que ela lembrava. Kália resgatava na sua lembrança a Srª Simpson e com ela a Kelly, a outra menina que dividia o quarto com ela na seita. Estávamos nos aproximando de um ponto muito importante, e por isso tão bem guardado (recalcado).

A Srª Simpson ocupou durante muito tempo o lugar materno. Esta inglesa foi a responsável pela educação de Kália transmitiu, além do "conhecimento" da língua inglesa, uma sensibilidade especial para as artes: pintura, música, etc. Ela conhecia a obra de Marcelo Duchamp, Picasso e outros. Nesta época, Kália me deu de presente, um quadro enorme. Era uma reprodução feita por ela de Guernica que pintou de memória. A pintura é impressionante. Kália parecia ser só memória, parecia uma máquina "botaram esse quadro para gente copiar.... Aí eu ganhei, o meu foi o mais bonito e o mais parecido..."

— Tu sabes o significado deste quadro ?

— Não... !

Fiquei mais uma vez perplexa. Conteí a ela sobre a Guerra Civil Espanhola e toda a história da Guernica. Ela estava absolutamente calada...

— Percebeu Kália ? Sacar agora o que é que fazem lá na seita... Te dão uma coisa sem te dizer o significado disso... e aí tu ficas imaginando o que tu queres... olhas e vês o massacre entre duas vidas...

— Que duas vidas são essas ? Destes homens e animais ? Será... ?

Continuamos a falar da Sr^a Simpson.

Kália contou que essa Sr^a também vivia como as meninas, no mesmo regime de clausura. Havia um mistério envolvendo o filho da Sr^a Simpson, um mistério revelado por Kália somente tempos depois. A Sr^a Simpson ficou muito envolvida emocionalmente com ela e a outra menina, a Kelly. Parece que este fato, associado a um outro mistério envolvendo a Kelly seria o que retornava com peso de cena traumática, algo que não podia ser lembrado (daí a amnésia, a palavra que estava embaixo no "retrato polaroid" da Sr^a Simpson), mas ela já estava falando disso... com muito medo e angústia...

Atrás da Guernica, Kália havia colado um papel com os seguintes dizeres:

"O MASSACRE ENTRE DUAS VIDAS".

Nessa minha tela mostra muitas vidas em vida que cada minutos e segundos irá transformando em um assassinato entre os homens e animais, por não encontrar-se em conhecimento quem são eles, se são os verdadeiros animais, ou verdadeiros homens.

Aí na tela imortalizei o homem e os animais.

Ass.: Kália e Kelly"

Quando eu li, eu percebi que Kália desconhecia o significado da Guernica:

No dia seguinte levei para ela um livro sobre Picasso. Abri na página onde havia uma reprodução da "Guernica" . Kália ficou impressionada com a semelhança de sua reprodução de detalhes.

— Kália, onde vistes este quadro ?

— Lá na seita... um dia teve um concurso para saber quem memorizava mais ligeiro...

Estava mobilizadíssima e aos poucos ia se conscientizando que havia para ela uma divisão radical entre o mundo da seita, onde viveu até os 14 anos e o mundo fora da seita.

Naquela noite Kália não dormiu e escreveu numa folha o que estava pensando.

Quando a vi na semana seguinte, foi logo me dando as suas anotações para eu ler:

"São quatro horas e quinze minutos da matina de sexta-feira, do dia 21 de junho de 1991.

Por que tudo isso ?

No dia 14 de agosto de 1985 surgiu Kália, um ser frágil, fisicamente, melindrosa tenra, porém cheia de interrogações dentro do seu consciente e subconsciente.

Aqui, aqui nesse mesmo mundo que ainda encontro-me que cada dia, mês, ano, minutos e segundos a Kália multiplica suas interrogações sobre o seu passado brilhante, que hoje levemente, ela chega à causar a esse passadão por carregar interrogações, hoje, que desde 27.9.71 foi surgida para enfrentar o passado "SEITA". É, em agosto de 1985 apresentei-me em um lado da vida totalmente diferente, esquisito mas com a ma

téria desconhecida diante dela mesma e de quem a atendia, trazia um brilhante e resistente equilíbrio espiritual, mental para suportar esse segundo lado da vida. O que é vida? Será que é viver na vivência espiritual ou material, ou seja, o meu passado, ou esse meu presente? Já faz seis anos que a Kália encontra-se aqui sem saber ainda identificar que lugar é esse onde se encontra-se à seis anos! Ela fica sem saber se diz sim ou não para tudo isso. Com suas observações desse lado, ela junta o outro lado de sua ex-vida, e descobriu realmente que ali era um Robô, então com esse costume de raiz a Kália mesmo aqui nesse lado liberal não livrou-se desse lado Robô, por não acertar uma pequena palavra que contém três letrinhas apenas "NÃO"! Hoje ela com seus dezenove anos ela diz: de dezenove anos de que? de que será? de vida? de existência na terra? de ser tentada a cobaia para exames céfalo? de sanidade? ou de terra...? Ela não sabe, e quem poderá conceder respostas para suas interrogações?

Chega...!

* * *

Foi tão impressionante ver e acompanhar ela neste momento.

Pela primeira vez, ela estava se vendo na Seita.

Monstruosidade. Ela se pergunta "O que é vida (...)" com suas observações desse lado, ela junta o outro lado de sua ex-vida (...) aqui nesse lado liberal não livrou-se desse lado robô (...).

As sessões que antecederam àquele momento foram extremamente duras. Kália se recusava a me olhar através do es

pelho e eu insistia em continuar. Ela procurava a sua verdade e para isso precisava fazer a dolorosa travessia. Vez por outra, quando seu olhar se aproximava do meu, no espelho, ela tomava um susto e fazia voz de choro. Era ali, entre a minha imagem e a dela que seu olhar a surpreendia, e ali, naquele lugar terceiro que ela se via... se assustava tanto com o que via.

— Essa aí sou eu ?

— Esta aí é a tua imagem refletida. Tu estás do lado de cá... como eu.

— Na Seita, cobriam todos os espelho ou os algos brilhantes com um pano preto pra gente nunca se olhar.

— É por isso que não consegues me olhar ? Por que os olhos são como um espelho, também refletem ?

Lentamente ia se revelando um outro mundo para ela. O prazer de se ver era vivido com intenso medo e ao mesmo tempo intenso e absoluto fascínio.

Foi só bem depois que Kália pode me contar que na seita era proibido olhar para o próprio corpo durante o banho. Era obrigada a usar cinco calcinhas, sete meias, e o corpo todo era muito bem "coberto", assim como os espelhos...

Era terrificante para mim ver Kália diante do espelho. Uma sensação bem diferente quando se depara com uma criança psicótica que bate o olho no vazio da pura e fria superfície.

Era diferente... talvez como se ele fosse um bebê de poucos meses, mas falando... um bebê como o do "Estádio do Espelho" (o "infans" de Lacan), só que com 19 anos... Muito estranho e talvez por isso ela não diga EU, ela diz a Kália.

Este processo de lavagem cerebral usado pela Seita XXX é assustador. Consiste em apagar da memória toda e qualquer experiência de satisfação, obliterar o corpo e recalcar a dinâmica libidinal. Descobria que naquele mundo, o mundo fechado, do claustro no sub-solo da seita, ela era criada como uma máquina, como um robô... Ela conta com horror as experiências de laboratório para a produção da vida "in vitro". O contato sexual para a procriação é violentamente condenado pela seita.

Já havia tempo que Kália me falava de como seus pais não tinham feito "safadeza" para gerá-la. Ela, assim como os outros tantos haviam nascido de experiências de "domesticação" da libido para controlá-la, teleguiando a pessoa a um só desejo: o desejo do proprietário da religião, camuflado num cientismo de coloração genética:

- Parecem experiências nazistas, a srª não acha ? Sabe que lá na seita tem um busto do Hittler ? Eles fazem transplante de cérebro de rato em cérebro humano e outras monstruosidades.

Kália continuava falando... A sensação de pertence a uma ordem "não humana" era acompanhado de um intenso ódio...

— Kália encontra-se atrás das verdades verdadeiras, mesmo que chegue a assustar-se e quem sabe, feri-la? Mais pelas verdades que busca farei esforço para ouvi-las não importando o que ela poderá atingir... o único algo que a Kália sempre acusa os seus povos é em ela achar que afanaram sua infância, adolescência, concedendo-lhe maturidade a partir dos seus 2 anos... ela encontra-se fazendo o mesmo com a Rhanarara, afanando sua infância. É, a gente concede o que recebe... A Kália encontra-se com sentimento de culpa... a Kália não sabe o que fez com sua antiga maturidade divina...

Ela estava paralisada, entre o mundo dos horrores da seita, com seus rituais perversos, e o mundo fora da seita com suas perversidades sociais mas também com os prazeres aqui oferecidos.

No vai e vem das sessões, Kália se surpreendia comigo: "Confiava" mas também resistia. É curioso vê-la pensando a dinâmica da transferência, e os efeitos sentidos por ela. Me entregou mais uma das suas valiosas "anotações" de quarto":

"Na Kália surgiu uma certa desconfiança para as pessoas que aproximam-se dela, principalmente quando são pessoas socialmente e profissionalmente bem administradas. Eu acho que a Kália acertou a psicóloga certa, depois de tantas psicólogas durante esses seis anos. Encontrou uma psicóloga que surpreendeu-lhe, uma psicóloga que mesmo sabendo que as verdades dentro do parâmetro, machuca e melancoliza a Kália, não tenta nenhum pouquinho me enrolar como as outras só me fez de carretel. Quando encontro-me em sua sala, sendo atendida, fico em dúvida se ela é psicóloga, por motivo

dela buscar tão fortemente o fundo de tudo, da alma, como diz ela e "o corpo" que eu digo o corpo não existe principalmente, o meu, isso é se possui, a minha dúvida se a psicóloga Maria da Graça é psicóloga ou não, por ela ser tão aprofundada tão preocupante com o corpo e a alma, e porque não as outras psicólogas? as psicólogas não são iguais? Por que a Sr^a Vanda, Sonia, Nuzia, Maria Lídia, Sr. Ezar, Sr^a Marlene, Roseli e o Sr. Helio (uma analista, uma parapsicóloga e psicólogas) passei pelas essas sete pessoas e nunca me descobriram e nem se quer conheceram-se internamente. E les não puseram-me no espelho maldito! Não orientaram-se para observar o que traz a matéria, eles nunca citaram frases e mais frases difíceis da Kália aceitar a ouvir, mas que sonhava ouvir... mesmo com a dureza da psicóloga Maria da Graça, prefiro suas consultas, que pelo almenos que retiro-me de sua sala, reflito tudo tentando juntar um algo com outro para ver o resultado. Sinto-me que encontro-me caindo em si. Esse é o meu amedronto. Quando sinto o querer de algo, assusto-me recriminando-me propriamente, achando que a curiosidade não pode tomar conta de mim, engraçado essa psicóloga fez com que surgisse curiosidade, mesmo não permitindo que essa curiosidade não fosse realizada. Esse amedronto, tem que sair de Kália, sai ou não sei o que será da Kália futuramente..."

É tão difícil falar da transferência estando-se nela, mas talvez a arte de escutar esteja proporcionalmente ligada a arte de dizer. Se Kália conseguia falar deste "amor de transferência" é por que sentia a transferência é "de-lá-
-pra-cá-e-daqui-para-lá".

E Kália finalmente fala do amor, atualizando todo o seu amedronto em forma de proibido:

"... não sei o que significa frígida, essa palavra receber de um senhorito francês quando ele admirava-lhe no aeroporto, mais bem que minhas colegas de trabalho alertava-me dizendo, Kália o Pecker olha-te o máximo e perguntou sobre você, nós revelamos que você é difícil de ser conquistada por não ligar para esses tipos de coisa, como esse senhorito achava que era o máximo, tentou dialogar dentro do assunto, isso faltando meia hora para despachar a bagagem de seus turistas germânicos. Ele elogiou a Kália em todos os procedimentos, intelectual moral, rapidamente o revelei: você foi felizado em ouvir-te, que nunca conceder chances a senhorito nenhum os ouvir. Ele desesperado pediu-me desculpa e falou: 'Kália sei que você é de um país socialista, e acompanhada por famílias que recrimina tudo !'

Cheias de tabu, eu encontro-me em conhecimento disso proque fui pedir ajuda a gerente sobre você. Todos revelaram-me, está difícil ela gosta muito é do seu trabalho. Kália escuta o que o senhorito fala, a última palavra que ela falou foi: penalizo muito mais você parece frígida, alguém nunca falou-te isso ? ou você não concedeu chances para ouvir ? Kália não queria demonstrar ser burra, não fez nenhuma pergunta sobre o significado frígida, o agradeceu sem saber que estava agradecendo, o deixando espantoso. Tudo bem ! Kália depois desse diálogo foi às consultas na analista, (S.P.), fez a pergunta sobre a palavra bela porém sem significado para Kália e telefonou para V.C.. Não fez a pergunta e passou-se. Um certo dia do mês de setembro, sem querer usar a curiosidade, escreveu a palavra frígida no papel e colocou no seu armário do aposento, foi quando a V. leu, é o que queria ! e eu contente, a V. falou: 'Kelly o que significa isso?'

'... eu a respondi dentro do que achava, um elogio que a V. poderia sentir-se feliz em sua filha ter recebido, a reação daquela mãe do coração não foi agradável, ela sentou-se na poltrona do aposento e começou a chorar lentamente. Kália não sabia o porque, e até hoje não sabe o porque daquele choro.

Só sabe que um algo entra em outro, no mesmo dia a V. levou a Kália para se submeter a exame ginecológico, como não é novidade,

ela simplesmente ficou com um ar de sorriso, e falou para Kália: "Kelly eu confio em você onde quer que se encontres, orgulho-me de você diante das filhas de meus colegas. Kália perguntou "Por que Mami?"

O amor e por extensão o prazer e a sedução pareciam estar para sempre reprimidos e suprimidos do universo subjetivo de Kália. Mas ela foi surpreendida e invadida pelo outro. Por enquanto ela parece nada querer saber e este caráter de sacrifício que paga pela sua cegueira, que parece estar deslocado para o seu corpo. "Ela não sabe de nada, não vê nada, não sente nada. Será ? ou este é o discurso que caracteriza o seu "sintoma conversivo ?".

— Kália, me fala mais do Pecker...

— Ele voltou pra Paris. Foi uns dias antes de acontecer tudo aquilo no restaurante...

— Tudo aquilo o quê ?

— Foi quando eu tive aquela crise e fui para o hospital... e depois me transferiram para cá... antes de acontecer tudo aquilo no restaurante, falei para o Jakarrau: J. você pode fazer safadeza comigo ? Ele assustou-me e não concordou apavorado, por sermos amigos há dois anos e nunca haver esse tipo de coisa. Aí ele chamou a L. sua namorada, e pediu-me para repetir, e a L. falou que sou ingênua por isso não iria levar a sério e ela falou que além de ingênua possuiu jeito de frígida, falou que só ia dar-me uma palavra, para não fazer esse pedido para nenhum rapaz, porque seria perigoso.

... Depois pedi desculpas e eu mesma recriminei-me por isso...

A indiferença (histórica) de Kália frente as questões sexuais ("só sei que nada sei" - Sócrates), se agravaram quando teve que se haver com todas as pressões recalcantes da seita. Assim, ela parecia duplamente indiferente. Por um lado, para não entrar em conflito interno com os valores da seita, e de outro, para não ter que admitir para si o seu "prazer" sexual...

— Eu nunca revelei esses algos a ninguém, sempre guardei segredo... mas eu mesma não sei até hoje o que é frígida... O que é, Srª Graça?

— Frígida, será que existe Kália? Talvez seja a aquela mulher que faz safadeza e não sabe se gozou. Ela acha que não gozou... e o outro acredita nela e chama ela de frígida...

Neste dia Kália conseguiu lembrar dos acontecimentos que marcaram o aparecimento desta palavra "bela porém sem significado".

A primeira vez foi quando estava com o Pecker, o "francês loiro de olhos verdes. A segunda vez foi no restaurante, no dia de sua "paralisia...". Ela parece buscar, na verdade do encontro consigo mesma, o que sobrou do espedaçamento e da divisão como herança da seita e como destino sintomático.

— É, quem é a Kália ? Será que ela carrega um corpo próprio ? Será que os órgãos que ela carrega pertencem a ela ?

— É, Kália só poderá provar a si própria quando desencarnar e doar todos os órgãos (...) e quando ver resultadados positivos para um indivíduo material (...) mais ele não enxerga isso...

— E Kelly ?

— É o meu nome espiritual...

Não era o momento ainda... Kália estava me dizendo que não enxerga isso...

Era preciso primeiro ela se enxergar, e depois a Kelly.

Já estávamos em julho (91) e após várias sessões no espelho decidi fazer uma pequena "brincadeira" ...primeiro com o pé, depois com as mãos... Tapei o espelho com uma moldura pintada em forma de "teatrinho de madeira" com cortina que se abre ao puxar a cordinha.

Kália só podia olhar para o espelho que estava atrás da pequena cortina, de modo que só apareciam partes do corpo... ora o meu, ora o dela.

Coloquei minhas mãos em cena, — e com voz teatral — eu dizia:

— "Mão", não mexe... a mão se mexia. Kália olhava atentamente para minha mão, eu repetia várias vezes, agora com o meu pé. Pé, não mexe... o pé não mexia. Pé, mexe... o pé não mexia. Eu batia no meu pé... Anda pé, não mexe... O meu pé mexia...

Depois de várias repetições tipo "FORT-DA" onde o pé "desaparece" na sua mobilidade e "aparecia" no movimento, Kália ria às gargalhadas quando eu invertia a ordem, quando meu corpo fazia o que não era para fazer...

A "brincadeira" se repetia, agora com o pé dela: Pé da Kália não mexe, o pé ficava parado... Pé... mexe... o pé parado... pé não mexe... Embaixo daquelas meias todas, umas por cima das outras, aparecia no espelho um pequeno movimento dos dedões de Kália... Ela via e dizia: ...Olha ! tá mexendo...

E eu, teatralmente braba, dizia: "Não é pra mexer o pé, ouviu Kália ?

Ela ria... ria muito...

Kália estava olhando para o seu corpo... Parava e perguntava: Esse é o meu pé ?

Durante várias sessões fomos descobrindo pedaço por pedaço de seu corpo... Era como se estivesse saindo de nossas mãos uma "escultura" um novo corpo... uma forma, uma "imagem inconsciente do corpo" (como a define F. Dolto). Era um longo trabalho de reestruturação de sua imagem corporal anulada

pela seita quando ela era ainda muito pequena (Kália foi para a seita aos 2 anos).

Numa dessas sessões, Kália levantou sua blusa... que ria ver os seus seios... Pediu para eu levantar a minha blusa também... Fomos então as duas levantando lentamente as nossas blusas no espelho... No início ela olhava para mim no espelho... depois se viu com a sua blusa até o pescoço. O olho escondido atrás de uma fresta ela se olhava... E veio um grito, um enorme grito de "horror" !

— O que é aquilo preto no meio seio ?

— É o teu mamilo, o bico do teu seio Kália...

Ela estava apavorada:

— E agora, o que vai acontecer comigo... e agora ? eu vi meus seios... isso é proibido... eu não podia, não podia... você é uma chata...

— Não vai te acontecer nada sua bobinha... nada de ruim em poder ver o teu corpo, tanto tempo escondido de ti, atrás de todos aqueles NÃOS da seita...

— Mais por que fizeram isso comigo ? Por que não posso me olhar ?

— O que é que tu sentistes quanto te vistes agora ?

— Senti medo... mas não consegui parar... eu queria ver mais.

— Pois é... é isso, não dá pra parar de olhar, por que é bom se olhar, dá prazer se olhar... é gostoso, e tudo que dá prazer a seita proibida, não é ?

Levei Kália para o seu quarto. Ela estava impactada com o que havia feito...

A enfermeira ajudou-me a colocá-la na cama. Ela estava encolhida e com um olhar assustador... Olhava para a enfermeira e dizia... eu vi meu peito, e agora ?

A enfermeira achando aquilo muito estranho... Ué Kália, que é que você tem ?

— Você olha pro seu peito, ela perguntou choramingando para a enfermeira.

— Eu ? todo dia quando tomo banho, e você, não ?

Kália não respondia. A enfermeira me olhou, deu de ombros e saiu... — Eu, eh !

— Não vá embora, Srª Graça, fica comigo... eu estou muito sensível depois que eu vi o meu peito...

Fiquei um pouco com ela. Neste dia ela almoçou toda da sua comida... Quando ela terminou eu disse:

— Tchau Kália e fiquei segurando-lhe... Ela demorou um pouco para entender, e aí começou a rir... Ah, Kália já cheguei ! e ia saindo, voltava e saía várias vezes pela porta da enfermaria. Quando sai "de vez" olhei pelo vidro da porta e ela estava tão pensativa...

Estávamos nos aproximando dos "pontos" ainda mais proibidos. O seu rosto e o seu sexo... Durante todo mês de agosto Kália se entregou a uma "tarefa" genial. Fazer caricaturas.

Fez muitas, todas de políticos e artistas: Mikhail Gorbachev, Prince, Tina Turner, José Sarney e muitos outros... Belíssimos desenhos.

— Kália e essas caricaturas ?

— Impossível a Kália não deixar de caricaturar um sorriso diante dos retratos esboçados que formaliza uma caricatura... O forte da caricatura é quando justamente se consegue reconstruir, através da "sabia" composição de planos e do jogo entre sombras e áreas iluminadas, enfim, do exagero calculado, uma faceta mais recôndita de personalidade do retratado, que apenas o olho atento do artista consegue captar...

— Isso é tecnicamente a maneira de operar com a caricatura... mas é só isso pra ti ?

— O que ela acha é que pode no máximo...

— Ela quem ? — interrompi Kália.

— A Kália, eu... tá bom, eu...

— O que eu acho é que a caricatura pode no máximo ser considerada uma arma, já que expõe, de certa forma, a nudez psicológica, fornecendo a chave para melhor se compreender o indivíduo. E muitas vezes a vítima não agrada-se de ter revelada sua face oculta (...) já que o propósito da cari

atura é revelar o verdadeiro "EU" escondido atrás dos meios sociais e culturais...

Era esta a sensação que Kália sentia quando estava diante do espelho — ela se sentia exposta a "nudez psicológica". O seu olhar identificaria nela o seu verdadeiro EU, "escondido", "caricaturado", reprimido pelos "meios" sociais, culturais (e religiosos) da seita. Atrás da sua nuagem se escondia um fantasma, que parecia mais uma das imposições da Seita: A Kelly.

Naquela semana Kália fez muitos desenhos. Um deles revelaria de perto este seu momento. Eram 11 círculos. Dentro de cada um deles um desenho. No 1º círculo, um ponto de interrogação, no 2º exclamação, no 3º, quatro interrogações, no 4º, um olho enorme com três lágrimas escorrendo, no 5º, uma espécie de dois braços com mãos se apertando e as palavras SIM acima e NÃO abaixo do desenho, no 6º, as palavras SIM e NÃO, NÃO e SIM, no 7º, três notas de 10 dólares, 50 dólares e 40 libras, no 8º, pedaços de um rosto — uma orelha, uma boca na vertical, um olho, um nariz e um coração, no 9º, um pássaro com asas abertas, no 10º, dois grãos de feijão, o de cima encaixando no de baixo, e ambos com uma espécie de "falo", no 11º, as letras E A M I A P — assinado Kália, quem é? (no espelho PAIMAE).

Kália ficou vários dias sem se "alimentar", o que criou um profundo mal-estar na equipe.

Quanto mais forçavam, menos Kália comia. Não teve

outra, entrou no soro... Ela tinha feito alguns dias atrás, uma boneca flor. Era uma boneca sem rosto. Ou melhor no lugar do rosto uma flor, com um corpo. Toda feita por ela, a bruxinha de pano causava a maior angústia para quem a visse. A falta do rosto, funcionava como uma espécie de espelho. Mas a angústia era sentida pelo outro. Kália parecia adorar a Késia. Um dia, pediu para eu ficar com ela, na minha casa.

Levei a boneca embora. Passaram-se uns dias e encontrei Kália na enfermaria, sentada na cama já sem o soro. Me pediu para ser atendida ali. Cheguei bem perto dela e perguntei:

— Como vou saber se este desejo é SIM ou NÃO ?

— Ah... eu hoje não quero ir... lá na sua sala...

— Coloquei um "espelho" na sua frase...

— Ah ! hoje Kália quer ir lá na minha sala...

Ela sorriu e foi se arrumando na cama... Busquei a cadeira de rodas que estava num canto. Ela resmungava baixinho, enquanto íamos até a sala de atendimento.

Se fazendo de contrariada, saiu da cadeira se apoiou nas mãos e pulou para o sofá.

Tirei de dentro da minha bolsa a Késia e coloquei-a sentada em meu colo de frente para ela. A boneca começou a "pular" na minha mão...

— Eu acho que ela está querendo dizer alguma coisa

será que é pra ti Kália ?

— É ! ela está com saudade de mim mas eu não sinto saudade dela... eu acho que é assim.

— Assim com quem Kália ?

— Com o Johnatan e a Mary (os pais — os pais "verdadeiros" de Kália).

— Tu sentes saudades deles, mas eles não, é isso ?

— É... !

Voltamos a falar da sessão anterior. Kália havia me contado sobre o casal L. Mais uma vez Kália se referia à Srª L. assustadíssima... Na sessão anterior Kália havia me falado um pouco de Kelly a menina que morava com ela na seita e que tinha 7 anos quando morreu.

— E a Kelly e a Késia, como vai ?

Kália "tropeçou" num ato-falho decisívó. Ela estava chamando a boneca-flor de Kelly. Neste momento me ocorreu dizer que a sua boneca bem que precisava de um "espírito".

— Tu chamastes a Késia de Kelly, será porque a Kelly morreu... como foi que ela morreu ?

Kália baixou a cabeça, apertava os dedos da mão... ela estava "gelada" com a minha pergunta e eu não imaginava o que poderia vir dela: Eu aguardava ela falar...

— A Kelly um dia ela viu no banho a sua vulva, e saiu gritando pelos corredores da seita, apavorada. Aí, a Srª L. disse para ela ir até uma sala com o Sr. L. Eu vi, eu vi tudo, eu vi quando a Srª L. pegou uma lata amarela de soda cáustica que tinha lá pra limpar banheiro e virou todinha na vulva de Key*...

... Ela ficou toda ensaguentada na vulva, ela se contorcia toda... morreu neste dia com as pernas abertas... o Sr. L. foi lá e amarrou as pernas dela pra gente não ver a vulva dela. Eles disseram que a próxima que olhasse a própria vulva também ia morrer... eles perguntavam "Vocês concordam?" e todas nós respondemos "Sim, nós concordamos". Depois eles pegaram a Key e botaram num caixão... A gente tinha que levar uma frutinha para ela. Cada uma de nós com uma fruta de verdade, uma fruta diferente, uva, maçã, banana, depois a gente entrava numa outra fila e tinha que pegar a mesma fruta que botou lá pra Emi, e comer... Adivinha qual era a minha fruta ?

— Maçã ?

— É ! Como é que a Srª adivinhou ?

— Estou me lembrando que aqui, outro dia te deram maçã para comer. Tu não querias e te obrigaram a comê-la não foi ?

— É...

— E quanto tu partistes a fruta ao meio alguém te disse que era igual a uma vulva, por dentro... foi isso ?

* Diminutivo carinhoso para referir-se a Kelly.

— Foi...

— Foi assim, comendo a maçã que tu "incorporaste" a Kelly ?

Kália não respondeu... ficou um tempo em silêncio, olhando para a boneca flor que estava estendida no sofá, ao seu lado.

Foi quando ela levantou sua camisola e me mostrou sua calcinha azul.

— Eu agora só uso uma calcinha, eu hoje quando estava botando essa calcinha eu quase vi minha vulva, mas não tive coragem...

Me sentei ao seu lado, no sofá. Coloquei sua boneca no meu colo e puxei o elástico da calça de retalhos... Kália me olhava atenta... e eu dizia para a boneca, não, a Kália não pode olhar para a sua xoxota... Ela olhava pra boneca e fazia o mesmo. De repente Kália baixou os olhos e deu um enorme grito...

Ela gritava e se contorcia toda... em estado de desespero... Segurei-a bem forte em meus braços. Sua cabeça em meu colo, os olhos cheios de dor e horror... ela agora falava com uma vozinha de criança. Enquanto passava a minha mão na sua testa fria de suor, eu ia falando:

— Isso foi há 10 anos Kália... Tu tinhas nove anos quando viste esta cena de horror... a cena com a Kelly... Talvez por isso que tu não podes olhar para a tua vulva... mas

isso agora já passou, já passou... Tu já estás longe de tudo isso e eu estou aqui contigo. Não vai te acontecer nada... ninguém vai te matar porque desejas olhar para o teu corpo, o teu sexo.

Kália fechava os olhos quase dormindo... parou de chorar e me perguntou:

— Porque, porque eles fizeram isso com a Kelly ?

— Porque eles são uns canalhas, uns assassinos... tu presenciastes uma cena onde a tua amiga foi morta pela Srª L. e o Sr. L.

— Esses desgraçados, eu o odeio eles por isso, ainda mais agora que eu sei que eles também fazem aquilo...

— Aquilo o quê ?

— Safadeza... ai, me leva pro meu quarto tia Graça? Srª Graça, me leva pro meu quarto ?

— Levo, levo sim, vamos embora...

Enquanto Kália ia se acomodando na cadeira de rodas, tentou ficar em pé, mas não conseguiu...

— Kália tu entendeu o que aconteceu ?

— Entendi.

Repeti novamente que ela havia presenciado uma cena de homicídio, e que esta cena, cena de horror poderia estar relacionada com outra cena traumática que produziu a sua paralisia... ou esta mesma cena atualizada numa outra situação

que envolvesse a sua sexualidade...

— O que está paralisado em ti é a tua sexualidade... como tu não podias falar disso para ninguém, em algum lugar do teu corpo iria aparecer esta paralisia e foi nas pernas...

Ela estava agora sentada na cadeira de rodas. Me sentei novamente e coloquei suas pernas em meu colo. Kália estava agora completamente calma.

— Eu estou pensando Srª Graça naquelas 320 meninas que como eu estão sofrendo, ou já estão mortas... eu quero ajudar elas a sair de lá...

— Mas antes tu precisas te ajudar, tu precisas falar melhor e mais, o que foi que te aconteceu lá.

Kália estava pensativa. Sua fisionomia abatida, os cabelos crespos desarrumados e pra cima.

— Srª Graça, muito obrigado por a Srª existir...

— E tu não existes também, não ? Tu também não estás existindo agora ?

Balançou a cabeça positivamente...

— Onde foi que a Srª aprendeu tudo isso ? Como a Srª sabe ?

— Contigo... foi aqui te ouvindo que eu aprendi a conhecer a tua história... foi contigo, sua bobona !

Ela estava com uma cara tão triste, tão arrasada...

— Fica comigo Sr^a Graça não me deixe sozinha...

— Tu não estás sozinha. Tu estás contigo agora, que achas ? Quer melhor companhia ?

Kália viu no começo da sessão, que eu estava com a máquina Polaroid, ela olhava para a minha bolsa...

— Tu queres que eu tire uma foto, nossa ? Só tu e eu ?

— Quero, quero muito.

— Fiz a foto... saímos as duas tão sérias...

— Esta aqui sou eu ? Eu sou assim ?

Pela primeira vez Kália se via numa foto... eu sou feia, né ?? e esse sinal no meu rosto...

— É o sinal de beleza, sua boboca !

Quando chegamos na sua enfermaria me despedi.

— Quarta-feira eu volto, me espera, um beijo.

O passo seguinte foi trabalharmos o NÃO e o SIM:

— Quando ouço um NÃO acho que posso fazer... o que é isso eh, Sr^a Graça ?

— Existe um NÃO que esconde atrás dele a possibilidade de um SIM. O NÃO da seita sempre foi para ti ligado à punição, ao castigo, à correção, mas também era um NÃO que além

de ser moral era perverso, perversinho... só pode brincar como o Sr. reverendo quer... fora dali está morto.

— Quando o meu pai adotivo me botava no colo e V. ficava morta de ciúmes, será isso ?

— Qual é a fantasia que rola ? como é esse "papi" e essa "mami" pra ti, conta pra mim !

— Eu quero que o "papi" se separe da "mami" e vá viver com outra mulher e eu...

— É essa a tua fantasia ?

— É... isso que eu desejo... eu desejo também ter a bilu-bilu pra dar pro papi.

— Mais ele já tem um, não tem ?

— Eu quero ter um bilu-bilu pra dar pra ele por que ele não pode ter filhos...

— É por isso que tu pensas que ele não tem bilu-bilu ?

— Sua nojenta, como você adivinhou ?

— O que foi que eu adivinhei ? eu não sou adivinha, eu só estou aqui te ouvindo e te ajudando a botar um pouco de ordem nesta cabeça...

— Será que a V. faz safadeza com o papi ?

— Eles são casados ?

— São... uma vez eu perguntei pra que eles dormia

naquela cama tão grande... sabe... um dia ouvi um barulho tre
mendo, achei que eles estavam brigando aí entrei no quarto...
o papi estava em cima da mamã e ela gemia, gritava... aí quando
eles me viram sabe o que o papi fez ?

— O quê ?

— Ele pegou a arma dele que estava na mesinha e disse
pra ela que da próxima vez ia dar um tiro nela... Agora eu
tô entendendo, aqueles nojentos... então era isso ? eles es
tavam fazendo safadeza, e me mentiram que estava brigando !

Eu odeio eles, todos. Quer dizer que o Reverendo tambe
m faz safadeza... Porque eles proíbem a gente de fazer, porque
que, me diga Srª Graça ?

Alguns dias depois Kália veio me dizer que aquele
pedaço de carne que viu na sua vulva era um bilu bilu...

— Eu tenho bilu bilu !

— É ?

— É.

Essa "historinha" rendeu várias sessões. Até que um
dia uma outra paciente me contou que Kália estava pondo mer
tiolate no modess e dizendo que estava menstruada...

— Você sabia que eu menstruei ?

— É ? mas quem tem bilu bilu não menstrua, tu menstru
aste não ?

— É, agora menstruo... eu tenho bilu bilu e menstruo.

— Não pode ! ou um ou outro. Se tu tens bilu bilu então mostra.

— Então por que eu não menstruo ?

— O que foi que aquela ginecologista de São Paulo te falou ? E aqui tu já consultaste com uma, não foi ?

— Ela disse que eu tenho útero infantil que precisa fazer tratamento... Eu não vou fazer nada...

Estávamos em dezembro. Kália já se olhava no espelho, movimentava os pés, mas continuava se alimentando muito mal. A comida do hospital era para ela um tormento. Simplesmente não se alimentava direito e ficava com diarréias intermináveis. O significado "espiritual" dos alimentos... o que podia ou não comer estava escrito numa folha "meu dia a dia". O prazer que determinados "alimentos" davam era para ela um horror. Quando comeu chocolate ficou culpadíssima, mas comeu.

— Meu prato preferido é grão de bico polvilhado com casca de ovo. Essa comida aqui é simplesmente o fim Drª Graça...

Kália parecia ter esgotado todos os seus limites de suportabilidade da Instituição e a Instituição com ela. O diretor não aguentava mais:

— Quando é que essa garota vai andar ?

Ou ela anda ou vai embora assim mesmo... A Srª Dra por favor me faça um parecer dela urgente, antes de sair de

férias.

Na avaliação psicológica de Kália datada de 26.12.91 coloquei entre outras coisas o seguinte:

"Kália internou nesta Instituição com um quadro de paralisia histérica. Realizou tratamento psicológico de base analítica ao longo do ano de 1991 tendo obtido importantes melhoras na sua sintomatologia.

No momento, encontra-se em condições de reestruturar sua vida (...) O sintoma da paralisia histérica já bastante amenizado poderá ser totalmente vencido uma vez que Kália já tem consciência das principais causas que produziram tal sintomatologia (...) Ela deverá andar em breve, se quiser, tendo conquistado condições para isso".

No dia em que saí de férias me despedi de Kália:

— Ah... a Srª vai ter uma surpresa quando voltar...

— É ?

— É... eu acho que vou conseguir...

— Kália tu podes conseguir tudo que quiseres. Te

cuida.

Saí de férias em janeiro de 1992.

Um dia, ao escrever uma anotação na minha agenda encontrei uma "cartinha" dela.

Decidi ligar para o hospital para saber notícias. Foi quando a enfermeira T. me atendeu muito contente.

— Drª, a senhora já sabe ?

— O quê ?

— A Kália está andando, mas muito desequilibrada, ca minha na ponta dos pés, muito engraçadinha ela...

Pedi para a enfermeira T. que a chamasse ao telefo-
ne.

— Oi, Srª Graça ! Eu tava pensando na Srª e a Srª
liga, não é bárbaro ? Eu já ando por tudo aqui... mais o pes-
soal sabe o que já fizeram comigo ?

— O quê ?

— Eu resolvi descer, aí sentei lá no degrau, quando
eu voltei e subi no leito me deram um Fenergan só por causa
que eu desci, aí dormi de ontem até agora... saí da cama para
vir aqui falar com a Srª !

— Foi a enfermeira XX que pediu pra me dar Fener-
gan, a minha Drª neurologista, a Drª XXX não gostou... tô tão
feliz que eu estou andando, a Drª XXX me admirou, gostou o
máximo, ela disse: "O que será de mim, essa menina andan-
do...!" mas tem gente que não tá gostando não... a maioria
tá falando "...tem que segurar essa garota na cama..." eu di-
go pra todo mundo, isso foi a Maria da Graça que fez isso....
ah ! a senhora nem sabe aquela sua colega psicóloga ela veio
me perguntar como a Srª conseguiu... eu disse que era segre-
do nosso... ela queria saber das suas técnicas, eu não falei
nada, fiz bem...? quando a Srª volta, tô com tanta saudade ?

Agora só faltava comunicar o Dr. do Hospital. Kália o fez por escrito:

"Boa tarde, aqui quem escreve é a Kália, a paciente que muito admira-lhe por seres amigo. Quero mostrar-lhes que já conseguir andar, mesmo sem correção motora. Não poderás ser o último a saber ! Encontrei-me a sua procura não encontrando-o resolvi passar a notícia agradável por escrito.

Ass.: Kália - À Direção. 24.1.92".

Com a chegada do mês de fevereiro voltei ao trabalho.

Enquanto estacionava o carro ouvi a voz de Kália gritando e pulando de alegria:

— Você voltou, não acredito, que bom, você voltou, olha só como já estou andando !! Kália me abraçou bem forte. Na enfermaria as outras pacientes também me aguardavam com uma música e letra feita especialmente para me receber. "Canção do seu retorno...".

Estava muito quente e decidimos fazer nossa sessão nos jardins do hospital. Sentamos no banco e pude observar no chão um intenso movimento de formigas-gigantes que perambulavam por ali. Kália agarrou duas enormes que carregavam uma casquinha de laranja. Ela apertava uma formiga contra a outra, que se grudavam com suas fortes garras, parecendo lutar uma contra a outra.

— É o Reverendo e a Kelly... como será que ela seria se existisse ?

— É tão difícil saber, mas seria de qualquer forma diferente de ti.

— Será que ela seria hoje feliz, ou estaria fora da seita ?

— É o que tu gostarias ? de estar fora da seita ?

— Eh... é !

— O que está acontecendo aí, com essas formigas ?

— Eu boto elas pra fazer aquilo, eu já consegui botar elas, uma vez elas fizeram safadeza... sabe que outro dia eu vi uma enfermeira botar a vulva dela no espelho do banheiro e todas as meninas da enfermaria que estavam tomando banho viram. Eu contei para o Dr. XX e ele não fala mais comigo.

— E aí, o que foi que tu viste ?

— Eu vi uma vulva de carne na frente do espelho.

— E a tua, não é de carne ?

— É, mais a minha é diferente... Eu agora já sei o que é desejo e prazer, duas palavras horríveis mas que aprendi com a senhora...

— É ? e o que tu vais fazer com isso ?

— O enfermeiro C. agora tá trabalhando na enfermaria 1, saiu lá da nossa... os garotos destruíram a moto novinha dele que ele comprou, aí ele pegou, botou eles presos na

enfermaria, até tirou a roupa deles e tudo... como será que é fazer safadeza, eu queria tanto fazer com o Pecker.

— Com esse, agora, é meio difícil, ele não está em Paris ?

— É, mas naquele dia que ele foi se despedir de mim no restaurante ele queria me levar para uns matos lá em Manaus... pegou um táxi, mas eu não tive coragem... Sabe que ele também era virgem ? A Srª acha que é melhor para mim fazer safadeza com um cara virgem ou não ?

— Não sei, só fazendo pra ver, e qual é a diferença ? Safadeza ninguém nos ensina. A gente só sabe fazendo... ninguém ensina, né ?

— É...

Kália estava ocupada com este enfermeiro. Ia visitá-lo na outra enfermaria, falava muito nele. Dias depois mudou de humor, ficou nervosa com um telefonema:

— A srª sabe, a V. me ligou ontem de São Paulo, eu nem dormi esta noite. Ela me disse que tem pensado muito em mim... foi me chamando de Kelly e eu disse: olha, me faça um favor, não me chama mais de Kelly, tá ? meu nome é Kália. Ela perguntou como eu me encontrava, eu disse que estava com aquelas diarréias de sempre, mas que me encontrava alimentando galinha frita, maçã, chocolate... ela gritava no telefone... ai, que horror...

... Ela me perguntou se eu estava sendo atendida pela neurologista e pela psicóloga, eu disse que já estava de alta, que estava andando, e que a Srª estava sempre me ajudando... ela disse: "Bem que eu não gosto de psicóloga..." aí falava mal da analista de São Paulo... falou da calcinha importada...

— Que calcinha Kália ?

— Uma que ela me obrigava a usar.

— Como era essa calcinha ?

Kália vai até a lousa da sala e desenha um cinto de castidade.

— Tu usavas isso ?

— Usava...

Expliquei a ela para que era usado o cinto na Idade Média. Kália ficou horrorizada...

— Ah, eu tenho ódio dela... Um dia no aniversário do papi ela me botou um vestido e disse: "só pode ficar 5 minutos na festa". Eu estava há 15 dias presa no quarto por causa daquela palavra "frígida" que ela achou escrita na porta do meu armário... Eu resolvi ficar mais uns minutos na festa porque tinha uns amigos do papi que diziam: "como é bela sua filha, Sr. P.!"... Ela ficou com tanto ódio de mim que me botou mais 15 dias de castigo sem comer nada...

— É daí que vem a tua resistência, de ficar vários dias sem se alimentar ?

— Eu acho que é sim ! mas na seita todos têm esse hábito... a Srª sabe que antes da festa eles ficaram discutindo horas para saber qual o vestido que a Kelly deveria vestir ...eles nem me consultavam — ela dizia: A Kelly não pode de sejar este ou aquele vestido, ela deve colocar o que nós de cidirmos... o que nós decidirmos..., o que a Srª acha ?

— Tu não podias ter a tua vida... Tu estavas como um objeto na mão da moça... um objeto-filha, que ela chamava de Kelly, que ela cuidava, exhibia, mas que não tinha vida própria. O ódio que sentes pode vir daí. Tu desejavas mas estava impedida de verbalizar teus desejos... Ela te controla, con trola tua virgindade como se tu não pudesses crescer, é muito estranho isso...

— Cinto de castidade, vem de castigo ?

— Não, vem de casto, que é abstinência total de se xo, de prazer... ela te controla para que não tenhas nenhuma forma de prazer, de vida...

— Por que ela faz isso comigo ?

— Talvez pela força do sintoma dela, a moça não pas sa bem mesmo, né, e te controla também para a seita...

— A Srª sabe que ela recebe \$ 40.000,00 para fazer este trabalho com outras meninas também ?

— Eu posso imaginar...

— Eu falei pra ela que não chupava mais chupeta que a Srª tinha tirado a chupeta... eu disse também que eu não conseguia esquecer aquela mentira dela sobre a cena do quarto ...a safadeza dela com o revólver... o que eu vou fazer, Srª Graça ?

— O que tu podes fazer para te proteger (desta maluca) é evitar falar muito da tua vida com ela... se ela te ligar fala lá umas amenidades e desconversas... diz qualquer coisa, mas sai dessa, escapa deste controle mórbido desta Srª...

— A Srª sabe que a Seita pode me perseguir e me matar, não sabe ?

— Será ? de qualquer forma, trata de te proteger não falando para as pessoas sobre isso...

— Mas eu sou isso, uma montagem da Seita ?

— Todos nós de uma certa forma somos uma montagem, eu também sou uma montagem determinada pela minha historinha... E a montagem que somos precisa ser "negociada" socialmente. Qual é o teu medo ?

— De não ser aceita...

— Aceita ou a Seita ?

Kália se viu equivocada... não sabia para que lado ia.

— Vamos pensar de novo. Tu foste criada 14 anos de tua vida na seita. Conseguiste fugir de lá, foste atropelada,

hospitalizada, depois internada na FEEM depois adotada pelo casal C. de São Paulo, depois foste para Manaus, viveste com aquele casal de Manaus, foste chamada pelo IM. daqui, e aqui ficaste depois da cena de restaurante, até hoje...

Toda tua vida praticamente em Instituições fechadas, reclusa num mundo onde eras aceita passivamente e também aceitavas dentro dos teus limites. Um dia, uma coisa nova acontece. Tua amiga de quarto que consideravas como irmã, foi morta. E passaram a te chamar com o nome dela. Aí começou a confusão. Tu crescestes, estás uma moça, senhorita... com desejos normais para a tua idade... e aí o que acontece ...? Ainda te sentes esmagada pelas pressões e repressões da Seita que está o tempo todo te controlando quer seja na tua lembrança, no teu comportamento ou sob a forma de telefonemas invasivos. Num determinado momento começaste a sentir atração por pessoas que te paqueravam. Mas isso também era proibido... e por ser proibido, por ser aquele. Não, é que ficou aí, coçando a ti... Esta parte do problema nós já vimos... agora falta saber como se criou em ti aquela pressão que produziu um sintoma tão forte — a tua paralisia. Então, de um lado tu tens a realidade desta montagem e de outro, tu tens o prazer que te surpreende. Hoje, quando tu entraste aqui na minha sala tu me disseste: "Eu quero morrer, me alimentei de chocolate...". Qual é o teu desejo? ter um desejo e satisfazê-lo, ou ter um desejo mantendo-o ali, insatisfeito? ou a não satisfação do desejo ora por conta da seita, ora por conta do teu sintoma?

Durante os três meses seguintes Kália viveu situações fortíssimas onde precisava se haver com este seu dilema agora traduzido concretamente. Ela estava de alta e "negociava" com a seita sua volta para lá... Avançava e voltava assustada... No início de junho/92, me procurou para ser atendida... (Eu havia escrito na sua papeleta um mês antes dessa procura: — De alta da psicologia. Para liberá-la e poder decidir pelo seu futuro. A equipe queria denunciar a seita, armar para pegá-los, aquela confusão. Consegui contornar dizendo que essa era uma decisão de Kália, que ela ia acabar escolhendo, já que para ela não se colocavam muitas escolhas... e que voltar para Manaus, de onde veio poderia ser uma escolha). Kália entra na sala e escreve no espelho com giz:

"Eu, Kália telefonei para a V. (mami adotiva) só que quem atendeu foi o P. (papi) por que ela não se encontrava. Ele falou que me ama.

Ass.: Kália".

— Eu queria que a senhora me atendesse hoje, pode ?

Fechei a porta, e me sentei para ouvi-la:

— Ele me disse também que eu sou uma boba, que não sei o que eu quero... ora quero ficar do lado de lá, ora do lado de cá... A senhora não me atendeu mais, me deu alta, aí eu fui falar com o Dr. XX (meu chefe) falei mal da Drª, que a Srª foi muito dura comigo... Ele disse que se não fosse a Srª eu teria ficado maluca aqui, que a Srª evitou coisas terrí-

veis aqui comigo... Perguntei se ele era casado, ele não quis me responder...

— Por que te interessou saber se ele é casado ?

— A Srª sabe que eu sou curiosa...

— Sei, sei também que a tua curiosidade revela o teu interesse (como todo mundo, etc.) e que eu estou aqui pensando nisso...

— Qual interesse ?

— Na segunda feira tu entraste aqui, como hoje, eu estava aqui, escrevendo, e tu rabiscaste numa folha "Eu a Kália sou Virgem — A Virgem de Jade", fiquei pensando nisso porque logo depois foste embora... E estás voltando hoje (...). Que história é essa de virgem de Jade ? (...) Jade é uma pedra verde, dura e semi-preciosa... Tu sabes que Jade é o nome de uma pedra semi-preciosa e que é verde ?

— E onde se encontra ?

— Na Índia, mas também temos aqui umas pedrinhas verdes parecidas...

— E onde se encontram ?

— Pode ser bem no meio da floresta...

— Na Amazônia ?

— É. Pode ser lá também... mas também tem outras florestas. Me recostei na cadeira e coloquei minhas mãos sobre minhas coxas...

— Qual floresta, a que esconde a vulva ?

— Pode ser... sabia que existe um ditado popular que é muito engraçado ? É assim: "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura..."

— Ah, e o que quer dizer isso ?

— A pedra Jade... porque ela teria ligação com o teu sexo, o teu prazer... e a água talvez tenha a ver com o teu desejo, que insiste, insiste, jorra, jorra como a água...

— Eu uma vez li uma história que se chama "A virgem de Jade".

— É ? E como é esta história, me conta Kália...

— É a história de uma moça que conheceu um rapaz, ele era moço e ela esperou 12 anos para ser a namorada dele... Ela se escondia atrás das árvores e ficava olhando para ele. Sabe o Pecker ? ele um dia num passeio na selva, ele se escondeu e ficou me olhando com aqueles olhos.

— E que cor são os olhos do Pecker ?

— É meio verde que muda de cor de vez em quando...

Esperei mais um tempo para ver se Kália ligava uma história a outra... e observei que ela resistia, ainda na sua indiferença... continuamos falando da história... e Kália terminou sem contar o final...

— E aí, Kália, como é que acaba essa história ?

— Ela acabou transando com o rapaz que ela chamou de Jade — Era a Virgem de Jade.

Kália me olhava com surpresa e ao mesmo tempo fasci-
nada...

— Sacou ? sacou agora a tua historinha ? E então,
já sabes como é que acaba a tua historinha ?

— Sabe como é todo o nome do Pecker ?

Kália deu um salto do sofã, pulando até a lousa es-
creveu: "Pecker Lobo Roã".

Eu li e disse: É... e para os íntimos, JADE.

E ela: Para a íntima... JADE.

— Pois é, para a íntima, agora tu já descobriu o
que tu queres.

— Teve um dia que ele foi me procurar lá na casa do
Sr. W. e da B., aquele casal que eu vivia em Manaus, antes
de vir pra cá...

Eu estava no meu quarto e ele bateu:

— Kália tem um rapaz aqui te procurando, foi quando
o Sr. XX disse: A Kália é uma moça pura — vá embora que e
la não quer nada com você...

— Eles eram também da Seita ? Ela baixou a cabeça,
estava muito emocionada, confirmou "SIM".

— Bom, então agora tu já sabes para onde tu queres
ir...

— Eu tenho o endereço dele aqui, ele mora em Paris,

mas eu não sei onde guardei (Kália sabe o endereço de memória). Ele foi atrás de mim e o Sr. XX mandou ele embora. Depois disso ainda nos vimos mais uma ou duas vezes...

Ela parou de falar e se levantou do sofá:

— Agora chega... é por isso que eu não gosto de conversar com a Srª, porque a Srª descobre tudo que eu falo.

— É, então acabou... por hoje — Segunda-feira estou aí... um beijo...

— Um cheirinho em forma de beijinho.

Alguns dias depois o diretor me chamou:

— Vou mandar comprar a passagem de Kália e mandá-la para Manaus. Não dá mais... ela já está de alta, não se decide, agora chega...!

Quando Kália foi embora, eu não estava no hospital. Era uma sexta-feira. Ela viajou num voo vindo da Argentina que fez escala muito cedo no Rio.

Na semana seguinte, uma das freiras do hospital me contou como Kália saiu.

— Olha Drª eu estou aqui há 25 anos e nunca vi coisa igual. Ela foi a última paciente nestes anos todos que não quis levar nada, absolutamente nada... viajou com a roupa do corpo e só... e lá foi ela, bem andante... Pediu para eu lhe dar um beijo por ela, não era beijo que ela falou, era um cheirinho ? é... e foi... bem contentinha...

Kália chegou em Manaus e ligou, escreveu cartas para todas as enfermeiras que cuidaram dela...

Um dia recebi uma carta sua:

"Maria da Graça, não caligrafei nada para ti despedindo-me porque não houve tempo) encontro-me super bem administrada como sempre fui antes de sofrer a tal paralisia, mas encontro-me com as aquelas mesmas desa gradabilidades em relação aos meus povos da seita que encontram-se aqui comigo(...). Não sei como aconteceu mas quando desembarco em Manaus a 1ª pessoa que avistei a minha espera sem eu encontrar-me em conhe cimento foi a Drª XX (a Srª XX de São Pau lo) e a gerente do hotel onde trabalhei an tes. Fiquei assustada... Ela passou uma semana aqui a resolver meus problemas de locomoção de vida, emprego, residê ncia (...). Maria da Graça, acontece tantos al gos durante minutos, segundos, horas ... não é? Quando o tio XX faleceu (o casal de Manaus) deixou uns papéis escritos com uma pessoa: quando ele vendo o estabelec imentos que ele herdou teve que viajar para a França.

Ele colocou estes papéis em uma caixa com cadeado, e concedeu a Srª L., sua vizinha para guardar caso eu aparecesse de entregar-me. No dia 23 de julho compareci lá na ex-residência dela, em busca de seu en dereço na França. Quando a Srª XX me en tregou essa caixa, havia uns papéis. Que droga! Para que fui lê-los. Nesses pa péis dizia a história da Srª XX que coisa Maria da Graça! Ela foi mulher do papi X. (o pai biológico de Kália). Residiu com ele 5 anos em Miami, possuíram uma filha da qual chamada Kelly que essa Kelly é a Kelly que, faleceu na seita. Sou mais no va do que ela... na verdade possui 19 anos e ela se encontrasse viva estaria com 21 anos. O tio XX deixou no meio desses pa péis a certidão dela. Meu papi e mami real encontram-se exilados mais por causa dela, ela é culpada de tudo. Não posso es tar perto de ninguém que quando lembro sô

choro de ódio ! odeio tudo ! tudo ! (...)

Quando terminei de ler esta carta comecei a me lembrar de várias e várias imagens de Kália lutando desesperadamente para existir. Decidi escrevê-la:

"Querida Kália,

Recebi com alegria tua carta... Achei bem curioso o fato de teres encontrado mais um pedacinho da tua história da qual tives te tanto trabalho para reconstituir e falavam ainda algumas peças para te fazer o sentido necessário.

Sentido que agora parece ter feito para ti. Este fato novo (Srª XX + Kelly) é uma forte surpresa mas não chega a mudar muito o rumo de tua vida. Talvez te sirva para entenderes melhor a cabeça da Srª XX. Ela possivelmente sente uma culpa gigantesca pela morte de Kelly, a forma que encontrou para livrar tal culpa foi te colocando no lugar da outra. Tu precisavas "morrer" para fazer (re)nascer a Kelly. Agora está tudo mais fácil (...) Ela usa a seita para concretizar esta morte... é uma loucura de qualquer forma, fica na tua... (...)"

Kália me respondeu duas semanas depois. Nessa, um pouco melhor. Segue a vida dela. Voltou a trabalhar no hotel como guia turística:

"(...) - te adoro ! Marcaste muito eu sempre quando relaxo sempre penso. É ! não andava, vestia 5 calcinhas, meias e meias, não me olhava no espelho, surgiu a Maria da Graça, psicanalista incrível, que curou-me dessas características (...)

Kália se despede mandando lembranças para seus antigos colegas de enfermaria. Para

a Srª um muito obrigado pela força que concedeu-me durante esses longos meses. Foi ótimo !

Um abração, cheirinho em forma de carinho e sucesso na vida cotidiana.

Da sua amiguinha-cliente. Kália".

De vez em quando ela escreve. No Natal mandou cartão dizendo que está bem... Que está no Budismo e tenta se "Libertar o máximo" do pessoal da Seita.

KÁLIA E A SUA PARALISIA

O que teria então produzido a paralisia histérica em Kália ? Qual o momento onde podemos perceber o ponto de tensão que produziu tal sintoma ? Este ponto talvez esteja entre duas cenas, entre dois (ou mais ?) restaurantes.

Na 1ª cena, ela está em Manaus com amigos num res-taurante, quando chega o francês Pecker. Ele se dirige para ela e tenta lhe dar um beijo.

Ela recusa rapidamente. Ele estaria se despedindo dela, pois embarcaria no outro dia, para Paris.

Na 2ª cena, ela está no Rio, alguns dias depois de ter chegado de Manaus, com um casal de amigos, almoçando. Decidu escolher peito de frango (proibido pela Seita) à milaneza.

Enquanto sua amiga se levanta para ir ao toilette, Kália se dirige ao namorado da amiga e pergunta:

— Você gostaria de fazer safadeza comigo ?

Neste momento um menino de rua entra no restauran-te e pede a Kália um pedaço do seu frango. O garçon chega e expulsa o menino. Kália quando viu aquela cena de violência reage explosivamente contra o garçon.

Começa uma intensa discussão e ela passa mal. É levada para o primeiro hospital de onde foi transferida para o segundo onde internou com a suspeita do quadro de "Guillian - Barré", portanto, já com a paralisia histérica.

Qual teria sido o ponto de tensão que desencadeou este sintoma histérico ?

Na primeira cena ela reage contra Pecker que representava inconscientemente o sonho de menina guardado na historinha da Virgem de Jade. Ele representava o seu prazer, o seu sonho de "fazer safadeza" com um homem loiro, de olhos verdes e o sonho de ficar com ele para sempre.

Na segunda cena, ela reage contra o garçon que representava e atualizava no seu ato de expulsão do menino, toda a repressão recalcante, o proibido da Seita; representava o reverendo, a Sr^a V. (mami) e o Sr. P. (papi), e todos os outros...

Neste dia ela também lembrou do tapa na cara que levou dos seus pais adotivos tempos atrás, também num restaurante, o que produziu nela intenso ódio por não poder escolher o que desejava...

Entre uma força reativa inconsciente e outra de i-gual intensidade, produziu-se em Kália, uma pressão sintomãtica imensa, a qual não pôde vir a consciência.

Ou bem ela escolhia ficar do lado do garçon e afirmaria o lugar da Seita, ou bem ela escolheria o Pecker e afirmaria o lugar do seu desejo. Entre uma escolha e a outra, ela se paralisou. Nesta impossibilidade ela se colocou impotente.

E quando isso se rompeu ? Quando Kália pôde suspender lentamente as pressões recalcentes da Seita, e quando pôde lentamente, após um intenso trabalho de reconstituição da sua imagem corporal, (pôde falar em "prazer" e "desejo", duas palavras "horrríveis" que teria aprendido na análise), ela pôde finalmente andar. Ela se viu novamente enamorada. Desta vez por um jovem enfermeiro que estava "encantado" por ela, e que jamais explicitou nada a ela.

Mas não tardou muito e Kália se viu novamente invadida pela Seita. Novos telefonemas de São Paulo vinham em forma de novas forças recalcentes. Mas ela já estava andando...

E Kália voltou para a Amazônia... na floresta, o sonho escondido da Virgem de Jade... e na floresta também os homens da Seita...

"A Virgem percebe um casal de gigantes numa floresta. A mulher tem um grande sexo aberto tomando toda a barriga".

Lygia Clark.

NOTAS

CAPÍTULO II

- [1] FREUD, S. "Análise terminável e interminável". Obras completas.
- [2] LACAN, J. Seminário "Le transfert", Livre VIII (1991).
- [3] Naquele momento precisei abrir uma exceção para Edu pois só atendo crianças hospitalizadas. Mas ele estava sob a "vigilância" cautelar do Juizado de Menores o que se fez necessário o seu acompanhamento ambulatorial. Esta decisão foi tomada uma vez que sustentar tal intervenção produz efeitos concretos sobre o "ator clínico", que nos obriga a deslocamentos maiores. "Atores Clínicos", é o que somos, não é ?
- [4] A expressão "Maneiro" foi falada por Edu. É curioso lembrar que o maneirismo é considerado por MDMagno como um indicador (plástico, literário, filosófico, etc) do terceiro (não excluído da sua lógica) enquanto lugar na tópica da linguagem (como do inconsciente) e portanto da sexuação.
- [5] "O massacre dos inocentes" - foi pintado por Poussin em 1526 e está exposto no Museu do Louvre.
- [6] É curioso observar que a brincadeira sexual infantil

quando é observada nas classes médias recebe o "nome" - "brincar de médico...". A mãe repreende o filho, "agora chega, não pode mais brincar de médico com o (seu, sua) prima", etc.

- [7] LACAN, J. Seminário 3, As Psicoses, p. 13.
- [8] AUBRY, J. Citação do livro "Clinique différentielle des psychoses - Fondation du Champs Freudien - p. 188.
- [9] A Lei nº 8069/90 (ECA) Artigo 2º parágrafo único dá o respaldo para uma criança ficar hospitalizada numa Instituição mesmo após os 18 anos se ela for doente mental, sem condições de gerir sua própria vida.
- [10] ODISSÉIA - canto XII de Homero - Circê e o canto das Sereias.
- [11] Existe um livro com um título bem sugestivo - "A VIOLÊNCIA" escrito por vários autores e neste livro pode-se ler um artigo assinado por Jean Ayme, cujo título é "Violência e Psiquiatria". O autor se pergunta perplexo: "Existe uma psiquiatria não violenta? ...uma psiquiatria que não responde de maneira violenta à violência da loucura? ...ou melhor, uma psiquiatria que no seu percurso mesmo recusaria toda conduta desagradável? (...) esta psiquiatria da não violência é um mito. Ela só se suporta enquanto denegação da doença mental". (p.).

- [12] LACAN, J. Citação retirada dos *Écrits*, p. 810.
- [13] SOLLERS, P. Citando Artaud tomo XXVI de suas obras Completas, volume-chave (e que "curiosamente sumiu do mercado livreiro).
- [14] Ibid.
- [15] MAGNO, MD. De *Mystério Magno* - Seminário de 1988, em "Ludus Angelórium". Magno pensa o lúdico, a ilusão, o pacto na Psicanálise.
- [16] ——. De *Mystério Magno* - Seminário de 1988, em "Ludus Angelórium". Magno pensa o lúdico, a ilusão, o pacto na Psicanálise.
- [17] ARTAUD, A. Citado por Sollers - p. 301. do Boletim 2, nº 6, CFRJ.
- [18] MAGNO, MD - *Drogas, um discurso em questão* - Palestra realizada em 1987.
- [19] Esta expressão é utilizada pela psicanalista francesa Françoise Dolto em seu livro "L'image inconsciente du corps" - Seuil, 1988, Paris.

CAPÍTULO III

ROMPENDO O CÍRCULO DO HORROR...

I. O HORROR ENQUANTO PERVERSIDADE SOCIAL

O Círculo do Horror (Capítulo II) apresenta diferentes situações clínicas que revelam a angústia, o sofrimento, o abandono vivido por cada criança no tempo e no espaço da reclusão.

A verdade que ali comparece e que se enuncia para a criança é a verdade da Instituição, antes, muito antes da verdade da criança. O silêncio institucionalizado, silêncio con- fabulado, amplia o isolamento dando a frequente aparência de que ali não há mais nada a ser feito. O silêncio em forma de armadilha, aprisiona e reclusi e esta é talvez uma das tantas "armas" de que a instituição se utiliza. As outras, a suspensão da angústia, a suspensão do desejo, desejo como ponto de resistência, ou como ponto de marcação simbólica, contra a referência dada pela instituição hospitalar, resistência contra este lugar que imaginariamente é onde se vai para mor rer.

Mas ao mesmo tempo que ocupa para a criança este lu gar, a instituição também se encarrega de "alimentar", "proteger", "cuidar", ocupando um lugar substituto da mater nagem, o que equivoca a criança com um alibi (institucional), uma mágica, e porque não, um logro sobre o "belo" e o "bom". E é Lacan que vem nos dizer que é aí, neste momento (de lo gro) que se elide melhor a castração.

O álibi da maternagem elide as verdadeiras questões da criança, questões ocultadas e solidamente escamoteadas nos poderosos movimentos institucionais de apagamento da sua singularidade. Na maternagem, todos são "tios" e "tias".

A criança reclusa é a criança "esquecida" pela Instituição. Esquecida como lugar de sujeito, mas não de objeto.

A criança reclusa ocupa muitas vezes o lugar de objeto fetichizado da instituição, com a qual se pode permitir todas as formas de gozo, até o abuso sexual, que é uma dessas tantas violências contra a criança, violência que todos conhecem, e da qual muitos compartilham com o silêncio confabulado^[1]. O abuso sexual ninguém menciona, e só comparece em palavra para significar o universo imaginariamente "alucinado" de uma determinada criança ou adolescente (Circe, Capítulo II). O apagamento da sua realidade psíquica (pulsional, sexual) e da sua realidade institucional faz parte destes mecanismos observados nesta clínica teratológica.

O horror que comparece aqui é da ordem da perversidade, da praticagem, e da neurose social. Estes conceitos psicanalíticos foram articulados na Nova Psicanálise de MD Magno. Eles serão aqui explicitados na tentativa de identificar a reclusão hospitalar na infância como a perversidade social por excelência.

Para se pensar a perversidade é preciso destacar como MD Magno rearticula este conceito com a Lei. O autor vai

nos dizer que a perversidade é um ato inaugural de universalização, de comando e está na estrutura do falante: "Estruturalmente, a perversidade é lançar mão de uma perversão tão válida quanto qualquer outra" não importando os interesses aí em jogo, interesses que podem ser de "sobrevivência", "bondade", "humanismo", "alteridade" - para constituí-la em lei. Para Magno, A Lei é da estrutura da perversão. Ao impor o seu ato sobre determinado grupo social, o legislador está impondo a sua perversão. Este sentido dado por Marx na "dialética do dono e do escravo" é recolocado pelo autor para se pensar a perversidade:

"Te mato mesmo porque tenho o poder do gozo e da morte, e quando faço esse ato(...) imponho à determinado grupo, num ato fundador de algum império, nada mais nada menos do que a minha perversão como lei universal. E quem ali dentro não couber ou não se adaptar num certo deslize-limite, simplesmente está a perigo de não gozar, ou mesmo de morrer"[3].

O autor mostra como é possível se pensar a perversão "para fora de todo e qualquer ressentimento da história jurídica ou médica", e pensá-la como "a constituição de um objeto, que é causa de um desejo, assim como de um significante mestre S_1 , que enquanto raiz do sintoma, é causa de um gozo e ambos como vicários substitutos do não-Haver".

Para se entender a extensão do conceito de perversidade social, trazido pela Nova Psicanálise de Magno, é preciso lembrar como ele vai reconsiderar a Lei na estrutura per

versa. Magno parte de duas importantes articulações de Lacan. A primeira é "A Lei está a serviço do desejo que ela institui pela interdição do incesto" (Écrits, p. 852) e a segunda é "A Lei não tem absolutamente nada a ver com as leis do mundo real, é simplesmente a lei do amor, quer dizer a pére-version" (Ornicar? 11 p. 7).

Magno vai então apresentar a sua articulação teórica da lei no seu Esquema Delta onde a lei se escreve $A \diamond \bar{A}$ (Haver desejo de não-Haver):

"A instalação da Lei no seio dos falantes é muito mais da ordem da propriedade econômica dos meios de produção, como Marx nos ensinou, e criticando Hegel. O Dono é aquele - Legislador de direito e de fato - que (por alguma tiquê) detém os meios de produção - e já que estamos falando de psicanálise: produção do gozo e da morte(...) Não basta reconhecer, com Maquiável, que o Estado é violência. É preciso ir um pouco mais longe, e reconhecer que a Lei, no sentido menor de sua instalação no mundo, é pura violência. Mais nada, é pura perversidade"[4].

Lacan se deteve no binômio Lei-desejo para tratar da questão da Lei na perversão. Magno vai se deter na inscrição da Lei e no seu modo de formalização:

"O que faz a passagem de uma perversão para uma perversidade é, portanto, categorizá-la como Lei. Lei sendo aí decretação da singularidade de uma perversidade. Ou seja, decreta-se que uma singularidade perversa é universalidade de uma perversidade"[5].

Magno vai ("Ousar") dizer que a perversidade é estru
turada como a Lei:

"Pelo simples fato de um sujeito determi-
nar essa universalidade e colocar todos os
outros aí dentro, ele está sendo perversista
ta. E isto, a meu ver, vem sendo empanã
do, obnubilado, durante a história, pela
vontade de poder exercida pelos perversis-
tas constituídos"[6].

É portanto na luta de "dominação" e de "sustentação
dessa dominação" que se dá a força legiferante do perversista
ta, obrigando uma "grande quantidade de falantes à impotên-
cia", ao difícil enfrentamento junto ao "feliz proprietário do
gozo e da morte".

E neurose social é isso: "uma grande massa de adeptos
do partido da neurose", se beneficiando interesseiramente,
no interesse de sobrevivência que sua neurose lhes oferece, a
indicar o lugar do perverso, tornado legislador, tornado per-
versista, como autêntico.

Neurose social é o reconhecimento de uma determinada
perversidade como sendo esta a verdadeira. As outras seriam
falsas. Magno vai dizer que é esta determinação, esta delegação
ção que vai criar por um certo tempo, uma certa paz: "eu man
do você gozar conforme eu quero e você goza. Pronto, então
fica tudo em paz — enquanto for suportável". A neurose so-
cial nada mais é do que o "regime de sustentação do fetiche,
fetiche esse elevado à categoria de regente da perversidade
social mediante sua universalização, como se fosse um imperação

tivo categórico, na medida em que ele é nomeado, esse fetiche. Ou seja: a neurose social não é outra coisa senão a famosa servidão voluntária tratada por Étienne de la Boétie — os filósofos ficam muito preocupados com o que possa ser a servidão voluntária: não é outra coisa senão a neurose social^[7].

A neurose social é tomar a lei retroativamente, me diante a legiferação do poder do perverso que a decreta, e tomá-la como direito, portanto, da ordem da distribuição dos gozos. E isso é determinar com qual perversão se vai gozar, antes mesmo de uma escolha ("a minha"). Esta constituição de um direito, este estabelecimento dos limites do desejável é que vai determinar a imposição do perversista no social.

O conceito de perversidade social, articulado por Magno* vai dar conta desta perversidade generalizada com a qual todos nós estamos de uma maneira ou de outra "comprometidos":

"... dadas a complexidade e a extrema mobilidade de informação no mundo contemporâneo, a evidente decadência de toda uma era — o que vem se instalando progressivamente e independentemente mesmo das estruturas particulares de cada sujeito (neurose, psicose, perversidade), é uma prática social como perversidade"[8].

* Magno resitua historicamente o conceito de perversão e introduz o conceito de perversidade social, pela primeira vez em 1987 na palestra "Drogas, um discurso em questão".

A praticagem social é este processo de esfacelamento das referências do mundo contemporâneo, sem conseguirmos uma "produção de fantasia nova": "Esta praticagem está se tornando perversa... A praticagem social é que me parece perversa e não esquizofrênica como diria Deleuze"[9].

A perversidade social vem nomear uma "doença social da nossa época", que se apresenta como um "fenômeno de não reconhecimento de subjetividade, nem própria, nem alheia", e de não engajamento com o outro, exatamente como o perverso, que se relaciona com o objeto, eliminando o outro no seu lugar de sujeito, de falante, e transformando o outro em objeto de seu "gozo".

Doença social, onde o neurótico é o ator do teatro da perversão, do teatro do perverso, e não o perversista legislante: "ninguém defende mais o perverso do que o neurótico... desde que seja o da paróquia dele. Perverso da outra paróquia, para ele, é um doente".

Outro aspecto que caracteriza o mecanismo da perversidade social é o escamoteamento de seu processo. Como exemplo, Magno lembra o que aconteceu ao Marquês de Sade:

"Uma biografia mais bem apurada do Marquês de Sade (...) nos mostra com toda clareza que seu atentado à ordem não foi pelo que ele fazia, pois todos o faziam, e sim por que fazia e expunha: não se incomodava de expor o modo como se fazia. Ou seja, existe um risco de trazer isso à discursividade.

Toda a perversidade social — da qual com

partilhamos com o maior prazer: é uma felicidade vermos essas crianças de morro fofidas por aí, todo mundo fica muito feliz porque se acha melhor, é óbvio: não estaria assim se as pessoas não achassem um grande barato — exige que o gozo seja feito no seu escamoteamento, pois, se tornar matéria contraditória ao escamoteamento, não é suportável"[10].

O que comparece na clínica do Círculo do Horror (Capítulo II) é dessa ordem. A Instituição, assim como o perverso, pode escamotear à vontade seus alibis, seus logros, seus fetiches, ela tem o apoio da própria função perversista da lei, do estado, da moral, da religião... A instituição hospitalar (assim como as outras) se utiliza destes mecanismos onde o não reconhecimento de subjetividade, onde o não engajamento com o outro se dá no interior desta "luta", desta dominação, do poder de sustentação dessa dominação, tornando impotente quem ficar no centro do círculo.

Esta impotência é vivida, neste caso, pela criança que é obrigada a respeitar as normas, o silêncio, e todas as imposições exercidas contra ela durante um longo, muito longo tempo. As normas, as ordens, os regulamentos associados ao silêncio, à angústia, e às noites vazias lançam a criança no mais absoluto horror: o relato em forma de bilhete, escrito com uma letra tão trêmula, dizia:

"A noite chegou... é quando eu fui ficando ansiosa pra me comunicar com a minha casa, e o que houve? Pedi para uma das pacientes chamar a tia Antônia que é a enfermeira da noite, eu queria ligar pra casa e e

la disse que ia pedir permissão para o seu chefe... e se foi... pedi para a Guta, a outra paciente pra chamar o chefe da enfermagem e ele veio quase duas horas depois, acho que mais... Aí eu perguntei porque não poderia descer para telefonar e ele disse que só amanhã, que tem o serviço social... eu respondi chorando que não precisava a autorização dele porque eu ia ligar do orelhão a cobrar e ele disse que eu tinha que aceitar as ordens e as regras do estabelecimento... aí ele ia berrando mais e mais comigo, e eu dizia; você tá errado em discutir com uma paciente, eu sou paciente quer você queira ou não, aí ele disse:

ENF.: Você tem mais é que cumprir as ordens quer você queira ou não, aqui não tem querer, porque você precisa daqui...

EU: (Chorando cada vez mais)... é... as outras pacientes ficam fazendo passeatas, bagunças por aí e eu tenho que ficar nessa droga dessa cama... Porque ?

ENF.: Me olhava com uns olhos...

EU: Eu quero telefonar, agora ! estou muito ansiosa...

ENF.: Sua ansiedade veio no horário errado, e faz-me o favor de não deixá-la vir mais nesse horário... (e foi embora)" [11].

A verdade institucional, ao se apresentar como persista, elide a diferença, elide o real sintoma da criança, seja ele qual for. A manipulação diagnóstica nem sempre é da ordem da ignorância clínica: "Aqui, se a gente chora pelas coisas da gente (é porque) já tá doente, já dão injeção".

A realidade hospitalar amparada na força do discurso institucional mantém uma criança reclusa como forma de controle dos seus meios de "produção" de objeto: "...descer para telefonar... só amanhã, que tem o serviço social... sua ansiedade veio no horário errado..."

A reclusão, no que elide a realidade hospitalar da criança a transforma num objeto da instituição. É neste sentido que surpreendemos seus médicos ao nos interessarmos por crianças reclusas: afinal até aquele momento não havia mais nada a ser feito por elas a não ser...

É a Instituição que determina com qual "sintoma" ela, a instituição, vai "gozar". "Este daqui é esquizofrênico", "este outro é vítima disso, daquilo", "este outro...".

O destino de uma criança é decidido na trama destes tantos poderes discursivos. A ordem jurídica com seu poderoso discurso decide quanto tempo uma criança deve ou não ficar hospitalizada. Amparada na lei, legiferada, cumprida, interpretada e manipulada de direito pela Instituição, a decisão é tomada sem sequer se ouvir a criança.

Foi o que aconteceu também com o estuprador da 1. O espetáculo da reclusão de Edu, e a expressão da agressão, da violência escamoteada, protegida e justificada pela lei, em forma de tratamento. Ele é retirado do centro de uma cena masturbatória infantil e denunciado como estuprador.

O que foi apagado nesta situação (clínica) foi a singularidade do seu tesão. A juíza não sabia como julgar um caso de dois menores de 18 anos que estavam de "brincanagem". É crime? Não é crime? A meritíssima atônita, se pergunta: "Mas afinal, este menino não tem patologia nenhuma?"

Uma brincanagem é tomada como crime aos olhos da fa

mília, da instituição hospitalar, da polícia, do Estado... e ele quase foi julgado pelo outro crime, também organizado. E le quase foi comido por uma sociedade que se alimenta de corpos.

Esta é a leitura, o diagnóstico de Artaud sobre a sociedade. No seu implacável e permanente julgamento, a sociedade é vista, concebida e desvelada por ele como "crime organizado e se maquiando, por vezes em suicídio"[12].

Artaud esteve dez anos recluso num hospital psiquiátrico. E foi ali que ele escreveu com sua humildade e precisão admiráveis:

"minha história não é a de uma grande personagem, é a de um homem que suou e cagou dūrante dez anos além de sua conta, e mesmo além da conta, de toda conta... É uma história de dor. Há outras histórias de dor além, mas esta é turva. Quero dizer que ela provém de uma causa que o mundo e a sociedade atual dariam tudo para manter oculta, e é em virtude disso que quero dela fālar" [13].

A sociedade vai estar presente constantemente. Artaud nos fala da sociedade em seu espetáculo, nas fibras de seu espetáculo, do grande Espetáculo que está se transformando toda a sociedade. Artaud... considerado "filôsofo das luzes" ele é contra a "grande noite" e contra o "blefe".

O que se observa como resultante nas ações e reações presentes na reclusão é o ódio, o ódio como o resto de todo investimento pulsional. É o "puxão de morte" que Magno fala,

como desejo fundamental, que orienta a sociedade do crime: "Toda neurose (individual ou coletiva) é simplesmente ódio ao positivo do Princípio do Prazer. Ou seja, o embargo negativo a toda possibilidade de SIM. Na medida em que o SIM ao possível é afirmação do "puxão" (de morte) do (Ā)..."[14].

O Horror enquanto perversidade revela esta ação e reação (família, sociedade, estado) à observação da falta. A criança doente, a criança fetiche, a criança-objeto da reclusão condensa a recusa (da castração) e o horror (da castração), ela representa o signo de um triunfo sobre a ameaça de perdas irreparáveis, ela representa o triunfo da neurose maior. A criança reclusa é o signo do crime organizado para a eliminação do lugar terceiro, ela representa o fascismo de opinião onde todos concordam, todos aplaudem o espetáculo (da reclusão) nesta "perver-cidade".

II. O ATO E A INTERVENÇÃO ANALÍTICA

E os analistas diante de tudo isso ?

Se eles são preparados para ter competência e sensibilidade de, pelo menos ler tais sintomas podendo até produzir discursos "eficazes" sobre tais fenômenos, como então supor que os analistas não se apresentem para intervir neste social ? Como então supor analistas se inibindo com o cálculo e as consequências deste horror ?

A psicanálise desde Freud, vive de pelo menos escutar toda e qualquer enunciação de desejo sem estabelecer limites a toda e qualquer modalidade (de desejo) senão aquele estabelecido pelo real. Ou seja, "reconhecimento de castração de impossível".

Tanto Lacan quanto Magno vão nos dizer que não há como estabelecer, mediante um processo de legiferação, os limites do desejável. E aí está o direito com suas leis cujo limite para o perversista é a polícia ou a guerra, ou o crime...

"A polícia do lado do poder constituído", "a guerra, do lado da contestação da lei" e o "crime organizado" do lado dos dois.

No campo da psicanálise, Magno lembra o que Lacan sofreu enquanto os "efeitos deste sintoma na própria "casa"

dos analistas: "A rigor, qual foi a questão de Lacan com a famosa IPA, e que resultou em sua expulsão, senão de denunciar a perversidade no campo da psicanálise ?"

"A Instituição psicanalítica frequentemente vive em embargos em seu funcionamento. Como "Laboratório político" a Instituição Psicanalítica precisa lutar contra o "fascismo de opinião" até no seu próprio seio:

"A psicanálise como "ATOR", "ATORIDADE", "A TORITÁRIO", na veemência de seu ato, como ato de apresentação, precisa ter muita goela, para comer e engolir tantos sapos (...) para engolir a seco tantos sapos cujas bocas encerram moscas que eles tem que engolir, de modo a constituírem todo o feitiço eficaz da perversidade social, a qual não é outra coisa senão o triunfo da neurose como omissão política radical"[16].

Como produzir um ato analítico, "ato" no sentido de "AGIEREN" utilizado por Freud, ato no sentido de jogar mas também representar, ser "ator", um ato enquanto intervenção, sem ser "linchado" ?

É Magno que mais uma vez vem nos dizer: "Escapar do linchamento social exige a prudência (e a sorte) de só apresentar a diferença quando e enquanto imediatamente rentável, isto é, capaz de rápida assimilação e reinclusão no plano do consumo sem desfiguramento da identidade, mas apenas com minina e inócua deformação"[17].

O analista ao produzir um ato (necessariamente político segundo Magno) diante do Outro, produz um "ato de apre-

sentação contra a vitória da neurose. E a perversidade social é este crime organizado contra o desejo do Outro "o desejo do homem é o desejo do Outro" (Lacan). É o crime organizado da "neurose - democrática à serviço da social - Perver-cidade"[18].

A intervenção analítica na clínica do Horror, exige uma prudência redobrada, prudência necessária para não se correr o risco de se identificar ora com um lado, ora com outro, ora tomando a causa da mãe, ora do Dr., ora da Juíza. Ou então, correr o risco de significar o passado da criança, contado apenas pela mãe ou outro familiar. Com isso a escuta analítica perde seu vigor.

Um exemplo disso é quando uma criança que está internada, pergunta: "Você ainda não sabe o que aconteceu comigo?" E a resposta pode ser mais ou menos esta: "Eu quero saber de ti a tua história".

O analista na Instituição deve necessariamente levar em conta a realidade social da criança. O objetivo da intervenção é, entre tantos, o de fazer da sua realidade um objeto de discurso e não somente uma fatia de real, susceptível a todo momento a desabamentos sobre a sua cabeça.

A criança que está submetida à violência da Instituição, está também submetida à violência de toda sociedade que nega seu lugar de singularidade.

Ela é a "menor" social e economicamente. Ela é minimizada nos seus direitos e nos seus desejos. Sua marca, sua

assinatura, não tem valor nenhum, nem para a Instituição, nem para o Estado.

Uma intervenção analítica na Instituição precisa resgatar com a criança o lugar de singularidade. Quando ela escreve um bilhete para seu doutor, ou para o diretor do hospital, esta é uma tentativa de sair do lugar de isolamento, de apagamento. Ela se apresenta ali com a sua palavra e o seu nome à procura não somente da satisfação de suas necessidades imediatas na Instituição mas comparece ali com o seu desejo, à procura de singularidade.

E o analista é muitas vezes "usado" pela criança para ser o "carteiro-mensageiro", ocupando este lugar "terceiro":

"Bom dia Dr. X - resolvi caligrafar esta cartinha para o senhor porque o tenho como meu pai, e também o gosto o máximo porque procura conceder da melhor maneira possível ao bem-estar para os pacientes que aqui se encontram. Agradeço-lhe por conceder residência aos pacientes em busca de recuperação de saúde. Irei fazer-lhe uma perguntinha: Será que terei chances em retornar a caminhar como antes? Desculpe-me por fazer-lhe esta pergunta mas ultimamente dei para sonhar caminhando. Dr. X, eu confio no senhor e na Dr^a Maria da Graça, porque vocês nos escuta com a finalidade de em tranquilizar-nos. Um detalhe que esqueci: o Dr. M. também reside no meu coração. Esta cartinha foi sugerida por mim em nome de todos os pacientes que aqui se encontram. Por eu não possuir o saber de caligrafar, pedi ajuda para uma companheira de enfermagem (que está há um tempão aqui comigo), e o ditar me pertence" [15].

O desejo da criança reclusa é este. O de saber se será reconhecida um dia, o de saber se sairá (andando!) dali um dia, daquela enfermaria que guarda no silêncio e no tempo da reclusão a sua própria morte.

A intervenção analítica precisa ser eficaz nestas horas para não se tornar mais uma impostura, mais uma violência, mais um horror idêntico a todos os outros impostos a ela e por ela sofridos.

A eficácia de uma intervenção analítica vem apontar para a própria formação deste analista. Formação e análise capazes de garantir a escuta, a sensibilidade, a prudência e a arte de fazer deste lugar, um lugar de "atoridade", dando a mínima condição para que não se esmague toda e qualquer chance de singularidade que um dia possa surgir.

CAPÍTULO III

NOTAS

- [1] TEIXEIRA DE MENEZES, GRAÇA - "A escuta do silêncio" — A escuta analítica toma o seu lugar e revela, através da palavra da criança os fantasmas da doença, da solidão e da morte... Artigo apresentado no Hospital de Clínicas em São Paulo. Outubro de 1985, e no II Congresso Brasileiro de Psicanálise/85 publicação dos Anais da Causa Freudiana. Setembro/86 e no jornal "A Gradiva" — Outubro/86.
- [2] MAGNO, MD - O Pato Lógico - Seminário sobre a P-versão (1979).
- [3] ——. Est'ética da Psicanálise (1989).
- [4] Idem, Ibid., p. 143.
- [5] Idem, -Ibid., p. 151.
- [6] Idem - p. 151.
- [7] ——. Est'ética..." A transferência e o social, ou a Goela da Neurose".p. 3 [originais]; 1992.
- [8] ——. "Sem Drogas, um discurso em questão"(1987).

- [9] MAGNO, MD - "Sem Drogas, um discurso em questão" (1987)
- [10] ——. Est'ética..." (1991)
- [11] Este bilhete foi escrito por uma menina de 12 anos que passou um longo período (3 anos ?) reclusa, longe dos pais que moravam no interior de São Paulo.
- [12] SOLLERS, P. - "Artaud contra o espetáculo" - artigo publicado em Art Press 155, fevereiro 1991 e traduzido para o Boletim Dois, nº 6, Set. 1991.
- [13] Ibid., p. 294 - 295.
- [14] MAGNO, MD. Seminário (19/1/91) - "A Transferência e o Social".
- [15] Carta escrita por uma menina de 15 anos, reclusa no mesmo hospital há 9 anos.
- [16] MAGNO, MD - "A transferência e o social...". Seminário 19/11/91. (manuscritos originais). P.5.
- [17] Idem, p. 6.
- [18] Idem, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, G. - Instituição e Poder: a análise concreta das relações de poder nas instituições. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1986.
- ALTHUSSER, L. - L'Avenir dure longtemps, Éditions Stock/IMEC, Paris, 1992.
- ALTOÉ, S. - Infâncias perdidas. O cotidiano nos internatos -prisão. Ed. Xenon, Rio de Janeiro, 1990.
- ANALYTICA - Vol. 28 - L'autre pour l'enfant dans la cure Psychanalytique. Navarines Éditeur, Paris, 1984.
- BARTHES, R. - Fragmentos de um discurso amoroso. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988.
- BECCARA, C.B. - Dos delitos e das penas. Ediouro, Rio de Janeiro, 1989.
- BÁRDBURY, R. - El país de Octubre. Ed. Minotauro, Buenos Aires, 1972.
- . Las doradas manzanas del sol. Ed. Minotauro. Buenos Aires, 1967.
- BRUNO, A. - Direito penal. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1984.
- CLARK, L. - Meu doce rio - Edição de bolso. Paris, 1975.

- DIMENSTEIN, G. - Meninas da noite. Ed. Ática, São Paulo, 1992.
- DOLTO, F. - L'image inconsciente du corps. Ed. Seuil, Paris, 1984.
- . - Dialogues Québécois. Ed. Seuil, Paris, 1987.
- DOLTO, F. et NASIO, J.D. - L'enfant du Miroir. Ed. Rivages, Paris, 1987.
- DONZELOT, J. - Famille et pouvoir - Le corps politique - La sexualité dans les institutions. Ed. Payot, Paris, 1975.
- DOR, J. - Structure et perversions. Ed. De Noël, Paris, 1987.
- . - O Pai e sua função em Psicanálise. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1991.
- FOUCAULT, M. - História da violência nas prisões, em: Vigiar e Punir. Ed. Vozes, Petrópolis, 1977.
- . - Microfísica do Poder. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1982.
- . - Histoire de la folie. Union Générale D'editions, Paris, 1964.
- . - La Arqueologia del Saber. Siglo XXI Editores, México. 1970.
- FREUD, S. - Tres Ensayos... (1905). Obras Completas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.

- FREUD, S. - La perda de la realidad en la neurosis c.. O
bras Completas. Tomo III. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid,
1973.
- . - (1908) La moral sexual "cultural". Obras Completas.
Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- . - (1919). Pegan a un niño. Obras Completas. Tomo II. Ed.
Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- . - (1914/15). Observaciones sobre el amor de transferen
cia. Obras Completas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Ma
drid, 1973.
- . (1914). Recuerdos, repeticion y elaboracion. Obras Com
pletas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- . - (1914). Un Recuerdo infantil de Leonardo de Vinci. O
bras Completas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid,
1973.
- . - (1912). La dinamica de la transferencia. Obras Com
pletas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- . - (1909). Analisis de la fobia de un niño de cinco
años. Obras Completas. Tomo II. Ed. Biblioteca Nueva, Ma-
drid, 1973.
- . - (1916/17). Teoria general de las neurosis. Obras Com
pletas. Tomo II. itens XVI, XVII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI,

- XXVII. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- FREUD, S. - (1888/89). Estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas. Obras Completas. Tomo I. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- . - (1898/99). La interpretación de los Sueños. Obras Completas. Tomo I. Ed. Biblioteca Nueva, Madrid, 1973.
- GUIRARDO, M. - Mãos armadas (artigo). Jornal do Federal - CFP Ano VII. nº 32. Nov/Dez. 1992.
- GRIMAL, P. - Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romane. Ed. S.P.A.D.E.M., Paris, 1969.
- JOYCE, J. - Ulysses. Ed. Penguin Books, United Kingdom, 1973.
- LACAN, J. - D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose - em *Écrits*, Ed. Seuil, Paris, 1966.
- . - Le Transfert. Seminário VIII. Ed. Seuil, Paris, 1991.
- . - Subversion du sujet et dialectique du désir dans L'inconscient freudien - em *Écrits*, Seuil, Paris, 1966.
- . - Le meurtre de l'enfant et l'impasse des civilisations. *Scilicet* nº 4, Ed. Seuil, Paris, 1973.
- . - Discours prononcé à l'E.F.P. (6.12.67) Ed. Seuil, Paris, 1973.

- LACAN, J. - Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je - em *Écrits*. Ed. Seuil, Paris, 1966.
- . - O lugar do analista, em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- LAURA, L. - *Lectures des perversions*. Ed. Masson Paris, 1979.
- LECLAIRE, S. - *Signe. O amor de transferência em Mata-se u ma criança*. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1977.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. - *Vocabulário de Psicanálise*. Moraes Editores. Lisboa, 1970.
- MAGNO, MD. - *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Seminário publicado em *O Sexo dos Anjos*. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1988.
- . - *Ludus angelurum* - em *De Mistério Magno*, Aoutra Editora. Rio de Janeiro, 1990.
- . - *O de seu, entre as sereias e o Mastro*, em *De Mistério Magno*. Aoutra Editora, Rio de Janeiro, 1990.
- . - *A Nova Psicanálise* - em *De Mistério Magno*. Aoutra Editora. Rio de Janeiro, 1990.
- . - *A Lei do Para-Iso em Est'ética da Psicanálise*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- . - *Perversidade e Megalegoria*, em *Est'ética da Psicanã*

- lise. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- MAGNO, MD. - Drogas, um discurso em questão. Dois, nº 8. Boletim Interno do CFRJ, 1992.
- . - Aquela pedra no sapato de Freud, I - em Est'ética da Psicanálise. 2. Dois, Boletim Interno do CFRJ, 1992.
- MENEZES, A.M. - Haver Narcisismo. Ed. Aoutra, Rio de Janeiro, 1991.
- MENEZES, G.P.T. - A Escuta do Silêncio. Anais do IIº Congresso de Causa Freudiana. CFRJ. Rio de Janeiro, 1986.
- NASIO, J.D. - Les yeux de Laura. Ed. Aubier. Paris, 1987.
- . - A Transferência em seu princípio - o paradoxo do traumatismo, em Nos limites da transferência. Ed. Papirus, São Paulo, 1987.
- . - A aproximação psicanalítica do suicídio, texto de Patrick Ijion em Nos limites da transferência. Ed. Papirus, São Paulo, 1987.
- PATIO, nº 6 - L'enfant dans la psycanalyse. Ed. de l'Eclat, Normandia, 1986.
- PERROT, M. - L'enfance corrigé - De L'enfance coupable a l'enfance en danger, em Sur la Ségrégation de L'enfance au XIX^e Siècle, Payot, Paris, 1972.

- PLATÃO - O Banquete ou Do amor. Difusão Editorial, São Paulo, 1986.
- RILKE, R.M. - Poésie Oeuvres 2. Ed. Seuil, Paris, 1972.
- ROSA, G. - Primeiras Estórias. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1969.
- SADE, M. - Faxelange ou os males da ambição. Ed. Presença. Lisboa, 1972.
- SAFOUAN, M. - A transferência e o desejo do analista. Ed. Papirus, São Paulo, 1988.
- . - Jacques Lacan et la question de la formation des analystes, Seuil, Paris, 1983.
- SALOMÉ, L.A. - L'amour du narcissisme. Ed. Gallimard, Paris, 1980.
- SMIRGEL, C.J. - Étique et esthétique de la Perversion. Ed. du Champ Vallon, Paris, 1984.
- SOLLERS, P. - Femmes. Ed. Gallimard, Paris, 1983.
- TROBAS, G. et alli. - Clinique différentielle des psychoses. Rapports de la Rencontre Internationale. 1988 du Champ Freudien à Buenos Aires. Ed. Navarin, Paris, 1988.
- VERDIGLIONE, A. - La Sexualité dans les institutions. Petite Bibliothèque. Payot, Paris, 1975.

WALLON, H. - L'evolution psychologique de l'enfant. Ed. A. Colin, Paris, 1941.

WINNICOTT, D.W. - Therapeutic Consultations in Child Psychiatry. Ed. The Hogarth Press, London, 1971.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RIO, pelo
aluna MARIA DA GRAÇA PIZÁ TEIXEIRA DE MENEZES, intitulada "O Círculo do
Horror: A Reclusão hospitalar na Infância: Uma proposta de Intervenção
Psicanalítica". Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes profes-
sores:

Maria Eucharis Motta

Maria Eucharis Motta
Profa. Orientadora
PUC/RIO

Esther Maria de M. Arantes

Esther Maria de M. Arantes
Profa. PUC/RIO

Clare Isabella Paine

Clare Isabella Paine
Psicóloga

Circe Navarro Vital Brazil

Circe Navarro Vital Brazil
Profa. PUC/RIO

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 09 de Março de 1993.

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de Teo-
logia e Ciências Humanas.